

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JOSÉ CARLOS FERRIGNO

O CONFLITO DE GERAÇÕES:

***Atividades culturais e de lazer como estratégia de
superação com vistas à construção de uma cultura
intergeracional solidária.***

SÃO PAULO

2009

JOSÉ CARLOS FERRIGNO

O CONFLITO DE GERAÇÕES:

***Atividades culturais e de lazer como estratégia de superação
com vistas à construção de uma cultura
intergeracional solidária.***

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da USP como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Doutor em Psicologia**

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira

JOSÉ CARLOS FERRIGNO

O CONFLITO DE GERAÇÕES:

Atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária.

BANCA EXAMINADORA

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

(nome e assinatura)

Tese defendida e aprovada em ____/____/____

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ferrigno, José Carlos.

O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária / José Carlos Ferrigno; orientador Paulo de Salles Oliveira -- São Paulo, 2009. 253 p

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Conflito de gerações 2. Família 3. Infância 4. Adolescência 5. Velhice 6. Lazer I. Título.

HM726

Resumo

Em uma sociedade complexa do ponto de vista econômico e cultural como a nossa, mediada por fatores como classe social, gênero, etnia, meio urbano ou rural, o relacionamento entre as gerações assume diferentes formas dentro e fora da família. Há, sem dúvida, importantes esquemas de cooperação intergeracional no seio familiar e em outros espaços sociais. Todavia, distanciamento, estranhamento, preconceitos recíprocos ou até mesmo conflitos, são frequentes entre pais e filhos, avós e netos e, de modo geral, entre jovens e velhos em várias situações do cotidiano. Neste estudo analisamos o relacionamento entre diferentes gerações no exercício compartilhado de atividades culturais e de lazer em uma instituição social: o SESC São Paulo. A idéia surgiu da necessidade de avaliação da eficácia de um programa de atividades intergeracionais que tem por meta a co-educação e o desenvolvimento da solidariedade entre gerações. Esta pesquisa procurou demonstrar, baseada em entrevistas com crianças, jovens e idosos envolvidos em atividades intergeracionais, e das observações dessas interações, que programas de caráter lúdico podem se constituir como um dos caminhos para a superação de conflitos entre gerações, ao promoverem a formação de amizades entre velhos e moços e o desenvolvimento de uma cultura intergeracional solidária.

Palavras-chave: conflito de gerações; família; infância; adolescência; velhice; lazer.

Abstract

In an economically and culturally complex society such as ours, permeated by factors such as social class, gender, ethnicity, urban/rural environment, the relationship between generations takes different forms within and outside the family. There are undoubtedly important mechanisms of intergenerational cooperation within the family and within other social spaces. However, detachment, estrangement, mutual prejudices, or even conflicts are frequent between parents and children, grandparents and grandchildren and generally between young and elderly people in many everyday situations. The idea behind this study was to analyze the relationship between different generations of people sharing cultural and leisure activities side by side in a social institution: the SESC São Paulo. This idea arose from the need to evaluate the effectiveness of an intergenerational activity program that aims to promote co-education and develop solidarity between generations. Based on interviews with children, young people and elderly people who were involved in intergenerational activities, as well as on observations of their interactions, this research sought to demonstrate that programs of a ludic nature can be one of the ways to overcome conflicts between generations, since they foster friendships between elderly people and young people and promote a culture of intergenerational solidarity.

Keywords: conflict of generations, family, childhood, adolescence, old age; leisure.

AGRADECIMENTOS

À direção do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio de São Paulo, SESC SP, pela disponibilização de condições para esta pesquisa.

Aos colegas de trabalho, Beth, Carla, Celina, Cláudio, Lilia, Marta e Regina pelo apoio e solidariedade.

Ao meu orientador Paulo de Salles Oliveira, pelo incentivo e pela orientação competente.

Às professoras da banca examinadora, Ecléa Bosi, Suzana Aparecida da Rocha Medeiros, Maria Inês Assumpção Fernandes e Ruth da Costa Lopes, pela atenção e interesse por este estudo.

À professora Maria Inês Assumpção Fernandes pela agradável e produtiva conversa acerca desta pesquisa.

Aos educadores do SESC SP pela afetiva acolhida em seus locais de trabalho, pelas condições oferecidas para a realização das observações e das entrevistas e pelos ricos depoimentos fornecidos.

Às crianças, aos adolescentes, aos jovens adultos e aos adultos idosos por confiarem a mim o relato de suas experiências de relacionamento com outras gerações.

À Regina, Carol, Mayra e Iracema pela vibrante torcida e pelas boas energias que me transmitiram.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
------------------------	-----------

CAPÍTULO I – As Novas Formas de Envelhecer e as Novas Possibilidades de Relacionamento entre as Gerações

- Os idosos hoje: numerosos, participativos e reivindicativos.....24
- Gerações em conflito e cooperação por recursos e direitos.....32
- Uma nova imagem de velhice e seu efeito sobre os jovens.....36
- Os velhos aprendendo e ensinando às novas gerações.....44
- A Situação da Juventude Contemporânea.....51
- A questão da intergeracionalidade e o conceito de geração.....55
- O convívio das gerações construído ao longo da história.....60
- O relacionamento entre as gerações em nossos dias.....62
- As mútuas resistências e rejeições. O preconceito etário.....69
- O crescente interesse pelos programas intergeracionais.....79
- O SESC Gerações e a pesquisa sobre conflitos intergeracionais.....84

CAPÍTULO II – O Conflito Entre as Gerações

- Uma breve reflexão sobre a idéia de conflito.....89
- O conflito de gerações hoje. A família como palco principal.....94
- As diferentes formas de percepção e apropriação do tempo.....118
- Como foi feito e o que pretendeu este estudo.....123
- Motivos mais freqüentes de conflitos entre gerações.....129
- Conflitos entre idosos e jovens nos espaços de lazer.....135

CAPÍTULO III – Caminhos para a superação dos conflitos. Cooperação e solidariedade. O lúdico como forma de socialização.

- Os vários cenários para o encontro de gerações.....138
- Estratégias de aproximação: diálogo e amizade.....142
- A socialização nas atividades de lazer e cultura.....161
- As possibilidades do lazer para aproximar velhos e jovens.

Algumas experiências significativas.....167

- Condições facilitadoras para a interação intergeracional.....186
- Administrando processos intergeracionais. Níveis de integração.....191
- A educação do educador e o estratégico papel do animador cultural195
- Considerações finais e algumas indagações sobre o futuro das relações intergeracionais.....200

Referências bibliográficas.....215

Anexo I – Roteiros de Entrevista.....230

Anexo II – Síntese das Análises de Entrevistas.....238

Anexo III – Uma senhora escreve sobre solidariedade entre gerações 250

INTRODUÇÃO

Após o cumprimento de certo percurso de experiências vividas, surge a vontade e a necessidade de seu relato. Para esse registro nos pautamos pela escolha das palavras mais capazes de transmitir nossas impressões, tarefa que exige a boa solidão para o exercício das lembranças. Empreendimento que solicita humildade e paciência quando se constata a impossibilidade de transmitir integralmente tudo o que se passou, já que sempre persiste algo de inominável, algo sem representação possível. Mário Quintana nos lembra da perene presença do inefável a nos acompanhar pela vida afora, quando diz:

“A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita”
(Mário Quintana, “A Coisa”)

Mas, sobrepujando temores e obstáculos, o desafio é excitante e a promessa de uma exitosa viagem nos encanta. Quando comecei a trabalhar com pessoas idosas no início dos anos 80, contava 28 anos de idade e os problemas relativos à velhice eram ainda abstratos para mim. Quando somos jovens nosso futuro é sentido como infinito e a vida parece eterna. Nessa fase não conseguimos nos imaginar como velhos. Aliás, não nos esforçamos nem um pouco para isso, é um assunto que não nos importa. No entanto, ainda que distante da subjetividade da velhice, já naquela época via com simpatia as pessoas idosas e me solidarizava com elas. Por isso, me dispus a trabalhar com essa população.

Ao longo dos anos tive o privilégio de ouvir muitas histórias dos idosos, quer em situações informais do convívio diário, quer em contextos mais formalizados como a inesquecível experiência de coordenar durante vários anos grupos de reflexão sobre o envelhecimento, cuja análise foi realizada em outro trabalho (FERRIGNO, 1998). Nessas reuniões semanais, as histórias, repassadas de emoções, se remetiam aos problemas do dia a dia no âmbito familiar, no trabalho ou no círculo de amizades. Também saboreei histórias de um passado distante, memórias de infância dessas pessoas nas quais a vida no bairro e na cidade foi descrita em detalhes reveladores de cenários e paisagens perdidas em nome do progresso.

Esses encontros atendiam a uma imperiosa necessidade dos idosos: serem ouvidos. O silêncio imposto aos velhos pelos valores cultuados por uma sociedade que tem muita pressa faz da velhice uma etapa difícil de ser vivida. Mas, independentemente dessa restrição à palavra, é possível notar que há entre os mais velhos um indisfarçável prazer no exercício das lembranças. A disponibilidade de tempo e a motivação em recordar estão presentes em muitos idosos. A evocação de fatos antigos talvez seja importante para que reorganizem suas vidas e se repositionem num mundo tão diferente daquele em que viveram na juventude. A recuperação da autoestima e a reconstrução de sua autonomia, provavelmente passam também pela reconstituição de suas lembranças.

Curiosamente, como a unidade do SESC em que essa experiência foi encetada localiza-se no centro velho de São Paulo, e como vários idosos pertencentes a esse grupo de reflexão foram moradores ou trabalhadores dessa região central, muitas e interessantes histórias tiveram como cenário, locais como Praça de Sé, Rua Direita, Parque D. Pedro, Pátio do Colégio.

Outros bairros não foram esquecidos, principalmente os mais antigos como Brás, Mooca e Bela Vista.

Dessas pessoas fui um aluno privilegiado. Conheci pontos de vista inusitados sobre a história de minha cidade. Viajei com eles no tempo e me pus a imaginar as cenas e as paisagens que descreviam. O cine Santa Helena na Praça Clóvis Bevilacqua (ambos não existem mais, nem a praça, tampouco o cinema), o antigo Viaduto do Chá, as lojas elegantes da Rua Barão de Itapetininga, os passeios pela Praça da República, o movimentado comércio da Rua Direita.

Ocorre que, aos poucos, o nosso próprio envelhecimento vai impondo sua presença. Inexoravelmente a passagem do tempo torna-se mais e mais perceptível nas marcas de nossos corpos e no modo como nos vêem e nos tratam, na família, no trabalho e em outros espaços sociais. Novas funções, novos papéis e novo estilo de vida reconfiguram nosso cotidiano.

Essa percepção, todavia, não se dá sem alguma resistência, tenhamos dela consciência ou não. A velhice não é uma fase cobiçada, não é um projeto de vida. Quando penso no assunto, sou tentado a buscar razões para essa dificuldade de percepção de nosso próprio envelhecimento. Os mecanismos de negação da realidade são bem conhecidos pela psicologia. Negar o envelhecimento é defender o ego de uma série de ameaças reais e imaginárias a fim de preservarmos nossa auto-estima. Mas, que outras explicações poderíamos encontrar para esse comportamento? Recordo-me da idéia freudiana de atemporalidade do inconsciente e da permanência do desejo. Ângela Mucida expõe uma visão psicanalítica sobre o envelhecimento:

Na análise só existe um sujeito, o sujeito do inconsciente, e este não envelhece. Tratando-se da realidade psíquica, não existe diferença entre um fato passado e um atual. O sintoma sinaliza a atualidade do passado, e o que importa na indicação de análise é a forma como o sujeito se coloca frente à falta do Outro e sua relação com o desejo, que não é determinado pela idade e, muito menos, pela 'quantidade de material psíquico' (...). O conceito de pulsão é avesso a qualquer noção desenvolvimentista (MUCIDA, 2006, p.18).

Talvez porque nosso inconsciente não possua a noção de tempo, sejamos tocados por aquela estranha e bem subjetiva sensação de que “por dentro” somos sempre os mesmos, mesmo que “por fora” haja o peremptório desmentido do espelho. Corroborando esse pensamento, recordo-me de um depoimento de uma senhora, freqüentadora do SESC:

“Por dentro não me sinto velha. Só quando olho no espelho é que eu vejo um ‘cenário meio despencado’ (ri). Eu faço as mesmas coisas que fazia com 30 anos. Não sinto a velhice. Só quando me olho no espelho, aí você vê o corpo já deformado pela idade e aquela coisa toda. Mas a cabeça é de jovem. Tem hora que eu nem me sinto velha. E assim são muitas pessoas da terceira idade. Por dentro dá impressão que o tempo não passou. Às vezes, por exemplo, você quer pegar um elevador e apressa um pouco o passo, aí você vê que teu corpo não acompanha. Mas a cabeça já foi, é um relâmpago, o pensamento voa. Na feira, você já não pode comprar cinco quilos, compra dois quilos de fruta e já leva para casa porque depois você sente o peso quando vai pegar o ônibus”
(Dona Elisa).

Para Sartre (1998, p. 129), em sua visão fenomenológico-existencialista, nossa consciência e nossa identidade são estabelecidas no encontro dos indivíduos, marcado pelo olhar do Outro. No contato entre os seres é que ocorre a identidade e o sentido do Ser. Há uma corporeidade na

constituição dessa identidade, pois o corpo é a conexão entre o si mesmo e o mundo. Ter um corpo ou ser um corpo? Nessa perspectiva, a percepção do próprio corpo implica colocar-se em um lugar, em um tempo, com os limites e possibilidades demarcadas pelo real.

Simone Beauvoir (1990, 347-361) igualmente lembra que nosso envelhecimento nos é informado primeiramente pelo outro e, muitas vezes, de forma surpreendente. Rubem Alves (2001, p. 18-23) conta um ilustrativo e bem humorado episódio por ele vivido em um vagão do metrô. Uma bela jovem o observava atentamente, dele não desviando o olhar mesmo quando ele a viu. Entusiasmado, imaginou-se por ela desejado até que a moça, preocupada com sua condição física, oferece-lhe o lugar em que estava sentada, pondo fim às ilusões do escritor.

Lembro-me de outra história que ouvi a respeito de um homem que teve abruptamente revelada a sua velhice que teimava em fugir de seus olhos. Dois meninos jogam bolinha de gude, apreciados por esse cidadão. Em dado momento, uma das bolinhas é lançada para mais longe. Um dos garotos pergunta, então, ao outro: “para aonde foi a bolinha?” O outro responde: “está no pé daquele velho”, para grande susto do nosso protagonista. Parece que somos assim repentinamente avisados de que estamos envelhecendo. Pistas deixadas pelas novas formas de tratamentos que nos são dispensadas pelas gerações mais jovens, como: “tio”, “tia”, “senhor”, “senhora”, mais tarde vô, vó... são sinalizações que nos informam sobre a transposição dos diversos umbrais que compõem o ciclo da vida.

A propósito, penso no intrigante jogo de permanência e mudança em nossas estruturas psíquicas que torna tão problemático o conceito de identidade e a tentativa de saber quem somos uma empreitada heróica que,

mantida a lucidez, pode durar até nosso último suspiro. A chamada “crise de identidade” certamente não é um fenômeno restrito à adolescência, pode ocorrer em qualquer etapa da vida, na meia idade e na velhice inclusive. É ainda Simone de Beauvoir que nos agita, ao estranhar o fenômeno do envelhecimento e se interrogar: *Será que me tornei, então, outra, enquanto permaneço a mesma?* (BEAUVOIR, 1990, p. 348)

A experiência do próprio envelhecimento vai nos proporcionando uma visão menos idealizada da vida, na medida em que os horizontes vão se encurtando e as limitações tornando-se mais palpáveis. Tornamo-nos mais seletivos, menos influenciáveis. Movidos por uma orientação interna, ficamos singulares, fenômeno que Carl Jung chamou de *individuação* (JUNG, 1972, p. 198). Progressivamente conscientizamos-nos dos muitos enigmas que pairam sobre essa fase da vida, pois, apesar dos esforços para a revelação dos segredos da velhice, o real se mostra sempre inapreensível em sua totalidade.

Daquela época de juventude até o presente momento, trabalho em uma instituição cultural junto a um público formado por pessoas idosas nucleadas no chamado Trabalho Social com Idosos, programa de atividades culturais e de lazer voltado aos maiores de 60 anos de idade. Apesar do longo percurso na área, pertenço a uma segunda geração de gerontólogos brasileiros. Meus antecessores iniciaram sua atuação nos anos 60 e 70 e, como pioneiros, enfrentaram ainda mais dificuldades na sensibilização de pessoas e instituições em relação aos problemas da velhice. Hoje, passadas quase três décadas de atuação, além das leituras e das trocas de experiências profissionais, busquei, sobretudo, acumular observações do comportamento dos idosos durante suas atividades sociais para, a partir dessas condutas, descobrir e tentar compreender valores e atitudes. Em

minha memória e nos registros de investigações, colecionei depoimentos dos chamados “envelhescentes”, expressão em voga. Guardo essas confidências como se guarda um tesouro constituído por um rico acervo de valores morais, pensamentos sobre o cotidiano, intuições relativas ao futuro e sentimentos diversos, forjados em momentos de alegria e de sofrimento. Sou grato àqueles que a mim confiaram suas mais íntimas vivências, quer em situações mais formalizadas de pesquisa, quer na informalidade dos bate-papos, quase sempre em um clima descontraído que só a confiança, o afeto, o respeito mútuo e, em suma, a amizade, podem engendrar.

Como forma de reconhecimento pelas muitas lições aprendidas e como retribuição pela possibilidade do aprendizado, empenho-me para que minhas reflexões possam modestamente contribuir para a discussão dos caminhos a serem seguidos para um melhor atendimento aos velhos, tanto na família, quantos nas instituições e na sociedade, de modo geral. Creio que essa postura tem algo a ver com o que nos ensinou Erik Erikson sobre o sentimento da generatividade (ou geratividade, segundo alguns) próprio de uma fase mais madura da vida, sentimento que idealmente deve se sobrepôr à estagnação e à auto-absorção (reproduzindo os termos utilizados pelo autor), possibilidades sombrias, mas possíveis desse momento da existência. Erik Erikson nos legou uma teoria em que o ciclo de vida é dividido em estágios etários marcados por determinadas características psicológicas e cuja superação é crucial para o desenvolvimento humano. Generatividade para ele significa “*procriatividade, produtividade, criatividade e, portanto, a geração de novos seres, novos produtos e idéias*” (ERIKSON, 1998, p. 59). Claro está que a fertilidade de idéias e de ações não é apanágio dos mais velhos, tampouco a chamada sabedoria como nos mostram as pesquisas de Paul Baltes (2006, p. 7-31), mas nos velhos há o

enriquecedor e decisivo componente da experiência. Creio que é com o espírito de doação e desprendimento que devemos envelhecer.

Os Velhos e as Novas Gerações

A problematização do envelhecimento humano nas últimas décadas, ou seja, a transformação do fenômeno da velhice em objeto de estudo das ciências biológicas e sociais, nos parece, entre outros fatores, causa e conseqüência de uma nova imagem do velho na sociedade contemporânea. Nesse contexto de incentivo à integração social do idoso temos assistido a um incremento de ações intergeracionais em áreas como trabalho voluntário, educação, cultura e lazer, nas quais a expectativa é a de que, além das gerações diretamente envolvidas nesse convívio, toda comunidade possa ser beneficiada.

A idéia da presente pesquisa nasceu de um processo de avaliação de uma ação intergeracional: o *SESC Gerações*, programa de atividades culturais e de lazer mantido pelo SESC São Paulo, desde o ano de 2003. Não somente os acertos, mas principalmente as falhas e as dificuldades me motivaram a empreender essa reflexão. Aproximar gerações em uma sociedade que as distanciou progressivamente ao longo de várias décadas não é tarefa simples. Mas, é preciso aceitar o desafio.

A justificativa, pois, para a construção desta tese é a existência indisfarçável de resistências, rejeições, recusas e, no limite, conflito explícito entre as gerações. Ao estudar o conflito de gerações, tentei refletir sobre suas causas e conseqüências, compreender sua relação com outros conflitos sociais, delimitar seu alcance na família e na sociedade. Veremos que há autores que consideram existir uma certa mitificação de tal conflito,

relativizando sua importância. Outros, ao contrário, consideram importante tal reflexão e intervenção, acreditando ser esse o caminho para a construção de relações sociais solidárias. Cotejaremos essas diferentes visões somando-as aos depoimentos de nossos sujeitos e às nossas observações de campo.

O primeiro capítulo, *As Novas Formas de Envelhecer e as Novas Possibilidades de Relacionamento entre as Gerações*, pretende contextualizar as relações intergeracionais na contemporaneidade, preparando o terreno para a discussão posterior sobre os conflitos entre jovens e velhos. Nele, analiso causas e conseqüências da explosão populacional dos velhos em praticamente todo o planeta, fenômeno surgido no século XX e inédito na história da humanidade. Alguns dados demográficos mais expressivos no Brasil e no mundo situam o leitor nessa nova conjuntura. Como causa, mostro a combinação de fatores como retração da natalidade, melhoria do saneamento básico, diminuição da mortalidade infantil, sucesso no combate a doenças crônicas e fenômenos migratórios localizados. Como conseqüência, destaco o impacto sobre o sistema previdenciário, o aumento do peso político eleitoral dos velhos, o incremento de sua participação na sociedade e na família, entre outros novos fatos como o desenvolvimento do conhecimento científico relativo à velhice e ao processo de envelhecimento. A situação da juventude contemporânea também é objeto de reflexão. Variada e contrastante, como a velhice, talvez devêssemos falar em juventudes, dada a diversidade de condições de vida do jovem brasileiro. Ainda nesse capítulo apresento um histórico de ações intergeracionais dentro e fora do Brasil e, mais especificamente, uma apresentação da experiência que desencadeou esta pesquisa: o programa *SESC Gerações*.

O capítulo II, *O Conflito Entre as Gerações*, é aberto com uma breve discussão sobre a própria noção de conflito e como ele é percebido e trabalhado em várias áreas do conhecimento. Esse breve intróito me pareceu necessário para que pudesse desembocar no foco deste estudo: situações de conflitos e esquemas de cooperação em pequenos grupos, importante objeto da psicologia social. A seguir, há uma análise do conflito de gerações na sociedade de hoje. Reflexão essa sobre uma presumida universalidade do conflito de gerações, bem como suas especificidades culturais e sua relação com as questões do poder na família e na sociedade. Para essa análise recorri a contribuições de autores como Freud, Claudine Donfut, Mead e Enriquez. Em seguida, exponho a metodologia empregada para a realização desta pesquisa, como e porque foi assim concebida e seus objetivos. Explicito a influência dos caminhos investigativos adotados por autores como Ecléa Bosi e Paulo de Salles Oliveira. A partir dos resultados dos levantamentos junto aos sujeitos da pesquisa e demais fontes utilizadas, tento uma compreensão maior sobre as diversas formas sob as quais se apresenta o conflito das gerações na família e na sociedade.

O terceiro e derradeiro capítulo intitula-se *Caminhos para a superação dos conflitos. Cooperação e solidariedade. O lúdico como forma de socialização*. Essas ponderações se dão com base nos resultados da análise das entrevistas com participantes das oficinas intergeracionais realizadas no SESC, entrevistas com educadores dessa instituição e, ainda, da análise das observações do comportamento de jovens e velhos nessas mesmas atividades e em outras situações informais. Amparei-me em diversos conceitos de lazer e de educação permanente concebidos por diferentes autores. O sentido do brincar em crianças e adultos e a importância da ludicidade para o ser humano fazem parte dessa discussão. Proponho, então, idéias sobre como planejar, acompanhar e avaliar

atividades intergeracionais com vistas à otimização de resultados concretizados na emergência de atitudes solidárias entre moços e velhos. Finalmente, discuto o estratégico papel do animador cultural, profissional chave em instituições de lazer. Discuto sua formação e sua atuação na coordenação de grupos multietários. Ressalto a importância de se investir na educação do educador. Finalmente reflito sobre as possibilidades de cooperação nas relações intergeracionais.

Neste trabalho defendo a tese de que as atividades de lazer, expressas nas mais variadas formas culturais (música, teatro, literatura, cinema, atividades físicas, cultura popular, meio ambiente), entre outras, guardam considerável potencial para aproximar as diversas gerações, como crianças, adolescentes, jovens adultos, pessoas de meia idade e idosos. Em outras palavras, afirmo que as atividades de lazer podem se constituir efetivamente como uma estratégia de aproximação.

Aliás, a importância da aproximação das gerações, com vistas à criação de um convívio solidário, e o lazer como um possível recurso para esse objetivo são tematizados em uma breve reflexão empreendida por Dona Letícia, idosa que frequenta as atividades intergeracionais no SESC de Piracicaba, interior de São Paulo. Esse escrito, que se encontra em anexo, foi feito em 1994, época em que a questão da intergeracionalidade ainda não objeto de muita preocupação entre especialistas e instituições sociais. Dona Letícia, grande incentivadora de programas de integração intergeracional, ao saber de minha pesquisa, gentilmente ofereceu-me este texto para divulgá-lo e aqui o mostro porque revela a lucidez e a boa vontade de uma pessoa idosa para com as novas gerações. Ainda nesse capítulo, procuro mostrar também que determinados cuidados de procedimentos nas fases de planejamento, execução, acompanhamento e avaliação de tais experiências

são essenciais para o sucesso de tais iniciativas, sucesso concretizado no efetivo desenvolvimento de relações de confiança e amizade entre jovens e velhos.

Em suma, na realização deste estudo recorri a diversas fontes para compor esta reflexão, além de autores das diversas áreas do conhecimento, entrevistei os protagonistas diretos das experiências intergeracionais que estudei mais diretamente entre 2006 e 2009 nas dependências do SESC São Paulo. Foram realizadas entrevistas abertas, constituídas por longas conversas nas quais os sujeitos encontraram oportunidade para rememorar suas histórias de cooperação e conflito dentro e fora de suas famílias e para refletirem sobre suas vivências atuais com outras categorias etárias, principalmente no SESC Gerações, vinculados que são todos eles a esse programa de atividades intergeracionais.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas abertas realizadas com base em roteiro previamente testado e cuja forma definitiva encontra-se no Anexo I. Entre os participantes das atividades oferecidas, foram entrevistadas 14 pessoas distribuídas entre crianças, adolescentes e idosos. Os entrevistados, com seus pseudônimos foram os seguintes, começando pelos 8 jovens: Ricardo, 10 anos; Bruna, 10; Marina, 11; Paula, 12; Rodrigo, 12; Karina, 14; Tadeu, 12; Luciana, 16. O grupo de idosos foi constituído por 6 pessoas: Sonia, 66 anos; Maria, 68; Osvaldo, 72; Jussara, 75; Aline, 75; e Lineu, 85. Também foram entrevistados 7 professores, cujas idades variaram entre 35 e 47 anos: Renata, 40 anos; Ronaldo, 47; Carmem, 45; Flávio, 42; Vera, 38; Mônica, 35; Amanda, 45. O depoimento dos professores nos pareceu imprescindível já que planejaram, executaram e acompanharam o desenrolar das atividades. São profissionais que possuem uma rica experiência no acompanhamento de processos grupais, e que em seus

depoimentos generosamente também me forneceram suas próprias vivências intergeracionais durante as várias fases de suas vidas. No total, portanto, foram realizadas 21 entrevistas.

Como é possível constatar na amostra dos entrevistados, há uma predominância de mulheres nas três categorias de sujeitos: 3 meninos para 5 meninas; 4 idosas para 2 idosos; e 5 educadoras para 2 educadores. Tal proporcionalidade refletiu a realidade do conjunto de participantes das experiências intergeracionais observadas e do quadro de profissionais nelas envolvidos. A desproporção dos sexos entre os frequentadores de idade avançada da Terceira Idade nas atividades culturais, é um reflexo da chamada *feminização da velhice*, fenômeno atual que trataremos mais adiante e que tem a ver com o retraimento social do homem velho no presente momento histórico. Mas, entre os jovens também a presença feminina foi mais intensa, nas atividades conjuntas com os velhos que acompanhei. Havia mais meninas e moças do que meninos e moços e não pude atinar de modo seguro com alguma razão para isso. Já a existência de mais educadoras do que educadores envolvidos nesses processos pode ter a ver com a prevalência feminina na área de trabalho social, mas é apenas uma suposição.

A fim de preservar o anonimato dos sujeitos, além dos pseudônimos, evitei informações que facilitassem a identificação das atividades em que estiveram envolvidos, bem como da unidade institucional correspondente. Afinal, essas pessoas continuam a se encontrar e formam pequenas comunidades. Por isso, não nomeio quais foram os centros de lazer em que a pesquisa transcorreu. Apenas esclareço que totalizaram 5 centros culturais localizados na Capital e no Interior de São Paulo. Esses cuidados a meu ver se justificam, pois essas pessoas me confiaram não apenas informações

sobre suas atividades de lazer. As conversas foram constituídas por longos relatos de histórias de vida, permeadas ora por situações felizes e divertidas, ora por momentos difíceis e tristes, como a lembrança de sérios conflitos familiares.

Complementarmente recuperei depoimentos de alguns jovens e velhos colhidos entre 1999 e 2003 para minha dissertação de mestrado (FERRIGNO, 2003) na qual analisei as possibilidades da co-educação entre gerações. Acrescentei ainda alguns pensamentos de pessoas idosas pertencentes ao mundo das ciências, da cultura e das artes, entrevistados por mim para a Revista *A Terceira Idade* do SESC SP, entre 2001 e 2009. Minhas vivências pessoais e profissionais perpassam todo o texto e serviram para nuançar algumas interpretações dos sujeitos e dos autores consultados.

Para compor este trabalho, ao longo do texto procurei articular as informações provindas de todas essas fontes: entrevistados, educadores, especialistas, pensadores, observações diretas de atividades e conversas formais e informais com os diversos atores de alguma forma envolvidos com o tema das gerações. No item referente à metodologia de pesquisa que adotei, detalho e categorizo as principais respostas produzidas pelos entrevistados.

Um esclarecimento importante que explica um olhar particular sobre o fenômeno da intergeracionalidade: embora tenha me envolvido com a observação e a reflexão sobre questões relativas à infância e à juventude no acompanhamento de programas intergeracionais há alguns anos, na maior parte do tempo de minha história profissional lidei com velhos. Por essa razão, há uma maior quantidade de dados sobre eles, ao longo da pesquisa. O tema intergeracional foi em mim despertado, a exemplo do sucedido a

vários outros profissionais que trabalham com idosos, a partir da certeza da importância de se incluir os velhos no convívio com os jovens. Por isso, esta tese principia com uma reflexão sobre as novas condições de vida de uma parcela dos velhos na sociedade brasileira. Esses “novos velhos” têm provocado uma notável mudança em sua imagem social, cuja expressiva repercussão sobre o imaginário dos jovens pode trazer novas possibilidades de fecundas e transformadoras interações. Refiro-me a uma parcela de idosos porque sabemos o quanto varia a situação dos velhos brasileiros, conforme suas condições de saúde, de classe social, de gênero, entre outros fatores. Parece-me, então, mais apropriado falarmos em velhices brasileiras. Há idosos que enfrentam duríssimos problemas que a doença, a miséria e o abandono provocam. Mas, também para esses, é óbvio, a intergeracionalidade pode trazer benefícios, por exemplo, através do contato com jovens que realizam trabalho voluntário, conforme algumas experiências de que tenho notícia e menciono mais adiante.

Este estudo opera, portanto, sobre um determinado recorte no tecido de nossa sociedade. Assim, não tem a pretensão de ostentar uma representatividade mais ampla. No entanto, se possibilitar a inclusão de mais alguns elementos para a reflexão sobre o relacionamento entre pais e filhos, avós e netos, professores e alunos, enfim, entre velhos e moços, terá cumprido sua finalidade. Numa sociedade marcada pelo distanciamento das gerações, reflexo da dificuldade de aceitação das diferenças e dos diferentes, creio que devemos apostar na possibilidade de construirmos uma sociedade mais igualitária, uma sociedade para todas as idades.

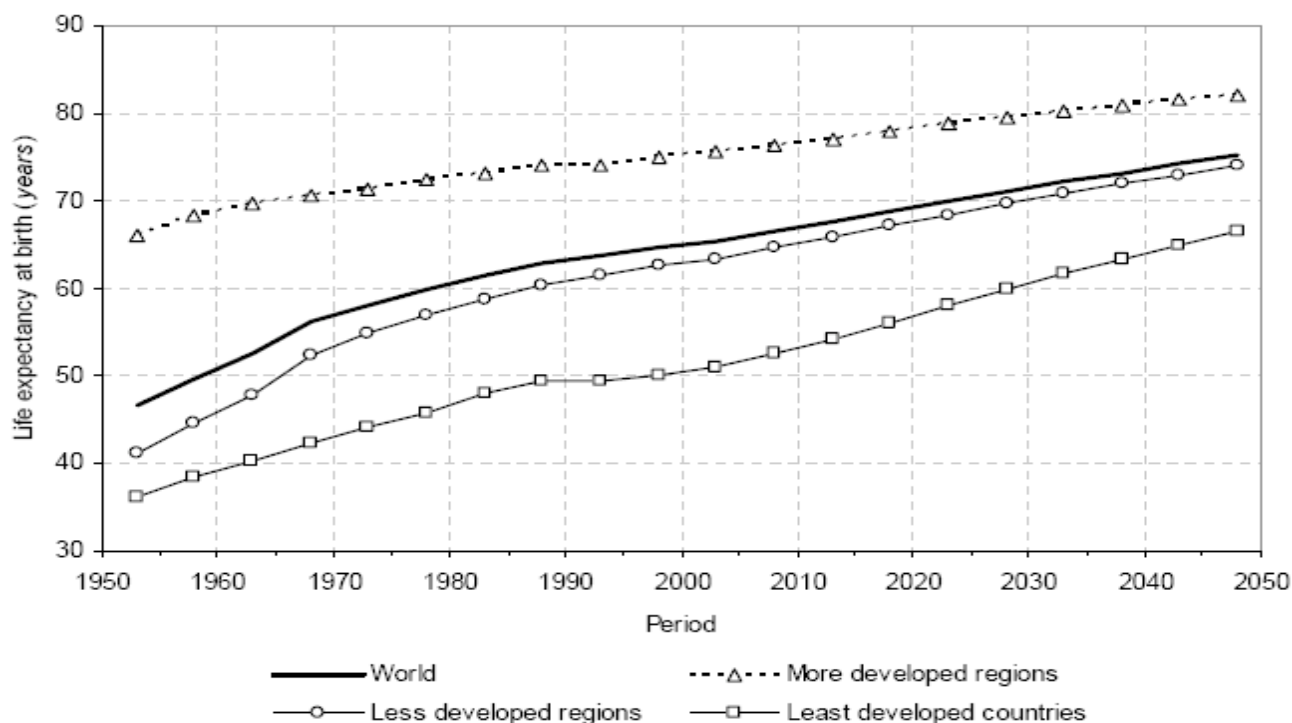
CAPÍTULO I – As Novas Formas de Envelhecer e as Novas Possibilidades de Relacionamento entre as Gerações

Os idosos hoje: numerosos, participativos e reivindicativos.

Relativamente à questão da velhice e do envelhecimento humano, um dos fenômenos que mais chama a atenção é o notável crescimento demográfico desse segmento etário. Aliás, boa parte dos trabalhos acadêmicos no campo do envelhecimento social principia, como este, com a informação sobre a explosão demográfica dos maiores de 60 anos no Brasil e em praticamente todo o mundo, analisando suas causas e suas conseqüências tanto para indivíduos, quanto para coletividades. Embora o simples incremento numérico dos idosos não explique por si só as mudanças comportamentais observadas nas décadas mais recentes, é claro que o maior número de velhos presentes nos lares e nos espaços públicos, pelo simples aumento de sua visibilidade social, tem provocado transformações consideráveis nos relacionamentos sociais, de modo geral, e nas relações com as demais gerações, mais especificamente. Qual a real dimensão desse impacto sobre a economia, a saúde, a educação e a cultura das nações desenvolvidas e em desenvolvimento, como o Brasil para as próximas décadas?

O crescente número de velhos nas populações resulta de uma combinação de fatores como o aumento da expectativa de vida ao nascer, que tem crescido de modo notável em âmbito global, como é possível verificar no quadro abaixo elaborado pela ONU.

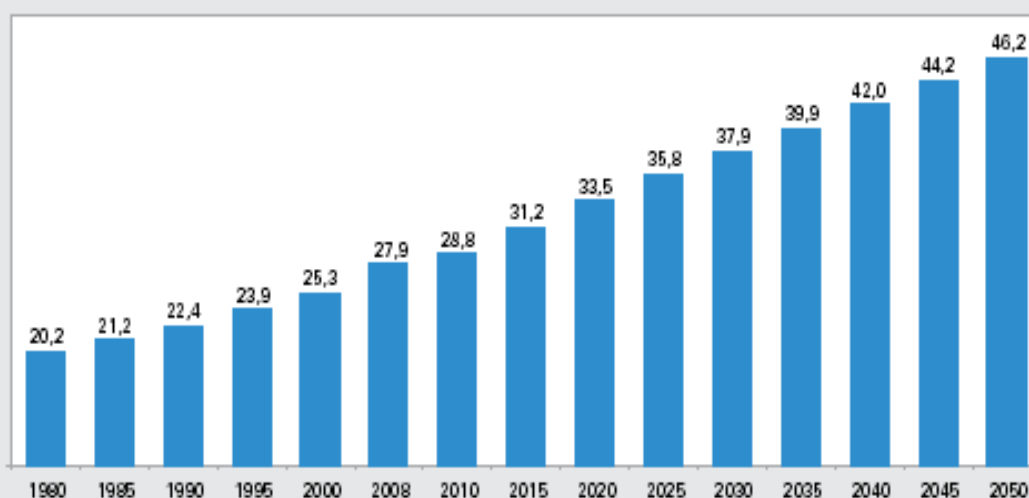
Figure 5. Life expectancy at birth for the world and major development groups, 1950-2050



Source: Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat (2005). *World Population Prospects: The 2004 Revision. Highlights*. New York: United Nations.

Segundo dados do Relatório Estatístico sobre a Saúde no Mundo da Organização Mundial da Saúde (OESP, 2009), a expectativa de vida dos brasileiros está entre as que mais cresce no mundo. O Brasil teve uma melhora sensível em seus indicadores de saúde entre 1990 e 2007. A expectativa de vida dos brasileiros saltou de 66 para 73 anos e a mortalidade infantil de crianças menores de cinco anos caiu de 58 por mil nascidos para 22. O envelhecimento da população brasileira pode ser aferido no quadro seguinte que nos dá a estima de evolução da idade mediana dos brasileiros para as próximas décadas:

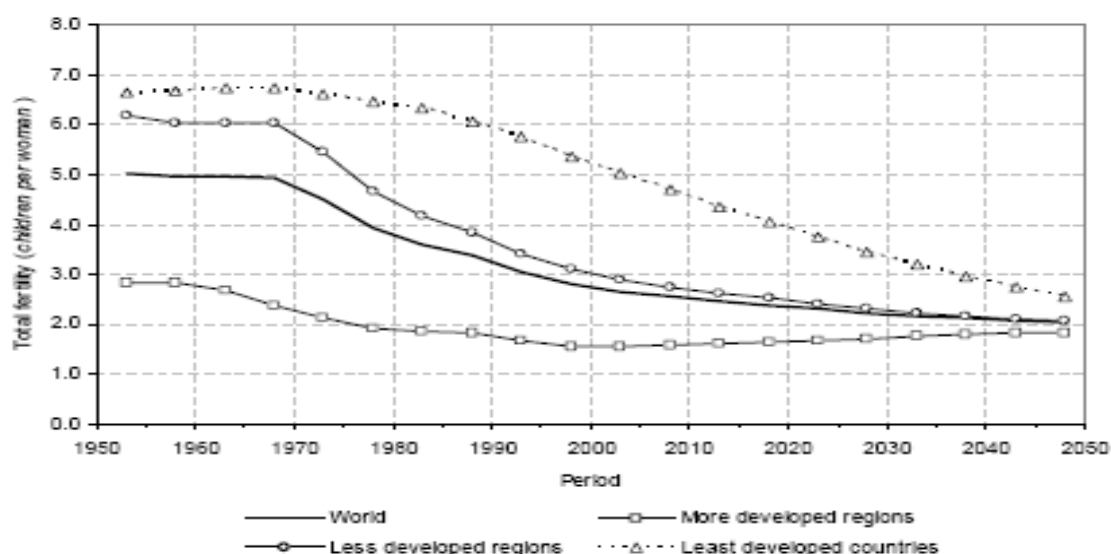
Gráfico 22 - Evolução da idade mediana da população - Brasil - 1980/2050



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 - Revisão 2008.

Mas, há outros fatores importantes a contribuir com o envelhecimento populacional, como a retração da natalidade, principalmente nas classes médias e nos países mais desenvolvidos, como nos mostra o quadro seguinte:

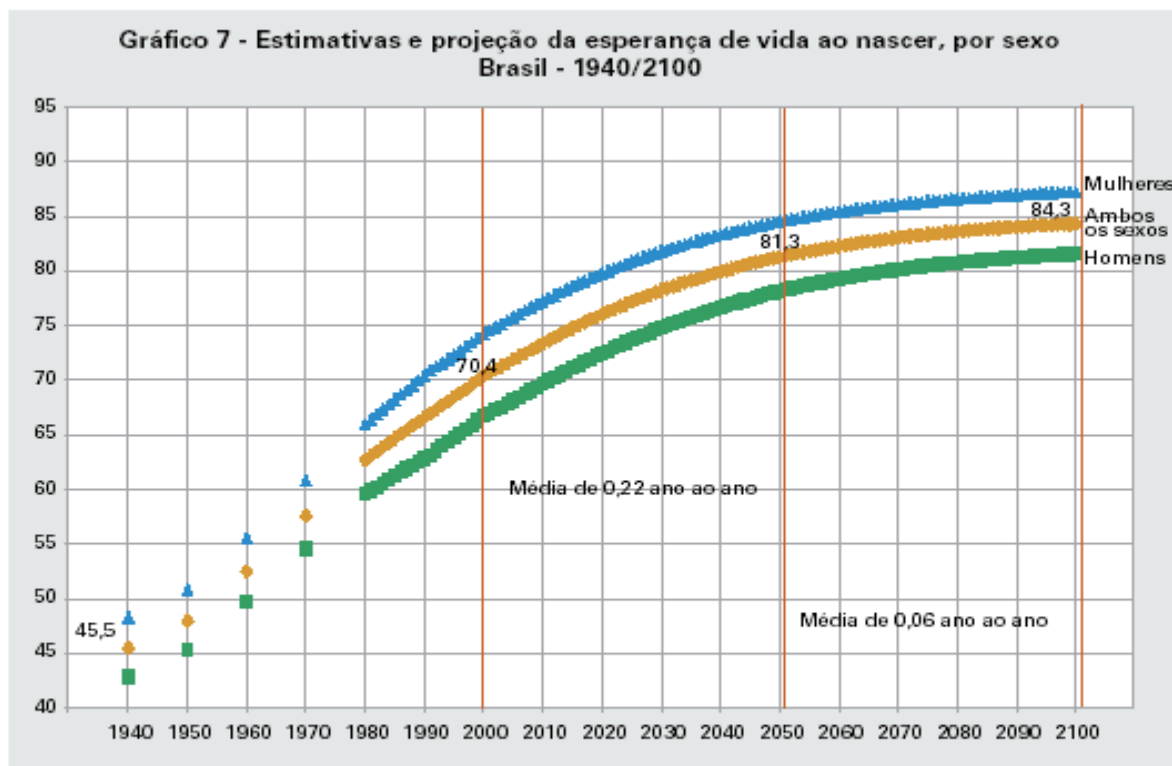
Figure 4. Total fertility trajectories of the world and major development groups, 1950-2050 (medium variant)



Source: Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat (2005). *World Population Prospects: The 2004 Revision. Highlights*. New York: United Nations.

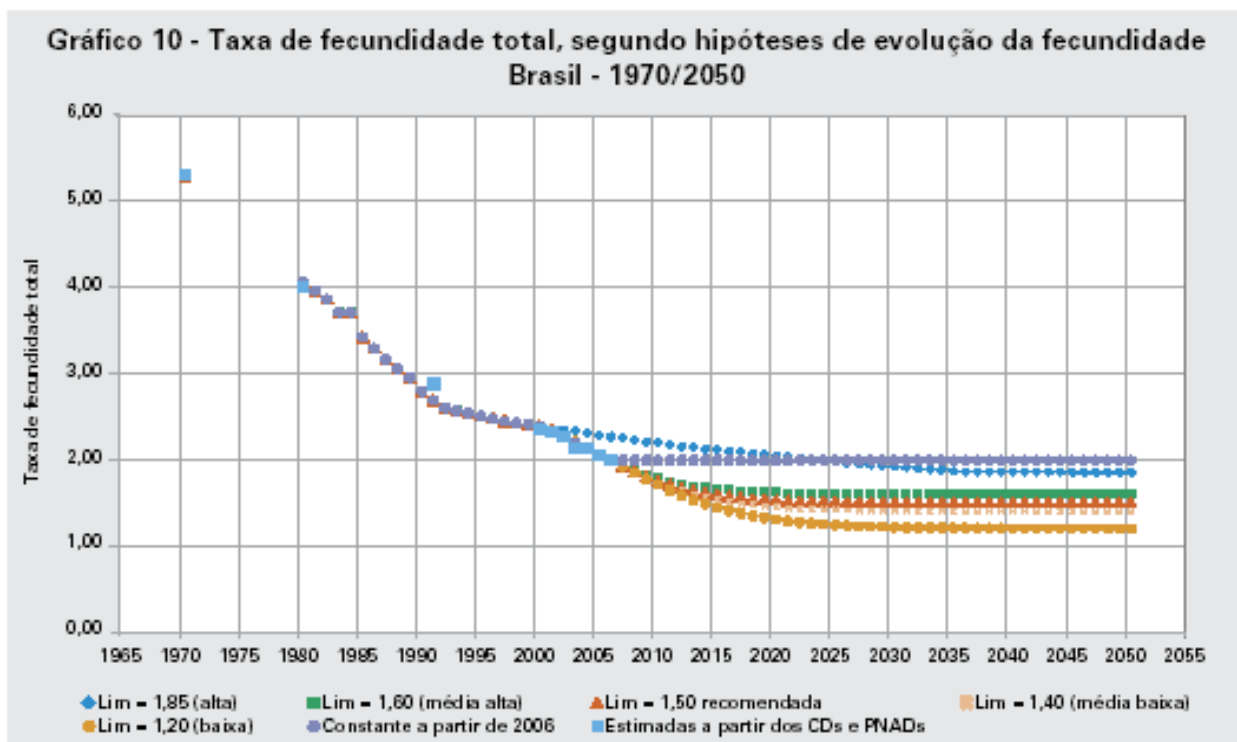
A melhoria do saneamento básico em muitas sociedades, a maior eficácia no combate tanto às doenças infecciosas, quanto aos processos degenerativos típicos do envelhecimento, são outras variáveis importantes. Para algumas comunidades, fenômenos migratórios localizados como a chegada de idosos a determinadas cidades aprazíveis a velhos e aposentados, assim como a saída de jovens de certas cidades em busca de estudo e trabalho, podem determinar a prevalência numérica das gerações mais idosas na composição populacional.

A situação dos países pobres ou em desenvolvimento não tem sido diferente, mas, em contraste com os países ricos, estes apresentam a agravante falta de políticas públicas para enfrentar essa nova realidade demográfica. O Brasil está envelhecendo rapidamente assim como outros países em desenvolvimento. O aumento da expectativa de vida do brasileiro impressiona, como podemos visualizar no quadro abaixo:



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2000; Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 - Revisão 2008.

Ao mesmo tempo em que a taxa de fertilidade entre brasileiros apresenta um progressivo declínio:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 - Revisão 2008.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IPEA, 2007), a população idosa brasileira chega a quase 20 milhões de habitantes, ou 10,6% do total de brasileiros. A alta velocidade da queda da fecundidade e também da mortalidade acarretam mudanças rápidas no ritmo de crescimento da população, na distribuição etária e na oferta de força de trabalho. A mudança demográfica mais importante ocorrida nos últimos anos foi o envelhecimento populacional. A população menor de 15 anos que fora responsável por 33,8% da população total em 1992 passou a constituir apenas 25,2% desta população em 2007. Por outro lado, a população idosa que respondia por 7,9% da população brasileira passou a responder por 10,6%.

As mulheres vivem mais que os homens. Camarano (2004, p. 29-30), baseando-se em dados do censo demográfico do IBGE, mostra que a esperança de vida ao nascer do homem brasileiro em 2000 era de 67,52 anos, a das mulheres situava-se em 75,89 anos. Minhas observações e vivências com pessoas idosas confirmam o que dizem os pesquisadores: além das causas genéticas que determinam uma menor longevidade masculina, boa parte dos homens velhos não cuida adequadamente de sua saúde. As esposas que o digam, pois são elas que comumente levam seus maridos idosos a um consultório médico. As enfermidades dos homens velhos são também psíquicas. Desanimados com a perda de status como aposentados e preocupados com as mudanças fisiológicas sobre a sexualidade decorrentes do envelhecimento, muitos se apartam da vida social. Daí a maioria absoluta de mulheres nos grupos de Terceira Idade. Esse fenômeno da nova ordem demográfica mundial é rotulado por vários estudiosos como a *feminização da velhice* (CAMARANO, 2006, p. 90; FERRIGNO et al, 2006, p. 1437). Essa particularidade de gênero teve consequências para a presente pesquisa. Como as mulheres idosas estão mais presentes nos centros culturais e faculdades abertas, suas oportunidades de participação em programas intergeracionais é maior do que a dos homens idosos. Assim, observamos e conversamos mais com idosas do que com idosos, fato que influenciou a composição amostral de sujeitos para esta investigação, como explico por ocasião da descrição metodológica deste estudo.

Relativamente às consequências do envelhecimento populacional, percebemos que o aumento da longevidade humana já vem ocasionando uma importante influência sobre as políticas públicas de praticamente todas as nações. Diversas são as áreas em que esse fenômeno está sendo sentido. Vejamos algumas delas:

Na área da saúde, os leitos hospitalares, em decorrência de uma natural fragilização do ser humano, sempre foram ocupados principalmente por pessoas idosas. Todavia, essa proporção tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas. Constatamos a gravidade da situação ao considerar o equívoco da política de saúde pública no Brasil, caracterizado pelo excesso de internações em decorrência de um ineficiente trabalho de prevenção, somado ainda a um insatisfatório atendimento ambulatorial e a um incipiente atendimento domiciliar ao idoso. Na ausência do poder público, há muitos idosos doentes precariamente atendidos em seus próprios lares por familiares sem orientação adequada.

É bem conhecida a situação da Previdência Social. O aumento crescente de aposentados aponta para um agravamento do déficit previdenciário. A elevação da idade mínima para aposentadoria e o aumento do tempo de contribuição para o sistema são medidas que terão que ser implementadas nos próximos anos, ainda que impopulares. Os planos de previdência privada representam uma alternativa para poucos, pois custam caro e, por isso, atingem apenas trabalhadores de mais alto poder aquisitivo.

Na área da habitação, a insuficiência de moradia entre os idosos é conseqüência do grande déficit habitacional no Brasil. O recente plano do Governo Federal de construir cerca de um milhão de casas nos próximos anos poderá beneficiar também milhares de pessoas idosas. Todavia, muitos idosos sem família não conseguem viver sozinhos e outros tantos têm família, mas por diversas razões a coabitação é inviável. Além dos asilos ou das casas de repouso, várias alternativas de habitação vêm sendo estudadas e até implantadas como as propostas apresentadas e acompanhadas em São Paulo pelo GARMIC, Grupo de Articulação para

Moradia do Idoso da Capital conforme relato de sua presidente Olga Quiroga em entrevista para a revista A Terceira Idade (SESC, 2007).

No que se refere a transportes e serviços urbanos em geral, constatamos que nos últimos anos os problemas referentes à acessibilidade urbana têm sido solucionados por projetos urbanísticos e arquitetônicos de espaços públicos e domésticos que facilitam a locomoção e, por consequência, a integração social de idosos e deficiente físicos. Mas, sabemos que há muito por fazer. São comuns as reclamações de idosos em relação à dificuldade de subir ou descer dos ônibus e do mau atendimento prestado pelos motoristas desses veículos. As calçadas e ruas representam perigosas armadilhas aos velhos debilitados, condição que os obriga ao confinamento em seus lares.

Essas são algumas áreas do cotidiano dos idosos em que as políticas públicas devem se concentrar nas próximas décadas para fazer frente ao impacto da explosão demográfica da Terceira Idade no Brasil e no mundo. Essas considerações nos mostram a urgência de políticas sociais para o atendimento às demandas de uma população idosa cada vez maior, principalmente em seus estratos de baixo poder aquisitivo. De alguma forma, a qualidade de vida dos velhos impactará as relações intergeracionais. Esses idosos são avôs, avós, pais, mães, cônjuges. Portanto, as relações na família continuaram mudando, entre outros fatores, pelo incremento da longevidade de seus membros e, claro, pelas condições de vida de seus velhos.

Gerações em conflito e cooperação por recursos e direitos.

Curiosamente, ainda que muito haja por ser feito na área de assistência a pessoas idosas, sobretudo às mais pobres e enfermas, a distribuição de benefícios governamentais no Brasil favorece mais os velhos do que as crianças e adolescentes, embora estes últimos sejam bem mais numerosos na população, segundo Goldani (2004, p. 211-250). A autora observa que para alguns estudiosos esse desequilíbrio na dotação de verbas públicas, pode desaguar em conflito de gerações na disputa por recursos governamentais. Goldani, no entanto, relativiza a força desse conflito pois, a seu ver, apesar do desequilíbrio na transferência de renda por faixa etária em nível macrossocial, na esfera da família há esquemas de solidariedade com repasse de recursos ora dos filhos adultos a seus pais idosos, ora destes para filhos e netos, conforme as necessidades de cada um.

Lembremos que, além da ajuda financeira e material existente entre as gerações no seio da família, há também a colaboração através da troca de pequenos, porém importantes serviços, vitais para o funcionamento da vida familiar, como tarefas domésticas que os idosos prestam aos jovens e vice-versa. Tal fenômeno se dá principalmente nas famílias humildes, que não tem condição de pagar empregados domésticos. Nessas famílias a ajuda das crianças é importante fator de formação de responsabilidade, além de imprescindível para os pais ou os avós terem sua carga de trabalho aliviada, como nos mostra Oliveira (1999, p. 291-292).

Seja como for, com ou sem conflito de geração, o fato é que as políticas sociais de transferência de renda como o Benefício de Prestação Continuada, que fornece um salário mínimo aos maiores de 65 anos sem direito à aposentadoria, têm colocado um número cada vez maior de idosos

na condição de provedores de milhões de famílias carentes. Por isso, parece temerário falar em um emergente conflito de gerações na disputa por recursos financeiros do Estado. Ao contrário, a concessão do referido benefício tem gerado prestígio aos idosos beneficiados e até motivo de inveja por parte das famílias carentes que não possuem velhos nessa condição de arrimo de família. Ao lembrarmos que vivemos dias de dificuldade de obtenção de emprego para os jovens, concluímos como tem sido importante o aporte financeiro trazido por esses idosos. Outro dado interessante é que a economia de pequenos municípios das regiões mais pobres do país tem sido significativamente impulsionada por essa verba pública.

Analisando outra realidade cultural, a das sociedades europeias, Claudine Attias-Donfut (2000, p. 18-19) igualmente realizou investigações sobre relações intergeracionais no âmbito familiar que tiveram como foco a questão da distribuição de renda por meio de políticas sociais. Concluiu que prevalecem esquemas de cooperação financeira entre as gerações, não se tendo, portanto, sinais de conflito intergeracional por razões de repartição de recursos públicos.

Frank Schirrmacher (2005, p. 41-45), no entanto, lembra a rivalidade entre pais e filhos desde o mais remoto passado justamente por razões econômicas e de herança, citando casos em que os filhos são capazes de atos cruéis contra seus pais. De fato, conflitos dessa natureza ocorrem em muitas famílias e sua transposição para a literatura, sob a forma de romances ou peças teatrais, apenas confirma sua existência no cotidiano assim como seus terríveis efeitos sobre o clima emocional familiar. Todavia, parece não haver estudos estatísticos que nos dêem uma idéia da freqüência com que tais conflitos ocorrem nas famílias brasileiras. Como contraponto, é

sempre importante lembrar também a ocorrência dos maus tratos infringidos pelos pais a seus filhos, fato que sob diferentes enfoque comento em outras partes deste trabalho.

Na contramão do entendimento da maioria dos idosos, uma de minhas entrevistadas, deu uma inusitada interpretação para o conflito de gerações em relação à distribuição de direitos sociais. Segundo ela, a concessão generalizada de tais direitos aos idosos, que ela considera privilégios, como a preferência nas filas e nos assentos dos coletivos, cria situações de conflito. Em determinada ocasião, contou-me que não pôde entrar pela porta dianteira do ônibus porque o veículo estava com todos os assentos ocupados e também não pôde entrar pela porta traseira do ônibus por ser idosa, mesmo querendo pagar pelo transporte e, por isso, conflitou com o motorista. Disse-me essa senhora:

Esse negócio de ter preferência na fila do banco, no caixa, isso envelhece a pessoa, então, acho que aí é que está o preconceito, a sociedade faz o preconceito. Mesmo que a pessoa não queira ser velha, chegam para ela e dizem assim: “A senhora fica naquela fila...” Isso acaba envelhecendo a pessoa. Por exemplo: ter que entrar e sair pela porta da frente do ônibus. Por quê eu não posso fazer como os outros? Inclusive, eu já dei parte de uma linha de ônibus e consegui alguma coisa. Eu fiz o sinal e o motorista... disse: “Não tem lugar”. Então, eu disse, “então, por favor, abra a porta traseira para eu entrar”. Ele disse: “Não, não posso abrir”. Então eu disse, “você tome cuidado, porque eu vou dar parte de você”. Aí ele falou: “pode dar”. Então, eu dei, recebi carta do orientador, do chefe deles... agora eu não tenho mais esse problema (D.Sonia, 66 anos).

A propósito, Anita Liberalesso Neri (2005, p. 7) critica o Estatuto do Idoso que, em sua opinião, ao refletir a vigência de uma ideologia da velhice

como um problema médico-social, exagera ao passar uma idéia de carência generalizada entre as pessoas idosas, não considerando a grande heterogeneidade de condição de vida nesse segmento etário. Assim fazendo, considera que o Estado, contribui para o aumento do preconceito aos velhos.

Outra senhora entrevistada nos fornece uma explicação incomum sobre a inconveniência da instituição de estatutos por faixa etária, primeiro por considerar que já se tem a Constituição Federal e segundo por que leis desse tipo podem se constituir em fator de estranhamento entre as gerações:

Eu acho que não vai bem o relacionamento dos idosos com os jovens não, em minha opinião, ainda mais depois que começou a surgir esse negócio de estatuto disso, estatuto daquilo que começa a separar todo mundo. Não existe constituição, carta magna? Aquilo é que tem que ser válido. Então, eu acho que o relacionamento entre gerações tem que melhorar, não está bom. Já tem estatuto da criança e do adolescente, estatuto do idoso... agora vão fazer estatuto não sei para que... eu acho que essas coisas separam muito os povos, eu acho que a lei deveria ser única, englobando todas as idades (Dona Maria, 68 anos).

A despeito de que a maioria dos idosos considere necessária uma legislação específica que os proteja, em inúmeras ocasiões vários idosos me disseram que prefeririam que os velhos tivessem melhores aposentadorias para pagarem suas despesas como, por exemplo, a passagem do ônibus como o fazem todos os outros cidadãos, em vez de ganharem a gratuidade no transporte e em outros serviços públicos e privados. Seja como for, fica a questão de saber se um tratamento supostamente desigual no plano das políticas públicas em favor dos idosos pode ou não contribuir para o surgimento de relações conflituosas entre estes e as gerações mais jovens.

Uma nova imagem de velhice e seu efeito sobre os jovens

A questão social dos velhos no Brasil somente ganhou evidência nas últimas décadas. Até os anos 60, a discussão sobre as condições de idosos e aposentados não constava da agenda política brasileira. O Brasil ainda era visto como um país jovem. Por seu número relativamente reduzido e pelas poucas possibilidades de participação, os idosos não possuíam visibilidade social.

Naquela época, as poucas ações sociais propostas para os velhos tinham um caráter assistencialista, suprimindo somente algumas carências básicas, como forma de minorar o sofrimento decorrente da pobreza e da doença. Nessa perspectiva, as iniciativas para esse setor confundiam-se com filantropia e, na sua maior parte, efetivavam-se através de instituições asilares, mantidas pelo Estado ou por congregações religiosas, com a finalidade exclusiva de garantir a sobrevivência. Não havia, portanto, alternativas de convivência.

Nas décadas mais recentes, não somente o perfil demográfico do brasileiro mudou. A maior presença dos idosos nos espaços públicos não se deve apenas ao incremento demográfico desse contingente etário, mas também à mudança do comportamento dessas pessoas. Movidos pelo desejo de viver mais intensamente consoante os novos valores da contemporaneidade, tornaram-se mais participantes, mais reivindicativos.

Os idosos se mobilizaram na defesa de seus direitos e, como saldo, se organizaram em Conselhos Municipais, Estaduais e também no Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. A conquista do Estatuto do Idoso, em 2003, representou a culminância dessa história de lutas. Sua mobilização e

organização têm contribuído para a conquista de direitos. Como consequência, observa-se uma elevação das expectativas sobre as possibilidades de realizações na etapa da velhice.

Nas últimas décadas multiplicaram-se as instituições que propiciam a formação de grupos de idosos para atividades de lazer. Independentemente do estímulo dos novos espaços institucionais, por conta própria muitos idosos têm buscado um estilo de vida mais participativo, influenciados pelos apelos da mídia e pelas recomendações da ciência. Uma parcela cada vez maior da população idosa tem vivido um processo de ressocialização, formando novas amizades e até fazendo parte de uma turma de amigos, como ocorre com os adolescentes e outras gerações. Para muitos velhos tal oportunidade equivale ao ingresso em uma nova família, no caso, livremente escolhida. Em instituições socioculturais é fácil perceber as diferentes turmas de Terceira Idade, conforme diversos interesses: a turma do baile, do baralho, os grupos que se dividem para atividades como cursos, palestras, teatro, coral, esporte, turismo, etc.

Até os anos 80 apenas se começava a despertar para a problemática da velhice e a mídia pouca atenção dava para o assunto. Hoje, em contraste, são freqüentes as reportagens e as matérias de longa duração na mídia impressa e eletrônica sobre as questões do envelhecimento, principalmente em relação a medidas supostamente eficazes para a manutenção da saúde e da estética nesse período. “Terceira Idade”, novo termo criado para evitar a conotação negativa existente na expressão “velho”, foi cunhado para designar uma nova e promissora etapa da vida.

Há algumas décadas os estudos enfatizavam o isolamento a que eram submetidos os velhos (e ainda são, embora, como temos visto, tenha havido importantes mudanças nesse panorama). Mais recentemente, pesquisadores e profissionais da área social, como psicólogos, sociólogos e assistentes sociais, além dos chamados especialistas em velhice, gerontólogos e geriatras, ressaltam em suas pesquisas um lado mais otimista e promissor do envelhecimento, enfatizam menos as carências e as perdas sociais e fisiológicas, e mais os ganhos possíveis, na perspectiva da otimização das energias remanescentes.

Frente a essa nova realidade configurada pela articulação de novos discursos produzidos pelos especialistas, pela mídia e pelos próprios idosos, todo um rol de políticas sociais vem sendo debatido e proposto, cobrando um posicionamento do Estado, não só para o estabelecimento de leis de proteção, mas também de uma implementação de fato dessas políticas. Essa preocupação faz sentido se lembrarmos que em nosso país é comum que as leis se tornem “letra morta”, isto é, sem efetividade.

É o que acontece, por exemplo, com o Estatuto do Idoso. Seu cumprimento deixa a desejar na opinião dos idosos participantes de um Encontro Nacional de Idosos, organizado pelo SESC SP no ano de 2006. Essas pessoas consideraram o Estatuto bem elaborado, já que prevê uma proteção social ampla e bem distribuída por diversas áreas como saúde, educação, previdência, transporte, cultura e lazer. Mas, se mostraram muito insatisfeitos com o não cumprimento dessa lei. Já em suas páginas iniciais, diz o documento que discutiram e construíram coletivamente nessa ocasião:

Nossa proposta foi avaliar o quanto dessa lei vigora efetivamente. Fomos procurar respostas nas comunidades, grupos e associações locais e examinamos inúmeras experiências em diversas partes do país.

Estudamos e discutimos a nossa lei – procuramos as concordâncias com ela e as discordâncias dela na realidade: nas ruas, no seio da família, na comunidade e nos locais de atendimento. (...) Nossas observações e conclusões sobre quase dois anos de vigência do Estatuto indicam que o Poder Público ainda está muito longe de cumprir sua parte (SESC, 2005, p.06).

No entanto, apesar dessas dificuldades de efetivação de uma parte das conquistas legais e da prevalência de uma visão social ainda negativa sobre o envelhecimento, Guita Debert (1998) constata uma progressiva mudança na imagem da velhice. No entender da autora, as pesquisas da gerontologia têm passado de uma abordagem da velhice como "fonte de miséria", para outra como "fonte de recursos". Nessa perspectiva, os idosos são vistos como seres dotados de condições de desenvolver atividades prazerosas e promotoras de realização pessoal.

Uma das adolescentes que entrevistei revela suas impressões sobre o comportamento dos idosos que ela observa durante suas atividades no SESC. Admira esses velhos e deseja se manter ativa como eles quando ela própria envelhecer:

Acho que eles aproveitam o tempo que resta na vida. Às vezes, eu vejo o pessoal dançando... aí eu penso "Nossa, esse pessoal gosta de si". Eles dançam como se fossem adolescentes, mas do jeito deles. Aí eu fico imaginando... quando eu tiver 60 anos estarei dançando funk? Se eu estiver em boa forma física, vou dançar com certeza. É uma coisa que a gente está presenciando agora e no futuro quando a gente estiver numa determinada idade, a gente vai poder aproveitar (Luciana, 16 anos).

A conjunção de vários fatores explicam o novo tratamento dado à velhice, reflexo de uma nova imagem. Um deles é a universalização das aposentadorias e das pensões como direitos sociais, num momento em que o desemprego e o subemprego atingem principalmente as camadas mais jovens da população, fazendo com que cada vez mais idosos passem à condição de provedores de suas famílias, principalmente nas camadas mais pobres da população. O Benefício de Prestação Continuada, que mencionamos anteriormente e que faz do idoso pobre um provedor, representa fator de prestígio deste no seio familiar, com dissemos.

Outro fator notável a revolucionar a imagem dos velhos é a nova concepção autopreservacionista do corpo que procura combater a decadência física e mental, promover a saúde e obter até o rejuvenescimento. O novo idoso de classe média é um consumidor disputado e a ele são dirigidas publicidades de uma ampla, poderosa e complexa indústria multinacional de produtos e serviços, envolvendo medicamentos, dietas, tratamentos variados, terapias tradicionais e alternativas, equipamentos esportivos, vestuário descontraído, cirurgias corretivas e estéticas. Trata-se de um “grande pacote de promessas” para uma vida feliz e que traz implícita a idéia de que é o próprio indivíduo que envelhece o maior responsável por sua própria felicidade.

A esse fenômeno, que, muitas vezes, se traduz por uma atribuição excessiva de maior responsabilidade do indivíduo idoso por suas próprias condições de vida, Guita Debert (1999 p. 14-16) dá o nome de reprivatização da velhice. Com essa expressão a autora quer revelar um processo histórico em que após um longo período durante o qual o Estado pouco ou nada fez pelos velhos, houve um progressivo estabelecimento de políticas públicas com a finalidade de uma proteção social. Mais recentemente, porém, fortes

tendências neoliberais na economia globalizada marcada pela desobrigação do Estado em relação a questões sociais, incentivaram movimentos pautados pela idéia de que o modo como envelhecemos é resultado de uma opção individual e, que, portanto, envelhecer bem é questão de vontade de cada um.

Quando não se envelhece bem, e envelhecer bem significa sob certo olhar moderno, envelhecer com uma aparência jovem, a pessoa idosa tende a ser culpabilizada e vista como negligente ou sem força de vontade. Trata-se de uma situação opressiva semelhante a que se percebe em relação a pessoas obesas, por exemplo. A propósito, Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2006, p.111), comenta os novos valores ligados aos cuidados com o corpo e a preocupação com a aparência em tempos de globalização do consumo:

Diante da megaindústria do rejuvenescimento corporal em expansão, a aparência envelhecida denuncia distúrbios de diversos tipos: pouco amor por si mesmo, pobreza de recursos e, em geral, prova de que o corpo não está sendo devidamente cuidado. Na publicidade atual, no lugar de representar a mulher idosa a partir de desenhos de rostos enrugados e circunspetos, tal como ocorria com assiduidade no passado, passou-se a abusar de fotografias de jovens portadoras de auto-estima crescente e de saúde inabalável. Fica a impressão que as imagens do corpo migraram, sem escala, da austeridade moral para o seu extremo oposto. As diferenças entre as gerações cederam terreno à necessidade de confusão entre as idades e a uma espécie de aproximação máxima dos gostos e características físicas entre elas. Nas revistas dedicadas às celebridades, a presença das rugas virou raridade.

As preocupações relativas aos cuidados com o corpo que envelhece não são novos na história da humanidade, mas, é claro, se situaram num contexto cultural bem diverso. Há registros muito antigos relativos a como se cuidar na velhice. Cícero (1997, p.31-32), por exemplo, que viveu de 103 a 43 AC, do alto de seus 84 anos de idade já recomendava cuidados não só com o corpo, mas também com o espírito:

(...) é preciso resistir à velhice e combater seus inconvenientes à força de cuidados; é preciso lutar contra ela como se luta contra uma doença; conservar a saúde, praticar exercícios apropriados, comer e beber para recompor as forças sem arruiná-las. Mas não basta estar atento ao corpo, é preciso ainda mais se ocupar do espírito e da alma (...) para exercitar minha memória, aplico o método caro aos pitagóricos: toda noite, procuro lembrar-me de tudo o que fiz, disse e ouvi na jornada. Eis como mantenho meu espírito, eis a ginástica a que submeto minha inteligência.

Obviamente, é inegável a importância do autocuidado em qualquer fase da vida, inclusive na velhice. Para tanto, deve-se incentivar programas preventivos de saúde que levem esclarecimentos sobre a natureza do processo de envelhecimento e das formas mais eficazes de se evitar as doenças degenerativas, típicas dessa fase da vida. Nos dias de hoje, porém, a cultura do corpo se encontra em um outro patamar muito mais complexo por suas implicações econômicas no contexto de uma sociedade globalizada e regida pela lógica do consumo e fundada sob a égide do lucro e da competição. A alienação e o isolamento são marcas da contemporaneidade.

Os mecanismos de “manipulação de vontades e necessidades” para o consumo raramente são percebidos, ou seja, suas causas e conseqüências não são por nós apreendidas. Como nos ensinou Paulo Freire,

A capacidade que tem de nos amaciar a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder (FREIRE, 1997, p. 126).

Nesse sentido é sempre bom recordar as belas reflexões de Hannah Arendt (2003, p. 59-68) sobre o mundo de hoje. Para a autora, a sociedade de massas colabora para o empobrecimento do espaço público, para o desvanecimento da política, em favor do econômico representado pelo consumismo e pela acumulação de riquezas. O político, segundo Arendt, deve prevalecer sobre o econômico, caso contrário, nosso mundo será um mundo burocratizado, um mundo vazio e sem alma. Na atual sociedade humana, diz ela, é como se uma ponte, um laço, um vínculo que havia entre as pessoas tivesse desaparecido. Arendt observa que há experiências humanas que florescem à sombra, isto é, no recôndito do espaço privado do indivíduo, enquanto que há outras que se desenvolvem ao sol do espaço público. O rompimento dessas dimensões provocado pela sociedade de massas, tende a criar nas pessoas a opressiva e angustiante situação da invisibilidade extrema ou de exposição exacerbada. Somente a ação política democrática combatendo por um lado a tirania e, por outro, o governo sem rosto da burocracia, pode de fato reverter esse quadro. Certamente um encontro de gerações mais autêntico, produtivo, afetivo e solidário depende da transformação das estruturas sociais preconizada por Hannah Arendt.

Ainda que tenhamos consciência das limitações da ação política no mundo atual, tão bem explicadas por Arendt, lembremos outro importante sintoma de que os velhos tem se tornado socialmente importantes: o

crescimento do peso eleitoral desse segmento etário em decorrência, não só de seu crescimento demográfico, mas também do aumento de sua participação política. Idoso vota e, nos processos eleitorais é cada vez mais comum que candidatos dediquem maior atenção às reivindicações de seus eleitores propositos propondo-lhes plataformas específicas¹.

Os velhos aprendendo e ensinando às novas gerações

Outra área importante para a discussão sobre o “novo” idoso é a da educação. Dentre suas reivindicações se encontra o direito de estudar. Por isso, surgiu no SESC São Paulo, ao final dos anos 70, um novo modelo de intervenção: as Escolas Abertas da Terceira Idade, conjunto de cursos voltados para a reflexão sobre temas da atualidade e sobre questões relativas ao próprio envelhecimento. Pioneiro e incentivador da criação de oportunidades educacionais para pessoas idosas no Brasil, o assistente social Marcelo Antonio Salgado, na época o responsável pela coordenação dos programas voltados à Terceira Idade do SESC São Paulo, considera que *“o objetivo maior das escolas abertas é o de propiciar ao indivíduo a redescoberta de interesses que, uma vez assumidos, o reequilibrem socialmente e retardem as modificações negativas da velhice”* (SALGADO, 1977).

Logo em seguida, no início dos anos 80, várias universidades brasileiras criaram as chamadas faculdades e universidades abertas à Terceira Idade. Dentre as instituições de ensino voltadas a esse propósito, destaca-se a Universidade de São Paulo, que desenvolveu uma proposta

¹ Como demonstração eloqüente desse fenômeno, há até um partido dos aposentados. Sua legalidade e legitimidade é objeto de polêmica, pois, para alguns, particulariza e privilegia um grupo social, supostamente contrariando disposições constitucionais por discriminar outras faixas etárias.

original em sua dinâmica de funcionamento, e cuja natureza nos interessa de perto: um encontro de gerações, já que os idosos na condição de alunos ouvintes têm a oportunidade de compartilhar aulas e de conviver com os alunos da graduação da própria universidade.

Essas ações educacionais, cada vez mais freqüentes, buscam responder às necessidades de atualização de conhecimentos para que os mais velhos possam acompanhar as rápidas transformações políticas, econômicas e culturais de uma sociedade cada vez mais acelerada e complexa em decorrência do desenvolvimento de novas linguagens e de novas tecnologias. Um dos idosos entrevistados, assim se expressou sobre sua experiência de voltar a estudar:

Depois que me aposentei fiquei vários anos sem conseguir me ocupar. Nada me interessava. Então, descobri os cursos do SESC e de outras faculdades para a Terceira Idade. Aprendi muita coisa e o mais importante é que fiz isso tudo com muita satisfação, porque a gente passa a se sentir mais importante, olha de igual para igual para os estudantes mais moços e ainda se atualiza porque esse mundo de hoje é bem diferente do mundo da minha mocidade (Sr. Osvaldo, 72 anos).

Georges Lapassade (1975, p.16) ao refletir sobre a importância da continuidade do processo educacional ao longo da vida, aborda o fenômeno que ele intitula de “inacabamento do sujeito”. Ele nos mostra que, diferentemente de outras espécies, o ser humano nasce prematuro física e psiquicamente e que, ao contrário do pensamento dominante, ao longo da vida o homem permanecerá para sempre inacabado. Esse inacabamento é aqui entendido como uma inexorável e imanente condição existencial. Assim, Lapassade combate o mito da perfectibilidade humana a ser supostamente alcançada em determinado momento da cronologia do indivíduo, que

geralmente é situado no estágio de adulto jovem. Nesse mito reside uma das fontes de discriminação não somente aos velhos, mas também às crianças, gerações colocadas em posição de inferioridade social. Paulo de Salles Oliveira (1999, p. 31) lembra que, como seres destituídos do tempo presente, para as crianças se pergunta o que serão, enquanto que para os velhos se pergunta o que foram.

Lapassade insiste em que o ser humano jamais estará pronto, mas em constante processo de construção, de aprendizagem, até seu último suspiro. Se tal enquadre diz respeito a uma condição humana, Lapassade considera que a incompletude do homem torna-se mais evidente em nossos dias e, por isso, defende uma educação permanente. Em suas palavras,

O homem moderno aparece cada vez mais, em todos os planos da sua existência, como um ser inacabado. O inacabamento da formação tornou-se uma necessidade num mundo marcado pela transformação permanente das técnicas, o que implica uma educação permanente.

Mas, assim como é certo que os velhos podem ser aprendizes da vida até em seus últimos dias, também é verdade que eles têm muito a ensinar, principalmente aos jovens. A respeito de como se dá a contribuição dos velhos para com as novas gerações, diz Ecléa Bosi (1979, p. 32):

“há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que

entre de modo constitutivo no presente. Para Hegel, é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento”.

Em outra passagem do mesmo trabalho, Ecléa Bosi (1979, p. 40-41) nos fala sobre a preciosa função pedagógica dos velhos na recuperação do passado:

“Um mundo social que possui riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual”.

Viktor Frankl, prisioneiro de um campo de concentração nazista, que magistralmente nos ensina a dar sentido à vida, principalmente em condições de extremo sofrimento, pondera a respeito das experiências dos velhos:

*No passado, nada fica irremediavelmente perdido, mas, ao contrário, tudo é irreversivelmente estocado e entesourado. Sem dúvida, as pessoas tendem a ver somente os campos desnudos da transitoriedade, mas ignoram e esquecem os celeiros repletos do passado, em que mantêm guardada a colheita das suas vidas: as ações feitas, os amores amados e, não menos importantes, os sofrimentos enfrentados com coragem e dignidade. A partir disso se pode ver que **não há razão para ter pena de pessoas velhas. Em vez disso, as pessoas jovens deveriam invejá-las** (grifos meus). É verdade que os velhos já não têm*

oportunidades nem possibilidades no futuro. Mas eles têm mais do que isso. Em vez de possibilidades no futuro, eles têm realidades no passado – as potencialidades que efetivaram, os sentidos que realizaram, os valores que viveram – e nada nem ninguém podem remover jamais seu patrimônio do passado.

Em pesquisa anterior (FERRIGNO, 2003, p. 181-190) pudemos sistematizar algumas modalidades de conhecimento que os velhos oferecem aos jovens, desde que tenham oportunidade para isso, a saber: 1) histórias da família, do bairro, da cidade, do país, fornecendo aos jovens a oportunidade de conhecerem suas origens e de se apropriarem da cultura de sua gente; 2) valores éticos, como honestidade e solidariedade, os quais por serem fundantes do processo civilizatório, sem os quais, portanto se instala a barbárie nas relações sociais, devem ser perenemente conservados; 3) saberes práticos do cotidiano no contato com a natureza, com as coisas e pessoas e que tanto nos ensinam sobre a vida; e 4) informações e modelos de como enfrentar a velhice, a doença e a morte, ou seja, uma educação para o envelhecimento, através de modelos de comportamento nessa fase da vida. Os jovens são particularmente sensíveis a bons exemplos de conduta e são, como sabemos, refratários a conselhos que lhes soem como sermões enfadonhos e incoerentes. Em nossa experiência, recolhemos vários depoimentos de jovens que ao criticarem determinado idoso ou idosa tomam consciência de como não querem ficar quando velhos. Outros, ao falarem com admiração pelos idosos que conheceram no SESC, nos dão pistas de que os vêem como tipos inspiradores de como se deve ser na velhice.

Reciprocamente, a mesma pesquisa mostrou o que os jovens ensinam aos idosos: 1) uma educação para novas tecnologias, como manejo de computadores e navegação pela internet; e 2) uma maior flexibilidade de

comportamentos sociais de acordo com os novos valores morais, ou seja, uma educação para os novos tempos. Por isso, podemos falar de uma co-educação de gerações como uma das metas a serem perseguidas nas experiências de aproximação intergeracional.

E o que mais os mais velhos podem esperar de um convívio com os jovens? Para Margareth Mead (1971, p. 35-63) é numa sociedade como a nossa, de rápidas transformações, que podem se desenvolver as chamadas culturas pré-figurativas. Segundo define a autora, são culturas nas quais as novas gerações ensinam às anteriores. Diz a antropóloga:

Hoje em dia, o desenvolvimento de culturas pré-figurativas dependerá da existência de um diálogo contínuo no qual os jovens, livres para agir por sua própria iniciativa, possam conduzir os mais velhos no caminho do desconhecido. Então, a geração antiga terá acesso a um novo conhecimento experimental sem o qual nenhum plano digno de interesse pode ser elaborado. Não é senão com a participação direta dos jovens, que possuem este conhecimento que poderemos atingir um futuro viável. É do seu novo saber - novo para o mundo e novo para nós - que deverão nascer as questões que serão colocadas àqueles cuja educação e experiência os colocam em posição de procurar as respostas. As crianças e os jovens devem fazer questões que jamais teriam chegado ao nosso espírito, mas é preciso que exista novamente confiança suficiente para que os mais velhos sejam autorizados a procurar, com os jovens, estas respostas.

O oposto de isolamento, condição ainda de muitos velhos, é a integração. Muito se fala da necessidade da integração do idoso ao convívio social. Acredito que uma de suas formas possa se dar pela aproximação às jovens gerações. Em nossos dias, é cada vez mais clara a importância do contato com a juventude, pela preciosa oportunidade de aquisição de novos

conhecimentos e valores da sociedade contemporânea. Talvez, estejamos vivendo um bom momento para esse contato em decorrência da atual veiculação de uma imagem mais positiva de velhice.

Comentando as potencialidades da Terceira Idade que tendem a valorizar a velhice, Ecléa Bosi (2003, editorial) destaca a ampla compensação das perdas da vitalidade física e da memória imediata para detalhes do cotidiano, pelo desenvolvimento da memória social, da sensibilidade e do discernimento voltados para as coisas essenciais da vida. Tais qualidades se mostram indispensáveis no relacionamento com os jovens. Em um movimento dialético, de retroalimentação, como num ciclo virtuoso, o estabelecimento de uma imagem mais positiva da velhice tem favorecido a aproximação de jovens e idosos em atividades de lazer e, na medida em que essa interação mostra aos jovens que os mais velhos permanecem capazes, a imagem positiva se reafirma, se consolida.

Segundo Venturi e Bokany (2007, p. 21-31) a pesquisa nacional “Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade”, concluiu que a imagem da velhice ainda é mais negativa do que positiva e que ainda há muitos preconceitos contra os velhos. Mas, conclui também que há uma clara percepção, tanto por parte dos jovens, quanto dos próprios idosos, de que sob vários aspectos essa fase da vida traz benefícios, como a conquista da experiência, da sabedoria, do tempo livre, da independência econômica e dos novos direitos sociais (como prioridade em fila, gratuidade em ônibus e descontos em eventos culturais). Os próprios idosos avaliam que ser idoso hoje é melhor do que foi na época de sua juventude.,

Como um alerta importante devemos ter presente que ao refletirmos sobre uma nova imagem de velhice, é bom que se enfatize, referimo-nos a acontecimentos reservados a determinados estratos da população brasileira, principalmente à chamada classe média. O Brasil é um país muito contrastante em relação às condições de vida de seu povo. Por isso, deveríamos falar em “velhices brasileiras”. De um lado temos velhos, que preferem ser chamados de idosos ou Terceira Idade ou até “Melhor Idade” e outros eufemismos. Eles consomem as novidades do mercado, cuidam do corpo e do espírito com esmero e cuidado. De outro lado, não nos esqueçamos, temos uma velhice sofrida, sombria, solitária, pobre e doente, que depende da atenção de familiares, da comunidade, dos poderes públicos, dos jovens, enfim, de todos nós.

A Situação da Juventude Contemporânea

Sobre a juventude, as opiniões dos adultos em geral se dividem em *reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas*, na avaliação de Helena Wendel Abramo (2005, p. 37-71). Para a autora, até os anos 60 a visibilidade social da juventude ficava mais circunscrita ao universo dos jovens escolarizados de classe média e seu potencial de transformação das estruturas sociais. Nas últimas décadas, o foco da atenção se voltou principalmente para as crianças e adolescentes em situação de risco e a discussão sobre os direitos desses segmentos.

Mais recentemente, a vulnerabilidade dos jovens mais velhos, isto é, daqueles que já ultrapassaram o período da adolescência, passaram também a merecer maior atenção. Claro está que os mais vulneráveis às diversas formas de violência são os jovens mais pobres. Aliás, assim como

acabamos de ponderar em relação à velhice, seria também apropriado que falássemos em “juventudes brasileiras”, em decorrência dos fortes contrastes socioeconômicos que caracterizam a população jovem de nosso país. Mesmo assim, o estilo de vida dos jovens de classe média continua a ser uma espécie de modelo ideal de como se viver a juventude. Modelo que traz muita expectativa de realização escolar e profissional, mas que encontra-se muito distante da maioria dos jovens brasileiros, principalmente em uma conjuntura de desemprego, como a que estamos vivendo nos anos mais recentes.

Do ponto de vista do jovem, Foracchi (1972, p.19-32) reconhece que na sociedade moderna a transição para a fase adulta é especialmente difícil devido à complexidade da organização social, à variedade das alternativas de vida que se oferecem ao jovem, às contradições inerentes à passagem da família de origem à família de procriação, às incertezas quanto ao destino pessoal. Acrescentaríamos, repetindo para bem enfatizar, a esse rol de obstáculos a dificuldade nos anos recentes de inserção no mercado de trabalho. Relativamente ao tema específico deste estudo vale lembrar que o prolongamento da dependência econômica pode resultar no adiamento da passagem à vida adulta. Temos, assim, uma configuração potencial de conflitos entre pais e filhos, pelas dificuldades financeiras decorrentes e pela frustração de expectativas tanto paternas, quando do próprio jovem.

Desse quadro pode resultar uma angústia do jovem na busca de sua identidade. O adolescente é pressionado a se tornar adulto e independente pelo mesmo sistema que lhe fecha as portas do primeiro emprego. O jovem, então, questiona os valores da sociedade pelas ambigüidades e incertezas, pela falta de respostas institucionais, pela falta de preparo emocional e intelectual, pela ausência de ritos de passagem. O adolescente tende a criar,

então, seu próprio *modus vivendi*, sua própria visão de mundo e absorver atitudes e comportamentos de seu grupo.

Paul Singer (2005, p. 27-35) ao refletir sobre a juventude atual, lembra inicialmente que os jovens de hoje são filhos de uma geração que testemunhou processos revolucionários e que uma parte dela se envolveu diretamente com essas lutas nas décadas de 60 e 70. Os anos seguintes, porém, foram marcados pela desilusão com os regimes comunistas e pela perda da esperança de conquista do socialismo democrático diante da destituição violenta de Salvador Allende, no Chile. A onda neoliberal que assolou o Ocidente nos últimos anos, ainda segundo Singer, ocasionou a passagem das políticas de assistência social das mãos do Estado para as ONGs – Organizações não-governamentais ou Terceiro Setor, com a presença significativa de gente jovem nessas organizações. Apesar de comentários generalizados de que a juventude dos dias atuais é pouco engajada politicamente, Singer considera que muitas iniciativas de projetos sociais contam com a participação dos mesmos. Sua presença maciça nos Fóruns Sociais Mundiais parece ser uma mostra de envolvimento com essas causas. Comentando os resultados da pesquisa “Projeto Juventude” (ABRAMO e BRANCO 2005, p. 32-33), Singer evidencia as preocupações dos jovens:

A postura ideológica da juventude de hoje pode ser vislumbrada por resultados da pesquisa do Projeto Juventude. Perguntados a respeito dos valores mais importantes para uma sociedade ideal, os jovens escolheram por ordem de prioridade os seguintes: solidariedade (55%), respeito às diferenças (50%), igualdade de oportunidades (46%). Impressiona o destaque dado à solidariedade (...) O que os jovens entendem por uma sociedade solidária? Possivelmente uma sociedade que não discrimina os diferentes por raça, religião, orientação sexual, etc.

Esperamos que entre as possibilidades enumeradas por Paul Singer possa estar incluída também a solidariedade entre as gerações como uma expectativa de nossa juventude. Em nossa experiência, ainda que circunscrita a um pequeno universo, é possível encontrar indícios auspiciosos de que os jovens, incluindo as crianças e os adolescentes que entrevistei para este trabalho, estão abertos a mudanças e interessados em compartilhar atividades de lazer com os adultos.

Lembrando que a presente reflexão baseia-se em observações da interação intergeracional em situações de lazer, ao comentarmos sobre o “novo idoso” ou, seja, sobre as novas possibilidades de participação social das pessoas idosas, vimos como o lazer ocupa um lugar de destaque, sobretudo para as classes médias. Ao falarmos da juventude brasileira, é importante discutir como é o lazer dos jovens na atualidade, dado que também para eles o lazer é importante fator de socialização, e quais suas possibilidades de acesso.

Para os idosos, como vimos, os grupos de convivência, que se caracterizam pelas atividades de lazer, são espaços de afirmação de uma identidade social e de formação de vínculos afetivos. Com os jovens o mesmo se dá. Em seu tempo livre, afastados das obrigações dos estudos e do trabalho, o jovem por meio de suas relações com sua turma de amigos, constrói seus valores e seu estilo de comportamento. Distanciados do controle exercido pelos adultos, elaboram sua subjetividade etária, pensando e agindo sobre a realidade, avaliando criticamente as normas do mundo adulto, descobrindo suas potencialidades, enfrentando o preconceito dos mais velhos que o vêem como incapaz e irresponsável. Apoiados em um coletivo, conseguem mais facilmente uma afirmação pessoal numa sociedade vacilante e contraditória em relação ao que quer e espera da

juventude. Os momentos de lazer, portanto, são preciosos para o jovem desenvolver sua afetividade e sua cidadania.

Mas, como é o lazer do jovem brasileiro? A pesquisa nacional *Perfil da Juventude Brasileira* empreendida pela Fundação Perseu Abramo em 2003, entrevistou 3.501 indivíduos de 15 a 24 anos, e foi analisada por Brenner, Dayrell e Carrano (2005, p. 178-179) na parte em que a mesma trata dos hábitos culturais e de lazer do nosso jovem. Os autores dão conta que 88% dos entrevistados declararam nunca ter participado de qualquer programa de atividades culturais ou desportivas oferecido pelo poder público ou por ONGs. Entre os jovens do meio rural o índice sobe para impressionantes 94%. A pesquisa informa que enquanto 23% dos jovens com renda familiar acima de dez salários mínimos tiveram acesso a tais programas, apenas 8% dos jovens com renda familiar de até dois salários mínimos tiveram algum envolvimento com esses projetos. A discriminação também se revela quanto à escolarização dos sujeitos: a participação em ações culturais é de 14% entre jovens de escolaridade média ou superior e de 3% daqueles que possuem até a 4ª série do ensino fundamental. Fica patente, portanto, a desigualdade de oportunidades entre as várias “juventudes brasileiras”.

A Questão da Intergeracionalidade e o Conceito de Geração.

Até aqui busquei traçar em linhas gerais e sem maiores aprofundamentos algumas novas condições de vida de jovens e velhos no Brasil, que sugerem inéditas possibilidades de interação. Nesse momento, antes de partirmos para uma reflexão acerca das relações entre as gerações e mais especificamente sobre possíveis conflitos e outras dificuldades, para enriquecermos este cenário de estudos, creio ser pertinente apresentar os vários sentidos dados ao termo geração nas ciências humanas.

Attias-Donfut (2000, p. 2-4) observa que a despeito da relevância do conceito de geração, há confusões tanto no discurso popular quanto nos trabalhos científicos sobre o seu significado. Para ela, o termo geração comporta ao menos cinco sentidos. Primeiro, geração é usada algumas vezes para distinguir coortes, representando grupos de pessoas nascidas em uma mesma época e que vivenciaram os mesmos acontecimentos, por exemplo a geração da Segunda Grande Guerra. Segundo sentido apontado pela autora: o termo geração é derivado dos estudos das relações familiares entre avós, pais e filhos e tem a ver com a posição de cada familiar nesse universo.

Uma terceira utilização do termo é como medida de tempo, representando o número de anos entre a idade de pais e filhos. Esse conceito de geração é encontrado na maioria das culturas e também nos escritos bíblicos. É, porém, uma medida imprecisa do ponto de vista da duração de uma geração e, nesse sentido, pode variar de menos de 20 a mais 40 anos.

Quarto sentido possível: o conceito desenvolvido por Mannheim que relaciona o processo de formação de gerações a mudanças sociais. Ele argumenta, segundo Attias-Donfut, que certos indivíduos estão relacionados entre si não apenas por terem nascido na mesma época, mas por viverem em um período de rápidas mudanças sociais em virtude de que desenvolvem uma consciência histórica própria, uma identidade coletiva que influencia suas atitudes e comportamentos. Assim, determinado grupo distingue-se das gerações anteriores. Tais gerações são diferenciadas pelas experiências históricas que compartilharam resultando em uma visão comum do mundo.

O quinto significado para o termo geração relaciona-se às políticas sociais para as distintas idades, definidas de acordo com a seqüência do exercício das experiências de estudante, trabalhador e aposentado. Portanto, nesse caso, as gerações são identificadas pela situação escolar, pela participação ou não no mercado de trabalho, pelas contribuições que elas fazem ao sistema de seguridade social e pelos benefícios que dele recebem. Todavia, hoje, observa Attias-Donfut, as idades próprias de estudo e trabalho tornaram-se muito menos claras. Assim como há jovens que começam cedo a trabalhar, há idosos ainda estudando.

Karl Mannheim, nome importante da chamada sociologia do conhecimento, passou a ser uma referência pelo conceito de geração que formulou. Para ele, (MANNHEIM, 1952, p. 288), não se pode considerar uma geração como um grupo concreto, como uma família ou uma tribo, já que não possui uma estrutura organizacional visível. Obviamente, tampouco a idéia de classe de idade se confunde com o conceito de classe social, já que neste caso, os indivíduos são identificados pelo lugar que ocupam nas relações de produção de uma sociedade complexa e com esse tipo de estratificação, como a nossa. Todavia, pertencer a uma mesma geração determina certos pensamentos e comportamentos. Seus membros pensam e atuam de certo modo porque ocupam o mesmo lugar em uma estrutura global. Por isso, a análise deve ser estrutural: as ações têm que ser analisadas em termos do lugar que elas ocupam dentro de um processo dinâmico. Diz esse autor que a geração se constitui a partir de uma mesma locação (“Lagerung”) de indivíduos em determinado contexto social e dentro de um mesmo processo histórico. Como Mannheim, para Marialice Foracchi (1972, p. 21),

Os membros de uma mesma geração compartilham um acervo comum de experiências, situações de vida e oportunidades de trabalho. Usufruem juntos e contemporaneamente, os benefícios e a opressão, as vantagens e a vilania, a tensão e alegria do destino prefigurado pelo seu modo de inserção na estrutura social. Essa vivência compartilhada não é, contudo, desordenada e difusa. Apresenta um modo de ordenação característico. Sendo compartilhada, a estratificação da experiência é responsável pela afinidade de localização social. Os mesmos acontecimentos que compõem o acervo de experiências de uma geração, essa identidade de vivência que, no limite, é estratificada de modo semelhante, conduzem à mesma localização social, forma o estilo de conhecimento e de atuação característicos de uma geração.

Os membros de um mesmo grupo apresentam certas similaridades porque suas primeiras e cruciais experiências colocam-nos em contato com as mesmas coisas. Grupos de jovens e velhos podem experimentar os mesmos acontecimentos em uma dada sociedade. Mas os efeitos desses eventos serão diferentes, dependendo se forem experimentados pela primeira vez ou dentro de um quadro já formado de experiências semelhantes.

Nesse sentido, Attias-Donfut (2000, p. 3) enfatiza que os eventos, principalmente aqueles de maior importância, como a Segunda Guerra Mundial, tem um impacto diferente sobre diferentes membros da sociedade. A profundidade das marcas deixadas depende da extensão com que as diversas gerações são expostas a esses grandes eventos. Depende da idade dos indivíduos e de sua posição como atores sociais relativamente às estruturas políticas e sociais mais amplas (por exemplo, se elas são apenas testemunhas ou se são vítimas desses eventos). Além disso, não são somente os acontecimentos maiores que deixam marcas. Há também numerosos fatores sociais e culturais que estão ligados a grupos de pessoas

de idade similar, como os alunos dos diferentes estágios escolares, turmas de lazer e de serviço militar, que criam uma referência comum e um conjunto de experiências compartilhadas. Esses pontos de referências são internalizados durante os anos de formação. Porém, as experiências históricas continuam a deixar uma impressão ao longo de todo o curso de vida nos níveis individual e coletivo.

De acordo com essa perspectiva, ao contrário da teoria de Mannheim, Attias-Donfut considera que as gerações são continuamente envolvidas, independentemente do momento particular no tempo em que elas se movem e da grandeza dos acontecimentos, sejam grandes turbulências ou somente formas mais brandas de mudanças sociais. Ela observa ainda que o reconhecimento social de uma “geração histórica” é feito a posteriori. É somente por meio da seletiva reconstrução do passado que uma geração se torna associada a eventos sociais específicos. Trata-se de processo de recordação e comemoração através do qual o evento social é mantido vivo para as gerações que o testemunharam. Esse processo delega a determinada geração a tarefa de servir como uma testemunha da história e memória coletiva da sociedade (a autora explica que adota o sentido dado por Maurice Halbwachs, em *La Mémoire Collective*, 1950). Em outras palavras, o que é usualmente definido como uma “geração histórica” é um produto do imaginário social que contribui para construir o tempo social. Finalmente, o sentimento de pertencimento a uma geração não somente se dá através de um processo horizontal que liga a um momento específico na história de uma experiência compartilhada, mas também verticalmente através das relações familiares.

O convívio das gerações construído ao longo da história

As relações intergeracionais, assim como a própria noção de geração são socialmente construídas. A construção social das gerações, em diferentes etapas da história, se concretiza pelo estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada fase da vida. Como um dos sintomas da Modernidade as gerações foram “descobertas”. Na Idade Média, diferentemente de sociedades como a nossa, não havia divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos. Nessa época, não havia um "sentimento de infância", ou seja, uma representação elaborada desse momento. Philippe Ariès (1981, p. 275-279) fala de uma invenção social da infância, a partir do século XVIII em que há a fundação de um estatuto para essa faixa etária. Na Idade Média e até o início dos tempos modernos, e por mais tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se aos adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, ou seja, assim que prescindissem dos cuidados maternos de sobrevivência. A partir aproximadamente de uns 7 anos de idade ingressavam na grande comunidade dos homens, participando com jovens e velhos dos trabalhos, das festas e dos jogos do dia a dia. Podemos supor que a vida na era pré-moderna era relativamente igual para as diferentes idades, ou seja, não havia muitos estágios e os que existiam não eram tão claramente demarcados, com exceção dos rituais de iniciação para homens e mulheres na passagem da infância para a fase adulta, durante o período que posteriormente foi nomeado como adolescência.

Na era moderna, as idades foram sendo “inventadas” (FEATHERSTONE, 1998, p. 10). Primeiramente, a infância com a institucionalização da escola. Depois, na segunda metade do século XIX, Stanley Hall elabora uma psicologia da adolescência e a repercussão de

suas teorizações colabora para uma maior visibilidade social das pessoas dessa faixa etária. No século XX a velhice é “inventada” com o desenvolvimento da gerontologia e a criação dos centros de convivência e faculdades abertas a esse contingente. Uma determinada coorte de velhos é elevada à condição de Terceira Idade, com promessas de um envelhecimento prolongado, ativo e saudável. Mais recentemente, outro período da vida é problematizado, tornando-se objeto de estudos e intervenções: a meia idade, longo período situado entre os 40 e os 60 anos, transição para a velhice marcada culturalmente por crise de identidade, como a adolescência.

Na era moderna, essa mais nítida delimitação etária, impôs específicas normas de conduta para cada geração e para cada sexo. Apenas para exemplificar, até os anos 50 tal diferenciação se expressou fortemente nas roupas indicadas para meninos, meninas, homens e mulheres (adultos jovens ou idosos), fenômeno que podemos constatar ao ver imagens de filmes e seriados de TV, os homens vestiam terno (preto, cinza ou marrom) e sóbrias gravata e as mulheres trajavam unicamente vestidos. Nessa época, o surgimento das calças compridas femininas provocou polêmica. A partir das últimas décadas, conforme comento ao final desse trabalho, é possível perceber uma progressiva indiferenciação etária, inclusive, nos trajés.

Norbert Elias (1994, p. 73-81), ao analisar a evolução dos costumes ao longo da Idade Média, num processo que ele chama de civilizador, ou seja, num esforço de progressiva humanização das relações sociais, nos mostra que a livre discussão de temas como sexualidade entre crianças e adultos, precedeu o puritanismo do século XIX, caracterizado pela interdição de práticas e discursos nessa área. Por sua vez, essa herança vitoriana, deu lugar, principalmente a partir de meados do século passado, a uma nova

onda de liberalidade nas conversas entre as gerações mais novas e mais velhas. São exemplos de padrões culturais determinando, através da linha do tempo, alternâncias de aproximações e afastamentos entre o mundo adulto e o mundo infantil.

A delimitação das gerações na modernidade, parece ter refletido a tendência moderna e racionalista da seriação e da classificação das coisas e das pessoas, pensamento que se aplicou bem à formação do conceito recente de geração ao longo do ciclo vital. Essas considerações nos chamam a atenção, enfim, para a transitoriedade das formas de interação entre os grupos etários.

O relacionamento entre gerações em nossos dias: distanciamento, conflito, cooperação e co-educação.

Com base, então, nessas breves considerações históricas, a questão que se coloca é: como vivem e convivem hoje as gerações? O distanciamento social entre as gerações é um dos mais notáveis fenômenos dos tempos atuais. Na sociedade moderna facilmente constatamos a compartimentalização das faixas de idade.

Para uma das entrevistadas, uma causa para o conflito de gerações é a distância afetiva e a falta de convivência entre elas:

É a separação, né? Jovens e velhos estão quase sempre separados, não têm um momento em que se juntam, um lazer... bom na escola tem, né, reuniões de pais e mestres... mas é... pais e mestres, ali não entram as crianças... É... muita separação. Acho que em alguns momentos tem que haver esse encontro... para que haja amizade... haja aquele “tête a tête”. (Dona Maria, 68 anos)

Refletindo sobre as relações sociais na atualidade, um dos educadores do SESC, também se pronuncia sobre esse distanciamento e igualmente o vê como um possível causador de conflitos entre gerações:

Bom, eu acho que isso se deve ao momento histórico porque na verdade as gerações só convivem mesmo dentro de sua própria faixa etária até porque a gente acaba impondo isso... seja na escola, em várias instituições... essa separação... acho que tem até questões familiares... a distância do idoso da criança... a falta desse convívio... Eu não sei definir, mas pelo que eu ouvi de histórias de vida, pelo que eu vejo... há muita resistência, a pessoa vai se fechando... nós temos que tomar muito cuidado com isso, a gente vai se tornando muito elitista, a gente fica querendo fazer só aquilo que a gente gosta, a gente vai se fechando, então, a gente não se permite um contato com os jovens, a gente não dá essa liberdade, essa abertura. A gente reprime, a gente vê uma rodinha de adolescentes e já acha que vai dar problema. A gente já os aborda achando que eles estão ociosos e que vão se utilizar de drogas ou estão aprontando alguma coisa... (Flávio, 42 anos).

A falta de atenção e o distanciamento físico entre pais e filhos, com destaque para a mãe trabalhadora, para Dona Aline se constituem em forte fator de dificuldade no relacionamento:

Às vezes, há falta de atenção, não dá para dar aquela atenção para a criança. Eu acho que a mulher trabalhando fora... porque a mulher trabalhava mais dentro de casa, então, ficava mais perto dos filhos, o tempo todo. E agora, não, a situação... os pais saem para trabalhar... e os filhos ficam... é difícil, devido à mudança... não ficam sempre juntos... sentem a falta de amor, porque o amor une muito... muita compreensão é preciso... a criança precisa dos pais juntinhos, mas hoje em dia, o senhor veja, nasce e já vai para um berçário, já vai para uma creche (Dona Aline, 75 anos).

A seu modo e de acordo com interesses próprios, ao que parece cada geração percebe de alguma forma o distanciamento geracional. Bruna, 10 anos, uma das participantes das atividades intergeracionais, acha que se deve ter hora para as obrigações da criança, os pais têm que ter tempo para ficar com os filhos: *“Tem que ter hora para estudar, para trabalhar e um horário para a criança. Se a criança tem que ter um horário para tomar banho, essas coisas... os pais também têm que ter um horário para as crianças”*.

Karina, 14 anos, outra entrevistada, fala como os jovens da comunidade religiosa da qual faz parte, vêem um certo professor com papel de liderança sobre eles.

Tem alguns que ficam meio receosos de falar com ele (o “cooperador”, um líder de sua comunidade religiosa que tem por função educar os jovens) ... mas eu nasci ali naquela igreja, então eu conheço ele desde que eu nasci... então, eu não tenho vergonha de falar com ele, mas os meus amigos, por exemplo, tem muita vergonha de falar com ele, porque eles acham que ele vai brigar com eles se eles falarem alguma coisa... se eles chegarem para perguntar alguma coisa...

Aqui se fala de certo temor a esse líder, um adulto. Um temor associado à figura de autoridade, fato que parece ser muito comum nos relacionamentos professor-aluno, no caso professor e aluno adolescente. A falta de familiaridade com esse professor gera desconfiança.

Ao discutir as articulações entre a esfera pública e privada das relações humanas no mundo atual, Hannah Arendt, analisa o distanciamento que a sociedade de massas produziu entre as pessoas: *O que torna tão difícil suportar na sociedade de massas não é o número de pessoas que ela*

abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras... (ARENDDT, 2003, p. 62).

Constatamos crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos velhos, ocupando “áreas reservadas”, como creches, escolas, oficinas, escritórios, asilos, locais de lazer próprios, etc. Há algumas décadas, quando os centros urbanos ainda não eram tão extensos quanto o são atualmente, era possível observar grupos de crianças ouvindo atentamente histórias contadas por pessoas idosas, inclusive por seus avós. Todavia, o crescimento vertiginoso das cidades, a nuclearização da família que, por vezes, determinou o afastamento dos avós, a popularização da televisão, além da consolidação de novos valores culturais, tem sido alguns dos fatores apontados como os mais importantes para o distanciamento das gerações e o conseqüente enfraquecimento da transmissão de conhecimentos de uma geração para outra. Em nossos tempos, de modo geral, as gerações vivem segregadas em espaços exclusivos.

O distanciamento neste contexto pode ser entendido como falta de interesse pelo outro. Nesse sentido, vale aqui nos indagarmos sobre como se percebem as gerações. Serge Moscovici (2003, p. 20-33) ao explicitar seu conceito de representação como algo determinado pela complexa conjunção de influências recebidas pelo meio social a forjarem o modo como captamos a realidade, sugestivamente exemplifica a parcialidade de nossa percepção com o fenômeno da “invisibilidade” dos velhos diante dos jovens e da sociedade em geral. O autor também registra a reciprocidade da indiferença dos velhos em relação aos jovens, fato que não é comumente observado nas análises das relações entre gerações, principalmente pelos gerontólogos:

(...) nós não estamos muito conscientes de algumas coisas bastante óbvias; (...) nós não conseguimos ver o que está adiante de nossos olhos. É como se nosso olhar ou nossa percepção estivessem eclipsados, de tal modo que uma determinada classe de pessoas, devido a idade, por exemplo, não existisse. Os velhos pelos novos e os novos pelos velhos (...) se tornam invisíveis quando, de fato, eles estão “nos olhando de frente” (MOSCOVICI, 2003, p. 30).

O autor completa sua reflexão ponderando que essa invisibilidade não se dá por falta de informação, mas em decorrência de valores sociais que operam uma fragmentação preestabelecida da realidade que torna algumas coisas e pessoas mais visíveis que outras.

Tom Zé (SESC, 2008, p. 93), músico e compositor, também contribui para essa discussão, chamando a atenção para a reciprocidade de tratamentos: *“Há segregação porque o diferente é que incomoda, é a incapacidade de conviver com a diversidade. Da mesma forma que o jovem segrega o velho, o velho segrega o jovem”*. A pouca visibilidade recíproca entre as gerações pode estar relacionada ao distanciamento físico e afetivo entre as faixas etárias. Vejamos o que acontece a cada geração.

As crianças, escolarizadas cada vez mais precocemente, desde os primeiros meses passam muitas horas em creches e instituições assemelhadas, porque pais e mães trabalham durante todo o dia. Na falta destes ou por outros motivos, inúmeras vivem permanentemente internadas em estabelecimentos especiais. Embora nesses locais haja contato com adultos, eles são poucos e estão aí principalmente para cuidar delas, fato que estabelece uma convivência mais restrita e restritiva, marcada por papéis bem definidos.

Além da circunscrição ao espaço da escola, onde a convivência mais freqüentemente se dá com seus pares, os adolescentes se mostram especialmente motivados a formarem grupos de amizade compostos por indivíduos de mesma idade ou de idade bem próxima. Aliás, nas décadas mais recentes, parece ocorrer uma ênfase maior na formação de grupos com idéias, valores e hábitos bem semelhantes, fato que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis”, identificadas não só ideologicamente, mas também pela aparência de seus membros através de trajes e adereços. Entre os jovens é notável a grande variedade de estilos de vida.

O universo do adulto é formado em grande parte pelo mundo do trabalho, no qual as relações se dão basicamente com outros adultos. Também em sua maioria com outros adultos são os relacionamentos desenvolvidos em espaços dedicados ao estudo, ao lazer ou a alguma atividade de militância social, cultural, política ou religiosa. Essa faixa etária costuma ser dividida em subfaixas como a de adulto jovem, meia idade e velhice, com expectativas de desempenho de papéis mais ou menos definidos para cada uma delas.

No caminho em direção à velhice, em decorrência de inúmeros fatores culturais contemporâneos, os contatos sociais, tendem a se tornar rarefeitos para muitos idosos. Assiste-se, então, a um progressivo esvaziamento de papéis, fato que determina um crescente isolamento ou recolhimento ao espaço doméstico. Além da aposentadoria, a chamada “síndrome do ninho vazio”, caracterizada pela debandada dos filhos emancipados, é fenômeno que impõe aos mais velhos uma expressiva diminuição de funções sociais e que atinge mais fortemente a mulher em seus papéis de mãe e avó.

Sobre o fenômeno do ninho vazio é preciso, no entanto, registrar um contraponto que representa uma mudança recente no comportamento dos filhos adultos: muitos deles não saem da casa de seus pais ou a ela retornam por várias razões. Uma delas é a escassez da oferta de trabalho que, nas décadas mais recentes, tende a vitimar principalmente os brasileiros mais jovens, somada ao prolongamento da escolarização também por motivos profissionais. Outra razão se refere à criminalidade crescente das cidades brasileiras exigindo uma atitude protetora dos pais, às vezes até excessiva, fato que prolonga a permanência dos filhos no lar paterno. A maior liberdade sexual que têm os jovens atuais para relacionamentos íntimos com namoradas e namorados na casa dos pais, nos parece a alternativa encontrada para abrigá-los em ambiente seguros e protegido. Em decorrência desse novo contexto familiar, vários estudiosos falam de uma nova síndrome: a do “ninho cheio”.

Como reagem os idosos a essa “nova síndrome” ? Até a alguns anos, em meu convívio profissional com os idosos, eram mais comuns queixas pelo “abandono” imposto a eles com a debandada dos filhos e os decorrentes e inevitáveis sentimentos de solidão e rejeição. Hoje é mais freqüente o discurso oposto, lamentam-se pela permanência ou pela volta dos filhos premidos por necessidades financeiras e/ou por separação conjugal, por vezes trazendo consigo também os netos. Num universo de relações marcadas por sentimentos contraditórios, a tranquilidade perdida, em outro contexto entendida por solidão, pode, então, ser substituída ora pelas alegrias do convívio, ora pelos dissabores dos desentendimentos com os filhos e netos.

Elsa Ramos (2006, p. 39-65) observa, no entanto, que se estabelecem negociações entre pais e filhos já crescidos que permanecem na casa de seus genitores por diversas razões, como apontamos. Para a autora essas negociações permitem não só uma convivência satisfatória, mas constituem um caminho construído pela família para que o jovem passe para a condição de adulto, em uma sociedade já desprovida dos chamados ritos de passagem.

E os jovens, querem permanecer com seus pais e avós? De acordo com o que pude constatar pelas conversas que mantive com vários adolescentes dentro e fora da instituição pesquisada, eles se colocam em uma posição ambígua: desejam as vantagens que a independência proporciona, mas não desprezam o conforto e segurança de dependerem dos pais.

Reconhecendo diferenças que podem gerar situações conflituosas entre as gerações e sintetizando o que dissemos sobre algumas particulares do relacionamento entre as gerações na família, Sara Nigri Goldman (2004, p. 67), acredita na existência de um pacto intergeracional no seio familiar, resultando de um esforço coletivo para o enfrentamento das dificuldades que vem da sociedade de modo geral.

As mútuas resistências e rejeições. O preconceito etário.

O caminho de aproximação das gerações não é fácil, há muitos obstáculos constituídos por preconceitos recíprocos. Numerosos trabalhos acadêmicos abordam as várias formas que assumem as atitudes preconceituosas direcionadas aos velhos. Em outro trabalho (FERRIGNO, 2002, p. 49-52) analisei diferentes processos de estigmatização imposto a

essas pessoas, baseando-me nas postulações de Erving Goffman e defendendo a idéia de que tal discriminação é resultado de uma sociedade que mercantiliza as relações sociais, incentiva a competição, enaltece o descartável e despreza valores que alimentam a solidariedade.

Rubem Alves (SESC, 2002, p. 87), escritor, ilustra a discriminação aos velhos no seio da família:

Observe as famílias num restaurante. O velho fica no lugar de honra, a cabeceira. Que é o lugar mais longe. Todos conversam entre si. Não se dirigem ao velho. Ele não faz parte. É apenas um observador. Ausente. Já "embarcou na canoa e foi para a terceira margem do rio". Esse exílio do velho, essa solidão em meio a muitos, é o início da sua morte. É uma pena porque os velhos têm tantas histórias interessantes para contar.

A discriminação dirigida às gerações mais velhas não se resume aos que atingiram uma idade mais avançada. Ela se manifesta também em relação ao adulto mais jovem e pode partir de um adolescente, conforme nos contou Flávio, educador do SESC, um dos sujeitos da presente pesquisa, em uma experiência pessoal:

Eu me senti muito mal em uma ocasião... eu fui buscar o meu sobrinho em uma rua de barzinhos em que só tinha adolescente... e aí eu abri o vidro do carro e o chamei. Então, um moleque gritou assim: "Olha lá, seu pai veio te buscar!", tirando um sarro de mim, como quem diz: "O que esse tio está fazendo aqui, numa rua em que só tem molecada?!"... Aí eu me senti muito mal (Flávio, 42 anos).

Mas, se há, de fato, uma discriminação aos velhos, há, por outro lado, uma reciprocidade menos evidente: o preconceito do idoso em relação às gerações mais jovens, que pode assumir diferentes feições. No transcorrer

de nossa pesquisa, as atitudes discriminatórias dos mais velhos, não necessariamente pessoas já na velhice, surgem sob várias formas. Vejamos algumas delas.

Não há dúvida sobre a importância dos grupos de convivência para idosos. Em qualquer parte do mundo tais associações oferecem a preciosa oportunidade de se estabelecer vínculos afetivos e de compartilhar preocupações, angústias, sonhos e desejos com aqueles que vivem o fenômeno do envelhecimento. Acima de tudo, os grupos de convivência respondem à necessidade das pessoas, em qualquer fase da vida, de se sentirem pertencendo a uma determinada geração. Assim como os adolescentes têm sua turma, também os idosos sentem essa necessidade e têm esse direito. Os interesses e as experiências comuns que caracterizam a noção de geração explicam essa necessidade. Conforme pudemos analisar em outro trabalho (FERRIGNO, 2006, p.1436-1443), a meta central dos grupos de convivência é a socialização do idoso, ou, como talvez seja mais correto dizer, a sua ressocialização. Isso porque muitas dessas pessoas já tiveram uma intensa vida de relações sociais empobrecida posteriormente por fenômenos como aposentadoria, partida dos filhos, viuvez, falecimento e distanciamento de parentes, amigos e vizinhos.

Assim, devemos considerar uma séria limitação de alguns grupos de convivência de idosos: seu fechamento a outras gerações. Trata-se de uma situação que paradoxalmente opera na contramão de seu objetivo maior que é o de promover a integração social de seus membros. Muitos núcleos de idosos não mantêm contatos com outras faixas etárias. Alguns tendem mesmo a evitar interações com pessoas de outra geração, configurando-se, assim, em verdadeiros guetos etários.

A esse respeito, um dos coordenadores de atividades de lazer entrevistado para esta pesquisa descreve uma situação que ilustra a resistência de alguns idosos a uma aproximação com jovens no âmbito de uma instituição cultural:

Tinha muitos adolescentes que faziam um curso de dança de salão na própria unidade do SESC e que iam ao baile frequentado principalmente pelo pessoal da Terceira Idade. Esses jovens ficavam no cantinho só observando ou dançando discretamente... eu me deparei com várias idosas que reclamavam deles: 'O que eles estão fazendo aqui?' Eu dizia: 'Eles estão dançando!' Aí elas falavam assim: 'Mas, aqui não é lugar deles, eles estão atrapalhando a gente!' Eu respondia: 'Minha senhora, aqui as portas estão abertas, a gente não tem preconceito nenhum em relação à idade... a senhora podia até tirar o menino para dançar, a menina tirar um senhor para dançar, vocês podiam até trocar experiências, ensinar a eles um passo de bolero, sabe, vocês deviam trocar mais... acho que eles estão segregados, acho que eles deveriam ir para o meio do salão e não ficar num canto...' Mas, isso acontece. Estamos em pleno século 21 e vemos uma segregação que vem do próprio idoso. (Flávio, 42 anos, educador do SESC SP).

Na visão de Renata, os idosos tendem a ser mais preconceituosos em relação aos jovens do que o contrário e a apresentar resistência em compartilhar os espaços físicos da instituição para o exercício das atividades de lazer:

Em alguns momentos eu percebo que os idosos são mais preconceituosos em relação aos jovens do que o inverso. Por exemplo, sobre um jovem funcionário, alguns idosos disseram: "Mas, esse menino vai coordenar a atividade? Tinha que ser alguém mais velho, mais experiente..." Outra coisa: aqui no SESC as crianças acabam cedendo espaço aos idosos. Eles se sentem donos do pedaço e embora digam

que gostam da integração, na prática não é bem assim. (Renata, 40 anos, educadora do SESC).

Uma das entrevistadas, professora de uma oficina de canto coral sentiu maior resistência por parte dos idosos em trabalhar com crianças, mas, em compensação menciona a franca adesão de outros idosos:

Alguns idosos tiveram um pouco de resistência. Tanto que o grupo diminuiu, deu uma “enxugada” porque houve desistência. Algumas pessoas ficavam um pouco nervosas com as crianças, que estavam muito agitadas... enfim... aí logo no ensaio seguinte, já tinha menos gente... mas, depois os que ficaram, abraçaram a causa com muita vontade. Foi só uma minoria de idosos que não veio mais. A maioria ficou e gostou (Mônica, 35 anos).

Aqui é preciso fazer uma observação importante, ainda que evidente. Nem sempre a pouca ou nenhuma disposição dos idosos para interagirem com crianças ou jovens seja demonstração de preconceito. Em qualquer lugar e a qualquer hora, qualquer pessoa obviamente tem o direito de estar com quem bem entender. O idoso ou a idosa, que em determinado momento prefere ficar só ou com os seus pares, pode em outras situações desejar o convívio com jovens. Muitos desses frequentadores do SESC curtem muito seus netos e vão ao SESC para o exercício pontual de algumas atividades que não incluem crianças. No caso da oficina de canto coral, acima mencionada, além da falta de preparo dos profissionais envolvidos para o trabalho de integração do grupo, que é tratada no capítulo 3 quando analiso o papel do educador na condução dos processos grupais, havia, de fato, uma parte das idosas que não aceitaram a idéia de compartilhar a atividade de canto coral com as crianças, pois anteriormente o trabalho estava sendo

desenvolvido apenas pelo grupo da Terceira Idade. Nessa experiência não dá para se falar propriamente em aversão às crianças, apenas divergências de interesse entre os profissionais que idealizaram a atividade, priorizando o trabalho intergeracional e uma parcela dos idosos que foram convidados a viverem essa experiência.

De acordo com minhas observações e conversas com idosos, crianças e jovens no dia a dia de trabalho é possível levantar algumas razões para tentar explicar a maior resistência deles a atividades com outras gerações, ou mais propriamente das idosas, já que estas são maioria absoluta: 1) Algumas consideram que interagir com crianças dá trabalho e amolação e querem sossego. Destas, algumas são influenciadas pelas amolações dos netos ou de outras crianças dentro ou fora da família, crianças essas com as quais se envolvem em algum momento. 2) Parece que a maior adesão das crianças e dos adolescentes do SESC à idéia de interagirem com pessoas mais velhas se deve à sua maior curiosidade e abertura para ao mundo. 3) Atualmente crianças e adolescentes estão mais fortemente organizados em grupos no SESC do que os idosos, já que os grupos de Terceira Idade no SESC perderam sua força, em decorrência do crescente volume de opções de lazer dentro e fora da instituição e da dificuldade de acompanhamento de suas atividades por parte do quadro de profissionais, escasso e assoberbado no atendimento também a outras áreas da programação. A organização das crianças no programa Curumim e dos grupos de adolescentes em algumas unidades do SESC, monitorados por professores especializados, facilita a adesão para as atividades intergeracionais e a reflexão sobre a importância dessa aproximação.

De modo geral, nossas observações e vários depoimentos apontam para uma abertura maior das crianças e dos adolescentes, no espaço do SESC, para interagirem com os idosos do que o contrário. Uma das idosas entrevistadas, D. Maria reconhece que as crianças são mais abertas, mais disponíveis para o relacionamento com os mais velhos.

Sabe, a criança gosta muito mais do idoso do que o idoso de criança. Para as crianças não existe idade. Eu tenho sobrinhas-netas, pequenininhas, brincam de escolinha e querem que a gente faça também as coisas, para elas não tem idade, experimente brincar com umas crianças também. Para a criança não existe idade, elas são mais maleáveis. Criança quer brincar, desde que você brinque, você é igual. Agora, para o idoso, não... aí pode ter conflito. Tem pessoas idosas que não gostam: “Eu não! Ficar com criança”. Eu falei: “Por que não?”. Não gostam... às vezes, eu vejo reclamarem... Ah... acho que é rabugice mesmo (ri), são pessoas que envelheceram muito depressa e não aceitam... acham que tem ficar de um lado e criança de outro... Mas, é uma minoria, só que, às vezes, atrapalha... (Maria, 68 anos).

Neste ponto convém refletir sobre atitudes de avós em relação a seus netos. Parece haver diferentes valores e comportamentos por parte de idosos das classes populares e das classes médias. Essa observação foi feita por Paulo de Salles Oliveira, quando comparou a disponibilidade dos avôs e avós que entrevistou (1999, p. 272) com a atitude de avós de classe média, sujeitos da pesquisa de Myriam Lins de Barros (1987, cap. 2). No primeiro caso, as avós buscam compatibilizar o cuidado dos netos com a intensa faina diária do trabalho doméstico, num contexto de carência material e financeira gerada pela pobreza. Entendem que sua missão é mesmo a de se dedicar aos netos, já que frequentemente os pais dessas crianças, por motivos vários, se encontram impossibilitados de a elas se dedicarem. Já entre os idosos de classe média, os novos valores ligados a uma vida

independente e autônoma, além dos apelos relativos aos cuidados com o corpo e a fruição do prazer, fazem com que essas mulheres imponham restrições à suas filhas para ficarem com os netos. Como tem uma agenda de afazeres, negociam horários para as tarefas familiares. Isso não quer dizer, é claro, que gostem mais ou menos de seus netos ou que apreciam ou não crianças, mas apenas que reivindicam um tempo maior para elas mesmas.

Evidentemente, há idosos dos estratos sociais médios que valorizam o contato com gente jovem, muitos dos quais conheci em meu trabalho. Como exemplo, cito uma senhora que entrevistei, Dona Jussara, e que dá esse contraponto:

De certa maneira, o idoso se isola, porque ele diz: 'nós temos o nosso grupo, nossas idéias, tudo nosso. (os grifos são meus) E se tivesse jovens ali juntos, mesclados, ouvindo o que eles têm para falar, o que eles têm para oferecer e a gente também mostrando para eles que a gente tem alguma coisa para oferecer, não seria bom? Lá no SESC, tem curso de música para jovens e idosos juntos! E vai uma senhora com o neto! Então eu digo: Isso é muito bonito! Estão convivendo as gerações, porque, quer queiram, quer não, há sim um distanciamento na sociedade (Dona Jussara, 75 anos).

Quando pensamos em motivos de afastamento, constatamos a presença do preconceito, que pode estar em qualquer um dos dois lados. Tanto o idoso pode discriminar o jovem, quanto o inverso. Os preconceitos etários são mútuos. Rodrigo, garoto muito ativo e há alguns anos envolvido em atividades físicas intergeracionais no SESC, percebe essa reciprocidade:

Eu acho que tem conflito de gerações. O motivo é o jovem falar que aquela pessoa é velha e não presta para mais nada. É velha mas pode saber mais que o jovem e pode saber fazer coisas que a gente não sabe. Agora, tem pessoas idosas que acham que o mais novo não sabe nada... (Rodrigo, 12 anos)

As recíprocas atitudes negativas também podem se dar entre outras gerações. Uma das crianças entrevistadas, manifesta revolta com o tratamento que os adolescentes dão aos menores. Esse garoto relata uma situação vivida diretamente:

Brigo mais com os meus primos que têm mais de 15 anos. Tem adolescente que é tão legal que ainda não perdeu a criança que tem dentro dele. Agora tem uns que, meu Deus, parece que nunca foram crianças! A gente ia fazer uma gincana e tinham vários grupos e tinha um grupo que só tinha criança, aí eu ouvi a professora falar a um adolescente: “Você entra neste grupo aqui”, aí ele: “Ah, mas ali só tem pivete!”. Aí eu falei assim: “Mas você também já foi criança!” Lá na minha rua, os adolescentes não respeitam as crianças, eles são chatos. Eles acham que são os reis, que tem direito de sacanear todas as crianças. Eles dizem: “respeitem os mais velhos”, só que eles ainda nem são adultos! (Ricardo, 10 anos).

Esse bem conhecido comportamento dos adolescentes em relação às crianças parece uma conduta típica de quem almeja alcançar imediatamente o estágio adulto para dele usufruir benefícios, como poder e prestígio. Em minha coleta de depoimentos, encontrei também conflito etário entre crianças mais novas e mais velhas. Uma das entrevistadas reclama de uma espécie de “ditadura dos pequenos” quando se refere, durante uma conversa muito divertida e engraçada, aos transtornos que passa com suas irmãs menores:

A minha irmã tem sorte de ainda ser pequena, aí sobra para mim e para o meu irmão. A gente deixa o quarto arrumadinho, mas a minha irmã chama as meninas para brincarem e elas bagunçam tudo! Ela tem cinco anos e se aproveita disso. Eu tenho uma outra irmã de 8 anos, aí minha mãe fala assim para ela: “Júlia, vai lavar a louça”. Aí ela não está com dor de cabeça, não está com sono, não está com nada. Mas ela fala assim: “Ai, mãe, tô com dor de barriga!” Ela não lava a louça. Ontem mesmo, ela falou: “Ah, eu tô com sono”. Ela deitou para fingir que estava com sono e dormiu de verdade! (Marina, 11 anos)

Nesse caso, temos uma criança pequena que inteligentemente se aproveita de sua pouca idade para manter os privilégios da gente ainda bem miúda para revolta da irmã mais velha! Conclusão: parecer mais velho ou mais novo do que se é, traz vantagens, dependendo das circunstâncias. Vemos, enfim, que há mútuos preconceitos e dificuldades de relacionamentos entre as várias gerações. Na relação entre pais e filhos a reciprocidade de tratamento depende da forma como as crianças são tratadas desde cedo e as conseqüências podem ser tremendas para a vida familiar.

Um contraponto ao conflito entre crianças e adolescentes: assisti a um ensaio de uma oficina de teatro no SESC cuja proposta era inicialmente envolver várias faixas etárias, inclusive idosos. Mas, não houve adesão da Terceira Idade e a oficina se desenvolveu apenas com adolescentes e crianças. Lembro-me houve camaradagem entre essas gerações e até mesmo manifestações de carinho. Gravei em minha memória uma cena em que uma adolescente aflagava os cabelos de uma garota de uns sete anos de idade, enquanto observavam a atuação de outros colegas. Creio que essa aproximação depende de como ela é construída pela instituição e pelos seus educadores, analisaremos essas condições no terceiro capítulo.

Se, por um lado, é importante que as gerações reafirmem sua identidade etária através do pertencimento a uma associação específica, como grupos de Terceira Idade ou de adolescentes, por outro, em meu trabalho tem ficado claro que as trocas de experiências intergeracionais são igualmente importantes porque podem propiciar um enriquecimento intelectual e emocional as demais gerações envolvidas.

O crescente interesse pelos programas intergeracionais.

Ainda que prevaleça o pouco convívio entre gerações, a mudança de ventos é perceptível. Dos anos 90 para cá, educadores, especialistas da área social e instituições de educação formal (universidades), e não-formal (instituições culturais), começaram a perceber de modo cada vez mais consistente a importância da aproximação das gerações, na perspectiva do desenvolvimento de relações solidárias, isto é, de relações menos distantes, conflituosas, competitivas. Iniciativas institucionais, então, passaram a se multiplicar em vários países. Como reflexo dessa nova preocupação, os países da comunidade europeia estabeleceram o ano de 1993 como o ano da solidariedade entre as gerações.

Olivier Letang (1995, p. 151-153) analisa a produção francesa de trabalhos sobre o tema e coloca justamente o ano de 1993, como um ponto demarcatório para uma mudança de enfoque sobre as relações intergeracionais. Até esse momento, segundo o autor, tais relações eram mais intensamente vistas sob o ângulo do conflito e da competição para, então, passarem a ser entendidas pelo viés da cooperação e da solidariedade. Letang considera que após os trabalhos de Margaret Mead sobre “o fosso das gerações”, vê-se nos comportamentos atuais uma

evolução que passa de uma oposição intergeracional intrafamiliar para uma busca de cooperação, de ajuda mútua, no seio familiar e na sociedade. Há, atualmente, completa Letang, menos conflito e mais uma busca de acordo, uma aliança, mesmo que, por vezes, velhos e moços não se entendam em razão de diferenças importantes, notadamente de valores e estilos de vida.

O reconhecimento da importância do convívio intergeracional como possibilidade de inclusão do idoso na comunidade é refletida em resoluções nacionais e internacionais promovidas por governos e por entidades não governamentais. No Brasil, a chamada Política Nacional do Idoso estabeleceu direitos aos idosos, buscando garantir sua inclusão na vida social por meio de ações intergeracionais. Em seu artigo 3º inciso IV, o Estatuto do Idoso expressa seu objetivo como o incentivo à efetivação de programas intergeracionais e fala em: *viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações*” (BRASIL, 2004, p. 6).

No plano internacional merecem menção as recomendações contidas no Plano de Ação Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento, relativamente ao incentivo à promoção de projetos intergeracionais. O documento explicita o reconhecimento da contribuição social, cultural, econômica e política das pessoas idosas. O documento defende, ainda, a idéia de se *proporcionar o acesso de idosos a grupos comunitários intergeracionais* e declara que *a solidariedade entre as gerações em todos os níveis é fundamental para a conquista de uma sociedade para todas as idades*. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2003, p. 35 e 43).

Cristina Rodrigues Lima (2008) menciona uma decisiva e histórica iniciativa da UNESCO para incentivar ações no campo da intergeracionalidade. O documento produzido por essa organização internacional reuniu informações sobre programas intergeracionais realizados em diversos países em áreas como movimentos pela paz, trabalho voluntário e atividades de lazer. Além da compilação de realizações no setor, a UNESCO a partir dos debates entre especialistas que fomentou, colaborou ainda na produção de conceitos, diretrizes e objetivos para o trabalho intergeracional.

Na Espanha, para marcar o ano de 1993, o ano da solidariedade entre as gerações, o Governo Federal promoveu um amplo concurso para premiar os melhores projetos sociais no campo das relações intergeracionais (MORAGAS, R. 1995 p. 88-89). Os resumos das centenas de projetos intergeracionais inscritos nesse concurso (em sua maioria, 61%, na área de educação, cultura e lazer) podem ser visualizados em publicação da Fundação “A Caixa” de Barcelona (FUNDACIÓ “LA CAIXA”, 1994).

No Brasil, também em 1993, o Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio – SESC lançou o projeto “Era uma vez... atividades intergeracionais”, que tem como objetivo aproximar idosos e crianças através da contação de histórias baseadas na literatura infanto-juvenil.

Mais recentemente, outra importante demonstração do interesse crescente pelo tema da intergeracionalidade foi a criação em 2003 de um periódico científico de abrangência internacional, o *Journal of Intergenerational Relationships: programs, policy and research*, o primeiro e, ao que parece, até o momento o único periódico de alcance internacional sobre o tema.

Nos Estados Unidos, Sally Newman (1997, p. 63) ao relatar a história e a evolução dos programas intergeracionais naquele país, informa que a primeira iniciativa da qual se tem registro ocorreu bem antes, em 1963, promovida pela Universidade da Flórida e que consistiu em visitas de crianças pequenas a uma instituição que abrigava idosos.

Convém destacar o pioneirismo ianque em ações intergeracionais, ressaltando que tais iniciativas promovidas por instituições públicas e privadas daquele país ocorrem principalmente em programas de trabalho voluntário, tipo de ação, aliás, amplamente difundida nos Estados Unidos da América. Por exemplo, supervisionados por escolas do ensino médio, adolescentes prestam serviços a idosos dependentes em instituições de longa permanência. Reciprocamente, ocorrem experiências em que idosos saudáveis e com boas condições de vida mantêm ações de cooperação voltadas a crianças carentes institucionalizadas.

Nos parece que o trabalho voluntário, assim como as atividades de lazer que aqui estudamos, pode ser também uma estratégica ferramenta de aproximação de gerações. O próprio ideário que anima esse tipo de ação já se constitui, por si só, em poderosa alavanca para despertar sentimentos solidários entre os atores envolvidos nesses processos. De fato, há uma profusão de instituições americanas preocupadas em minimizar o distanciamento intergeracional. Além das universidades, inúmeras entidades governamentais e privadas, dedicadas à assistência da criança ou do idoso, têm promovido encontros de gerações no contexto do trabalho voluntário voltado à criança e ao idoso e também ao desenvolvimento mútuo através da co-educação. Várias iniciativas norte-americanas e francesas de aproximação de gerações são descritas por Lúcia Helena França e Neusa

Eiras Soares (1997, p. 163-167). Neste caso, são ações públicas e privadas, envolvendo escolas primárias, universidades e organizações não governamentais na promoção de interações intergeracionais.

Pesquisas e ações no campo da intergeracionalidade têm sido empreendidas em diferentes áreas das ciências humanas, mas, sobretudo, por profissionais que trabalham com pessoas idosas. A necessidade de integração social dos velhos, incluindo-se aí a integração etária, constitui forte motivação. Por outro lado, profissionais que lidam com crianças e adolescentes se deparam com desafios ainda maiores. É o caso principalmente de quem lida com crianças maltratadas e adolescentes marginalizados. Esses profissionais possivelmente não tenham muitas oportunidades de pensar e menos ainda de desencadear ações no campo da intergeracionalidade, já que se vêem diante de situações emergenciais. Em meu caso, como disse na introdução deste trabalho, a exemplo de outros profissionais que atuam com idosos, meu interesse pelas relações intergeracionais partiu exatamente da percepção da necessidade de integração dos velhos e dos benefícios que essa aproximação concede.

Possivelmente essas ações estejam sendo facilitadas por uma certa abertura dos idosos às gerações mais jovens (embora haja, como vimos, resistências a serem vencidas). Reportando-nos às novas experiências que uma parcela dos idosos têm vivido em instituições culturais e acadêmicas desde os anos 60, quando tais oportunidades começaram a ser criadas no Brasil, podemos pensar que alguns passos foram importantes para a referida abertura às gerações mais jovens. Os grupos de convivência quebraram o isolamento de muitos velhos. As faculdades e as universidades abertas à Terceira Idade forneceram às pessoas idosas uma preciosa oportunidade de aquisição de novos conhecimentos e de atualização cultural. O trabalho de

várias instituições no incentivo ao trabalho voluntário do idoso e de engajamento social, ensejou também o desenvolvimento de sentimentos solidários, de doação ao outro e à coletividade. Esse conjunto de ações ao longo das décadas recentes parece ter preparado os velhos para o encontro com os jovens.

O SESC Gerações e a pesquisa sobre conflitos intergeracionais.

Entre os anos 2000 e 2003, realizei uma pesquisa (FERRIGNO, 2003) que teve como foco inicial um estudo sobre o relacionamento entre os educadores das Escolas Abertas do SESC e seus alunos da Terceira Idade, com o intuito de melhorar a qualidade do atendimento através de programas de treinamento de pessoal. Sabemos que desses profissionais depende a qualidade de atendimento ao idoso, traduzido pelo oferecimento de um ambiente acolhedor e produtivo e por um atraente conjunto de atividades. No decorrer das entrevistas e das observações, tornou-se evidente que estávamos diante de interações de duas gerações bem distintas, já que a ampla maioria de profissionais que atendem idosos, principalmente na área cultural, é formada por pessoas mais jovens do que seus clientes. As primeiras análises dos depoimentos recolhidos mostrou uma rica troca de experiências próprias de cada geração, permeadas por um clima acolhedor e de muita solidariedade.

A pesquisa foi, então, estendida às interações intergeracionais em meio ao público freqüentador do SESC formado por crianças, adolescentes, jovens adultos e idosos participantes da programação de atividades. Tem sido notável a riqueza de experiências permutadas durante o exercício conjunto do lazer. Assim, pudemos constatar a possibilidade de se estabelecer expressivos processos de co-educação entre gerações. Embora

prevaleça na sociedade certo distanciamento intelectual e afetivo entre as gerações, como vimos, existe um rico potencial de trocas afetivas e de conhecimento desde que se efetivem determinadas condições facilitadoras que examinaremos mais adiante. Dentre tais condições, uma das mais básicas e importantes é a presença de interesses comuns, que valem, evidentemente, para a boa qualidade das relações interpessoais de modo geral. O contrário, ou seja, o conflito de interesses dificulta a aproximação. Os laços de amizade entre pessoas jovens e pessoas mais velhas permitem uma relação co-educativa, mas é preciso que haja um clima solidário, de confiança mútua, isto é, a cooperação deve ocupar o lugar competição.

Como bem aponta Claudine Attias-Donfut (1980, p. 9-28), o lazer pode contribuir para a emergência de uma força social capaz de aproximar as idades, de desenvolver novas formas de troca entre as gerações e, inclusive, enriquece-las. Os efeitos benéficos do ponto de vista psicológico e cultural que tais atividades podem promover junto às diversas gerações, têm sido constados e confirmados em nossas observações.

Os programas de atividades culturais, aqui estudados, compõem um tipo de ação institucional voltada para o combate ao isolamento de muitos idosos ainda não são beneficiados pelos novos valores relativos ao envelhecimento. De fato, tais programas se mostram benéficos ao facilitar a formação de vínculos afetivos com pessoas, objetos, atividades e idéias.

Sabemos, é claro, que a emancipação dos idosos, assim como o encaminhamento dos problemas socioeconômicos que se abatem sobre a infância e a juventude brasileira não dependem apenas de boas políticas de lazer. Há que se pensar em uma ampla melhoria de suas condições de vida,

questão que, no limite, nos remete ao questionamento dos valores que hoje norteiam nossa organização social.

Como decorrência das potencialidades percebidas nas interações em atividades de lazer, o SESC resolveu implantar um programa intergeracional. Esse programa foi lançado oficialmente em 2003 no Congresso Internacional “Co-educação de Gerações” realizado em São Paulo, o primeiro no gênero realizado no Brasil. Além das conferências e painéis sobre o tema, houve relatos de trinta experiências intergeracionais levadas a cabo por diversas instituições brasileiras, públicas e privadas, experiências selecionadas de um universo de cinquenta propostas de apresentação. O volume de iniciativas surpreendeu os organizadores do evento e revelou o crescente interesse pelo assunto, ainda que tais ações não recebam muita divulgação nem mesmo entre profissionais de áreas afins, muito menos dos grandes meios de comunicação.

As experiências desse novo programa institucional têm sido promissoras, mas há dificuldades. Persistem obstáculos à integração entre as idades sob a forma de diferentes conflitos de interesses e visões equivocadas dirigidas de uma geração às demais. Recusas, desistências e pouco interesse de participação em atividades intergeracionais, por vezes ocorrem e podem revelar diferentes imagens e expectativas de uma geração em relação a outra.

Para enfrentarmos tais dificuldades, devemos aprender a lidar com o distanciamento imposto pelos valores sociais, mas também com o que esses valores escondem ou camuflam. Sob o véu que caracterizam discursos que só pretendem produzir boa imagem, conflitos são escamoteados, impedindo sua superação. O conflito de gerações, aberto ou velado, pode, de alguma

forma estar presente. O fato animador, apesar dessas persistentes resistências, é que no programa SESC Gerações tem havido resultados favoráveis, de modo que após um tempo de convívio durante um curso ou uma oficina cultural, há o surgimento de laços de amizade entre os participantes.

Por isso, e para tentar extrair do referido programa todo o seu potencial, nos pareceu ser um instigante desafio pesquisar, de um ponto de vista mais amplo, como e porque ocorrem os conflitos entre as gerações na sociedade contemporânea e, de modo mais focado, como isso se manifesta nos grupos multietários aqui estudados, nucleados por uma instituição cultural. A partir, então, da análise dos dados teóricos e empíricos recolhidos, nossa intenção é a de propor estratégias de abordagem que tornem mais produtivas tais relações, buscando o florescimento de uma cultura solidária.

Entidades culturais, ao atenderem um público diversificado em espaços comuns, acabam se constituindo em locais propícios ao encontro de gerações. Levando em conta o fenômeno moderno da segregação etária que abordamos e também do número crescente de interações espontâneas e de interações induzidas pelas equipes técnicas que vem ocorrendo no cotidiano da programação, o SESC resolveu criar um programa socioeducativo que visa estabelecer uma sistemática de atividades intergeracionais, potencializando as interações já existentes entre faixas etárias e fomentando a co-educação das gerações que freqüentam a instituição.

A viabilidade de um programa desse tipo é atestada, conforme vimos, pela pertinência das atividades de lazer para a aproximação das gerações. As possibilidades de atividades são muito amplas, exatamente porque tendem a ser as mesmas que são oferecidas exclusivamente a esta ou àquela faixa etária e que fazem parte da programação cultural permanente, como: música, teatro, artes plásticas, literatura, turismo, esportes, educação ambiental, etc. Mas, o caminho não é simples, há conflitos e é preciso enfrentá-los. Sobre eles refletiremos a seguir.

CAPÍTULO 2 – O Conflito Entre Gerações

Uma breve reflexão sobre a idéia de conflito

Antes de nos debruçarmos sobre o fenômeno do conflito de gerações, parece razoável refletir sobre a própria noção de conflito nas relações humanas de modo geral e de modo específico, isto é, entre as gerações. Enquanto a psicanálise e a psicologia clínica lidam principalmente com o conflito intrapsíquico, a sociologia e doutrinas com o marxismo em particular tratam dos conflitos sociais amplos, como o de classe social ou entre povos e nações. Mais especificamente a psicologia social e a antropologia se interessam pelos conflitos que ocorrem nas relações interpessoais em contextos do cotidiano de pequenos grupos. São esses últimos que nos interessam mais de perto neste estudo. O foco da presente pesquisa é o dos conflitos interpessoais na ambiência de pequenos grupos como família e aqueles nucleados para o exercício de atividades de lazer.

Lembremos que conflitos intra e interpessoal estão de alguma forma relacionados. Essa relação se dá ou pela interiorização do conflito externo ou pela exteriorização do conflito interno. Sobre o conflito interno ao sujeito e dentro de uma perspectiva psicanalítica, Laplanche e Pontalis consideram que:

Em psicanálise fala-se em conflito quando, no indivíduo, se opõem exigências internas contrárias. O conflito pode ser manifesto (por exemplo, entre um desejo e uma exigência moral ou entre dois sentimentos contraditórios) ou latente, podendo este se exprimir de modo deformado no conflito manifesto e traduzir-se designadamente pela formação de sintomas, desordens do

comportamento, perturbações do caráter, etc. A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser humano, e isto em diversas perspectivas: conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição (LAPLANCHE e PONTALIS, 1983, p. 131).

Depreende-se dessa visão psicanalítica que conflitos, contradições, antagonismos, fazem parte de nosso cotidiano, fazem parte da cultura e da natureza humana. Essa é a posição de Ane-Marie Rocheblave-Spenlé (1974 p. 151-153) que encara o conflito como uma condição inerente ao ser humano e, refletindo sobre a função do conflito, considera-o como algo necessário ao desenvolvimento humano, embora pontue que tanto sua falta quanto seu excesso não sejam desejáveis. Sua inevitável presença pode ser a indispensável mola propulsora para gerar mudanças. Para isso, o conflito não deve ser negado. É preciso que seja elaborado, compreendido, enfrentado e superado.

Apoiando essa visão, Xesús Jares (2002, p. 7-13) alerta para os problemas decorrentes da idéia fortemente arraigada do conflito como algo negativo e, portanto, algo a ser evitado. Jares empreendeu um levantamento em diversos dicionários espanhóis sobre os sentidos dados ao termo conflito e constatou que freqüentemente ele é associado à violência, à guerra e à desordem, concluindo que a concepção vigente de conflito se coloca como uma antítese do bom funcionamento da ordem social.

Numa pesquisa semelhante com alguns de nossos dicionários verifiquei uma prevalência de conotações negativas. Para o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 451), conflito é *sinônimo de embate dos que lutam; discussão acompanhada de injúrias e ameaças; desavença; guerra;*

luta, combate, colisão, choque. Para o Dicionário Houaiss (2001, p. 797), conflito está associado à idéia de *profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes; choque, enfrentamento; discussão acalorada; altercação.* O dicionário Michaelis apresenta os seguintes significados para a expressão conflito: *embate de pessoas que lutam; altercação; barulho, desordem, tumulto, luta, oposição; competição consciente entre indivíduos ou grupos que visam a sujeição ou destruição do rival.*

Contrariamente a essa visão, Jares (2002, p. 7-13) considera o conflito como necessário e potencialmente positivo para pessoas e grupos sociais. Reconhecendo seu caráter pedagógico e transformador, o conflito deve ser trabalhado e encaminhado para uma resolução criativa, justa e pacífica, através de uma educação voltada para a paz. No entanto, para tal sucesso é preciso que as partes envolvidas estejam sinceramente dispostas a ceder ou a renunciar a uma parcela de suas reivindicações, não somente para tirar alguma vantagem de uma negociação bem sucedida, mas também pelo desejo de beneficiar o outro, além de si mesmo. Generosidade e desprendimento são características importantes para um bom termo desse processo.

Uma das educadoras do SESC esclarece como vê a questão do conflito em geral e também entre os adolescentes com os quais trabalha, ou seja, como oportunidade de reflexão e reafirma sua crença no poder do diálogo, da conversa para a resolução os mesmos:

Eu acho que o conflito é um momento muito interessante das relações. Eu vou lhe dizer do trabalho com adolescentes, no caso que é onde eu tenho maior experiência. Existem muitos conflitos a partir de algum "start" que a gente dá, de alguma atividade, existe o conflito, mas é quando gera a discussão. É a partir do conflito que você faz ali a

discussão, faz a roda de conversa... então, eu acho um momento importante, na verdade é o momento em que você pára e diz: 'Opa! Existe alguma diferença, então, vamos refletir sobre isso' Vera (38 anos).

A negação do conflito e o consenso nas relações sociais são idéias problemáticas quando servem para encobrir a realidade e camuflar uma proposta autoritária. Por outro lado, dependendo das circunstâncias, o consenso pode ser enriquecedor, quando a flexibilidade de cada um dos envolvidos na disputa cede para o bem coletivo, criando condições para o florescimento de uma cultura solidária. Claro que a busca de acordo e o estabelecimento de interesses comuns têm inegável importância, mas é preciso que no processo de negociação as diferenças não sejam escamoteadas e sim explicitadas para que possam ser compreendidas, trabalhadas e finalmente aceitas. É preciso que os conflitos não sejam negados, é preciso que adquiram visibilidade, sejam trabalhados para serem superados através do diálogo. Para Maria, participante de atividades intergeracionais, o conflito que, infelizmente, pode também ser violento, é passível de superação pelo diálogo. Ela nos diz:

O conflito não é só diferença de opinião não, porque, às vezes, as pessoas nem estão formadas ainda em suas opiniões. É briga mesmo, é gente que não aprendeu a se entender. Não aprendeu o diálogo, não aprendeu o respeito. Agora, para se entender é preciso paciência de ouvir o outro, esperar ele acabar de falar. Ah, e também saber falar com jeito, não é? (Maria, 68 anos)

Essa mesma senhora a seguir define o que seria o oposto à idéia de conflito, ao mesmo tempo em que desconfia do termo “tolerância”, destacando a importância do convívio e da aceitação das diferenças: *“as pessoas falam: ‘Ah, eu tolero’. Mas, não é só para tolerar, é para aceitar! A*

tolerância não elimina o conflito. As pessoas devem aceitar com sinceridade as diferenças. Cada um é de um jeito". A propósito, Mauro Maldonato (2004, p. 53), expõe a ambigüidade que o termo tolerância carrega:

Tolerância é uma palavra densa e estratificada, que surge para traçar uma fronteira para a barbárie, a guerra, o ultraje, o escárnio. Desde sempre oposta ao fanatismo, ao ódio sistemático, à militarização das idéias e das consciências, favoreceu a evolução do espírito e as relações humanas pacíficas. Apesar disso, com excessiva frequência a tolerância foi identificada com os significados de suportar, de concessão, compreensão, indulgência, moderação, conciliação. O termo tolerância nunca alcançou (talvez não pudesse) o sentido de pleno reconhecimento da alteridade e da diversidade. Limitou-se a expressar uma genérica "coexistência pacífica" que não contempla a titularidade dos direitos, a origem dos poderes, a reciprocidade das obrigações, ficando, antes, muito aquém disso.

Ecléa Bosi (1979, p. 36) comenta a *tolerância sem o calor da sinceridade*, como marca da relação com os velhos:

Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

Ao refletirmos sobre a intolerância à diferença e ao diferente somos levados a pensar sobre o quanto em nosso cotidiano somos tolerantes com a desigualdade, por exemplo, em relação a tantas injustiças e mazelas que atingem homens, mulheres, crianças e velhos e o quanto somos intolerantes com diferenças de ideologias, crenças, etnia, opção sexual, gênero, geração, etc. Não nos damos conta de que ao desvalorizarmos a diversidade esterilizamos a vida.

Pelo exposto, nos parece que a superação do distanciamento afetivo entre gerações, que exacerbado pode chegar a uma situação de conflito, depende de uma atitude que vá além da tolerância. Não basta suportar o outro que é de mim diferente, é preciso transcender esse sentimento e apreciar a companhia do outro, como se faz com um amigo. Por isso, propomos aqui estratégias de aproximação afetiva que possam resultar na formação de laços de amizade e companheirismo. Abordaremos experiências nessa direção no terceiro capítulo.

O conflito de gerações hoje. A família como palco principal

Conflitos e contradições intrapessoais, interpessoais e familiares reproduzem conflitos presentes na sociedade global. Se em algumas circunstâncias podemos falar de conflito de gerações, nos parece que freqüentemente este é mais consequência do que causa de conflitos sociais mais amplos, como explica Ecléa Bosi (1979, p. 36) ao analisar a imagem negativa de velhice que persiste em nossa sociedade: *a noção que temos da velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira* (BOSI, 1979, p. 36).

Maria Alice Foracchi igualmente percebe o conflito de gerações como um fenômeno que reflete contradições sociais mais amplas: *o conflito de gerações desloca-se para o plano da sociedade e polariza-se numa proposição aberta que também transcende jovens e adultos e que se resume em aceitar o sistema, usufruindo as oportunidades de vida com que ele acena ou em rejeitar o sistema, tentando reconstruí-lo total ou parcialmente.* (FORACCHI, 1972, p. 30).

Desenvolvendo raciocínio semelhante, Ricardo Moragas (1997, p. 133) considera que a variável crítica nas relações intergeracionais não é a idade, mas a situação social. A idade tem importância, como outras variáveis sociais, para se conseguir uma relação amistosa ou conflituosa. Contudo, hoje, é menos crucial que outras variáveis como sexo, etnia, personalidade, preferências pessoais, predileções e classe econômica.

Os chamados anos rebeldes na década de 60 foram um importante marco para o questionamento das relações intergeracionais. Os movimentos de emancipação da juventude dessa época colocaram em evidência conflitos com os mais velhos, provocados pelo autoritarismo destes sobre os jovens. Houve, tanto na Europa quanto nas Américas, inúmeras manifestações de massa nas quais os moços reivindicavam maior participação nas decisões políticas, ao mesmo tempo em que clamavam também por uma radical transformação das estruturas sociais. Não só o Estado foi questionado, mas também a própria família foi intensamente criticada e problematizada. Nesse momento o tema do conflito de gerações surgiu com força no Ocidente.

O distanciamento entre as gerações parece ser, como vimos, uma característica da sociedade moderna. Mas, no âmbito familiar, a proximidade, mesmo que apenas física, é grande e, até certo ponto, inevitável. Pode constatar pela fala dos sujeitos entrevistados para este estudo que, sem dúvida, é no contexto familiar que ocorrem mais freqüentemente os encontros e os desencontros entre as gerações.

A qualidade das relações familiares tem sido alvo de muitas discussões entre especialistas e entre pessoas em geral, principalmente porque a família mudou e os velhos também, como observa Medeiros (2004, 185-193), interrogando-se, então, sobre qual é o lugar do velho na família e na sociedade. A autora constata as recentes e profundas transformações na estrutura familiar e a notável diversidade de comportamentos dos idosos. Qual o lugar do velho, então, no mundo atual? Se a pós modernidade, como alguns denominam o período em que vivemos, é definida entre outras marcas, pela multiculturalidade e pela profusão de estilos e costumes, a esse dado devemos acrescentar o histórico contraste entre ricos e pobres em países como o Brasil. Essa grande variação de condições de vida nos permite falar em “velhices”, que ocupam distintos lugares sociais.

Alguém ponderou que, quando determinada pessoa de idade avançada é rica e famosa, a imprensa a ela se refere mencionando sua função, sem qualquer alusão à idade, por exemplo, “a atriz Fernanda Montenegro”, “o arquiteto Oscar Niemayer” ou “o professor Antonio Cândido”. Se o sujeito pertence à classe média é chamado de idoso. Mas, se ele for pobre, figurará nos jornais como “velho”. Sabemos que existem diferenças de opinião, inclusive, entre profissionais da gerontologia, quanto à adequação dos termos “velho”, “idoso” ou “Terceira Idade”. Mas, independentemente de nossas preferências terminológicas, que, de fato, podem revelar ideologias,

ou seja, para além dessa discussão, o fato é que a palavra “velho”, queiramos ou não, é carregada de conotações negativas em nossa sociedade, daí porque a imprensa tende a reservá-la aos socialmente excluídos e fragilizados.

Em relação aos jovens, como apontamos anteriormente, o raciocínio é semelhante. Há uma grande variedade de comportamentos entre eles, fato que ensejou a expressão “tribos juvenis”. Se, por um lado, essa diversidade é reflexo do momento histórico em que vivemos e que pode ser saudada como um salutar sintoma de liberdade, por outro, e esse é o lado sombrio, no Brasil temos muita variação na oferta de estudo, trabalho e lazer para a juventude, conforme a posição social do jovem, retrato de nosso subdesenvolvimento social.

A eficácia da família enquanto instância formadora de novos cidadãos tem sido muito discutida nos últimos anos. Ao que parece, principalmente o conflito entre pais e filhos tem se caracterizado como o mais emblemático dos conflitos de geração. Uma das senhoras entrevistadas expressa sua idéia da família como base para os relacionamentos sociais: *“Acho que a base é a família. Acho que quando não existe conflito na família, ou quando existe pouco, dificilmente vai existir num ônibus, numa escola, então, eu acho que a família é a célula, né? Se tem um avô implicante ou um pai ausente... aí tem esses conflitos, né?”* (Dona Maria, 68 anos).

A educadora e coordenadora de atividades intergeracionais, compartilha essa posição, reafirmando a importância da família como sede de conflitos.

Eu acho que fora da família não tem grandes problemas. Eu acho que fora da família é fácil quando tem conflito de idéias porque a oportunidade de encerrar o assunto é mais fácil, numa festa, num encontro, pelo que eu observo, dentro da família é diferente, dentro da família vai haver uma repetição de fatos... “Você vai tocar nesse assunto de novo!” Não tem como fugir (ri). Então, na família os conflitos são mais intensos. Fora da família, cada um fica com sua idéia e se separam... ou mudam de assunto. (Amanda, 45 anos)

Pesquisas norte americanas (RENK et al, 2006, p. 43-61) sobre conflitos entre jovens colegiais e seus pais apontam várias razões para esses desentendimentos, como brigas entre irmãos e não cumprimento de tarefas domésticas e escolares, além de motivos mais sérios, como abuso no consumo de álcool e outras drogas, tanto por parte dos filhos, quanto por parte dos pais. Os conflitos decorrentes do não cumprimento de tarefas são mais comuns com crianças e adolescentes, enquanto que as desavenças com filhos mais velhos se dão principalmente em torno de questões relativas à sua autonomia, valores morais e hábitos de vida.

A maioria das investigações sobre o relacionamento intergeracional tem como pano de fundo os estudos sobre a família, até porque é nela que as gerações necessariamente se encontram. Uma das razões pelas quais a família tem sido colocada na berlinda decorre de uma paradoxal situação: ao mesmo tempo em que se propõe a constituir laços fortes e vínculos duradouros, a família deve promover a independência e autonomia de seus membros, preparando-os para a partida rumo à aventura de se tornarem adultos, conforme Goldfarb & Lopes (2006, p.1376).

Analisando o conflito de gerações dentro da família, Rifiotis (1995, p.112) também comenta a contradição entre expectativas e atitudes paternas. De um lado, o desejo de promoção dos filhos para a vida social, de outro, as restrições impostas:

(...) se por um lado é no interior da família que se inicia o processo de socialização do status de adulto, por outro ela mesma restringe, nos seu interior, o acesso a esse status. As relações hierárquicas fixadas pela descendência impedem que o indivíduo, no interior do quadro familiar, possa desenvolver plenamente a sua personalidade e as atitudes que lhe permitiriam atingir plenamente a condição de adulto.

Conflitos familiares, mais especificamente com o pai, conflito de ideologias no qual se percebe o recorte de gênero, configurando especificidades de conflitos na relação com a filha estão contidos na fala de Vera:

O conflito político na minha casa sempre foi gigantesco, desde quando eu tinha 14 anos. A minha geração não votava com 16 anos. Eu tive que votar com 18 anos, mas com 16 eu já fazia “boca de urna”, perto da escola onde eu estudava. Entregava planfeto... meu pai queria morrer com isso, meu pai foi uma pessoa que sempre aceitou as regras do sistema, ele me dizia... “Olha, você vai ver como tudo é igual, os políticos, os partidos...” Então, nossa, esse conflito era gigante! E com os meus tios, com os meus familiares, com todos da minha família, eu sempre tive muita divergência de opinião, porque os mais velhos sempre acharam que a mulher não tinha os mesmos direitos dos homens... e eu sempre fui muito avançada para a minha família... Com 18 anos viajei sozinha para o nordeste com uma amiga! Então, nossa, sempre, na minha família, cada pedacinho de chão foi duramente conquistado (ri), houve bastante conflito...(Vera, 38 anos, educadora).

De fato, as relações familiares mais freqüentemente estudadas parecem ser aquelas que envolvem crianças ou adolescentes e seus pais. Há uma profusão de publicações sobre “crianças difíceis” e pela chamada “delinqüência juvenil”, assunto que preocupa autoridades, políticos, sociólogos, psicólogos, educadores e pais de modo geral porque traz inquietações sobre o mundo a ser vivido pelas próximas gerações. Muitas vezes, porém, os problemáticos são os pais e seu comportamento repressivo e violento, que frequentemente estão reproduzindo as agressões sofridas na infância.

Simone de Beauvoir (1990, p. 99-100) a partir de seus estudos etnográficos sobre a posição social dos velhos nas mais diversas comunidades nos fala de uma reciprocidade entre a forma de tratamento que pais dispensam aos filhos pequenos e a forma desses tratarem mais tarde os seus próprios pais, sendo esta última conseqüência da primeira. Explica a autora que crianças criadas com ternura, docilidade e proteção, quando adultas tratarão com carinho seus pais e avós. Mas, crianças maltratadas e negligenciadas poderão se tornar cruéis com seus velhos. Comportamentos vingativos podem resultar em muito sofrimento a pessoas idosas.

Nesse sentido, é preciso ponderar que alguns idosos são abandonados em asilos porque maltrataram seus filhos e demais familiares. Olga Quiroga (SESC, 2007, p. 87), combativa presidente de uma entidade que ampara velhos de rua, nos contou em entrevista concedida à revista *A Terceira Idade*, que em certa ocasião sentiu-se penalizada pela situação de abandono de um determinado senhor. Ela conseguiu fazer contato com o filho desse homem, e este filho lhe ofereceu o quanto dinheiro precisasse para cuidar do seu pai, com a condição que o mantivesse longe dele, por causa do

tratamento recebido do pai quando era criança. Essas são histórias dramáticas de relacionamentos infelizes entre pais e filhos, infelizmente não tão incomuns.

Amanda, 45 anos, educadora do SESC, manifesta semelhante posição sobre o tratamento dado a crianças e seus efeitos posteriores sobre o relacionamento entre as gerações: *“Acho que a qualidade dessa relação tem a ver com a forma como os idosos tratavam os mais novos, porque esses mais novos tratam os idosos da mesma forma. Então, acho que tem a ver com a história de cada um e de cada família”*.

Isso nos leva a pensar nos cuidados a serem tomados na educação das crianças, principalmente na família. Nesse estudo não tivemos a pretensão de analisar mais profundamente as relações familiares, mas recolhemos muitos depoimentos sobre a vida familiar de nossos sujeitos. Neles constatamos histórias tristes de negligência, maus tratos e até de abuso sexual, desgraça para muitas crianças, infelizmente, mais comum do que se supõe. Uma das mulheres que entrevistamos para esta pesquisa relatou um abuso sexual sofrido quando tinha 6 anos de idade cometido por um tio. A mesma pessoa mencionou ainda espancamentos impostos a ela por seu pai. Essas são situações em que o conflito se converte em violência física e moral num contexto de crueldade e de absoluta e absurda desproporção de forças.

Devemos rever as relações na família e repensar nossa forma de organização social, trabalhando para transformá-la principalmente em benefício dos mais frágeis, como as crianças e os velhos. Os programas institucionais de integração de gerações podem se constituir em um fértil caminho. Eles podem nos ensinar que a boa convivência entre adultos e

crianças é possível e influenciar positivamente a adoção de novos estilos de convívio dentro e fora da família.

Fora da família, há relacionamentos muito saudáveis e promissores entre crianças e adultos, por exemplo, em processos de educação não-formal, isto é, em espaços diferentes da escola. O programa SESC Curumim atende crianças de 7 a 12 anos e busca propiciar a elas a oportunidade de uma educação integrada por meio do lazer e de atividades culturais. Em uma das unidades da instituição as crianças desse programa, que também participaram de atividades com os idosos, são muito pobres e habitam uma favela próxima. Em minhas conversas com elas fiquei impressionado com a desenvoltura de suas idéias e da altivez de sua postura. Conversavam comigo de igual para igual, sem qualquer constrangimento. Foi possível constatar que, neste caso, felizmente a pobreza não roubou a dignidade desses pequenos e que a adequada ação promovida por aquele grupo de educadores tem sido decisiva para esse resultado positivo. Carmem (45 anos) uma das educadoras envolvidas no acompanhamento dessa experiência, revela suas impressões sobre a atitude dessas crianças em relação aos idosos: *“essas crianças estão curtindo muito fazer um trabalho junto aos idosos, de ter uma interação com eles. Elas são muito especiais, há todo um processo em que os professores trabalham a noção de respeito, de contrato, de organização, de convivência grupal. As conversas em roda em que as atividades do dia são discutidas e avaliadas são muito produtivas”*.

No âmbito familiar, além dos conflitos envolvendo pais ou avós de um lado e crianças ou adolescentes de outro, há outros tipos de conflito de gerações. Paulo de Salles Oliveira (1999, p. 268-270) coletou vários depoimentos de avós contrariadas com o comportamento de suas filhas,

filhos, genros e noras por várias razões, como má vontade de trabalhar em casa ou fora de casa e por isso pouco colaborar financeiramente com as despesas da família; discordâncias quanto a educação do neto, por exemplo, em relação a hábitos alimentares.

Com o aumento da longevidade humana começa a se tornar mais frequente uma nova modalidade de conflito no seio familiar. Têm surgido inúmeros estudos, principalmente nos Estados Unidos, sobre o relacionamento, por vezes, bastante tenso entre pessoas muito idosas e seus filhos que se encontram na chamada meia idade ou já adentrando o período da velhice. Refiro-me às relações entre uma Terceira e uma Quarta Idade, como tem sido chamada a fase mais avançada da velhice, tema analisado em trabalhos como o de Elizabeth S. Johnson & Barbara J. Bursk (1982); M. Valora Long & Peter Martin (2000, p. 311-319); V. A. Freedman, D. A. Wolf & E. H. Stephen (1991, p. 640-647); Karen Fingerman (2000, p. 95-106); e Diane Lye (1996, p. 79-102).

O comprometimento da autonomia de idosos em decorrência de patologias físicas e mentais pode determinar a exacerbação de conflitos familiares. Doenças incapacitantes como o Mal de Alzheimer, assim como outras modalidades de demências senis, vem se tornando mais comuns com a elevação do tempo médio de vida. Quando há idosos incapacitados, exigindo cuidados especiais de familiares como esposa e filhos, podem ocorrer conflitos entre adultos. Nesse caso, às motivações gerais do conflito intergeracional se somam histórias de ressentimento, sentimentos de vingança e até raiva por parte dos familiares cuidadores dirigidos aos idosos doentes, com bem nos mostra Ligia Py (2004, p. 221-262). Mas a autora nos mostra também que nesses momentos pode florescer a solidariedade através da humanização da interação com o idoso doente, principalmente

quando se conta com a ajuda da comunidade (outros parentes, amigos, vizinhos, instituições religiosas, etc).

Sob a ótica da psicanálise, Delia Goldfarg (2006, pág. de Internet) ao refletir também sobre a relação entre filhos e pais idosos, comenta a presença de conflitos nessa relação, motivados pela inversão de papéis e pela ausência de uma rede de apoio para os cuidados que idosos fragilizados precisam:

*Na nossa cultura, a função de transmissão psíquica é preferencialmente exercida pela família. Ela garante a primeira transmissão intergeracional, que é a transmissão dos desejos dos pais para os filhos. E **essa transmissão jamais acontece sem conflitos** (grifo meu). Os vínculos familiares, baseados no exercício de certo poder, dificultam a metabolização da inversão de papéis, especialmente quando o vínculo já era conflitivo. Não é fácil aceitar que não se é mais o pai provedor ou a mãe nutriente e para os filhos não é fácil aceitar a queda da imagem idealizada dos pais da infância. O pai herói e a mãe protetora são agora pessoas que precisam dele. A situação social e econômica atual complica ainda mais esse panorama, pois ou são os pais que devem ser sustentados pelos filhos ou são os filhos desempregados e suas famílias que sobrevivem com os poucos ganhos de seus aposentados. A falta de redes de apoio social soma-se a esse quadro e não há como evitar tensões e conflitos, especialmente em uma fase da vida em que a necessidade de bem-estar é maior.*

Em países desenvolvidos, mais preparados para amparar seus velhos já fragilizados pela idade muito avançada, uma série de serviços públicos, privados e outros mantidos por ONGs, operam no sentido de darem suporte a essas pessoas na forma de auxílio para tarefas domésticas, assistência médica, lazer e participação social. Os cuidadores desses idosos também

são alvo de orientação para que entendam o que se passa com seu familiar debilitado, doente e dependente e saibam como cuidá-lo. O próprio cuidador deve ser cuidado para que não seja dominado pelo estresse e pela desesperança. Em nosso país, há muito por fazer tanto pelo idoso que perdeu sua autonomia, quanto pelo seu cuidador e, sem dúvida, trata-se de uma providência urgente da sociedade civil e do Estado, já que a falta de assistência tem gerado conflito e sofrimento em muitas famílias brasileiras. Uma das educadoras que entrevistamos considera que, dentre os vários relacionamentos intergeracionais na família, a relação entre filhos adultos e seus pais idosos é a mais difícil e aponta as razões para assim pensar:

Acho que é um relacionamento complicado porque o filho adulto está vendo qual será a sua próxima etapa e, às vezes, não é uma coisa muito boa de ser vista. Acho que é pelo envelhecimento físico... tem o desrespeito... até mais intensamente do que o dos jovens, a chacota mesmo.. acho que é uma atitude de negar o que eu vou ser amanhã, é uma falta de paciência... e isso acontece mais na família porque o profissional mais jovem tem mais paciência com os idosos... mas nem sempre. (Vera, 38 anos).

Os estudos psicanalíticos sobre o conflito no contexto da família têm revelado novas contribuições teóricas como as que se referem às transmissões psíquicas intergeracionais. O tema não é propriamente novo, Freud em *Totem e Tabu* (1973, p. 1849), já tecia considerações a respeito da transmissão da vida psíquica de uma geração para as seguintes. Diz ele: *“Em geral, a psicologia dos povos se preocupa muito pouco em averiguar porque meios fica constituída a necessária continuidade da vida psíquica nas sucessivas gerações”*. Mais adiante, ao constatar que não há fatos psíquicos passíveis de sucumbir totalmente a uma repressão, Freud acrescenta:

“Temos, pois que admitir que nenhuma geração possui a capacidade de ocultar à seguinte fatos psíquicos de certa importância”.

Além dos estudos referentes à dinâmica familiar entre pais e filhos, mais recentemente a psicanálise vem desenvolvendo estudos acerca das transmissões psíquicas advindas de gerações anteriores. Nesses repasses podem estar presentes antigos conflitos ocultos e não resolvidos. Conflitos, por vezes, de forte conteúdo traumático, se dão de modo inconsciente e podem ter conseqüências muito sérias para as relações familiares. Sobre esse fenômeno Olga B. Ruiz Correa (2003, p. 35-45) comenta que situações traumáticas vividas pelas gerações antecessoras, não só nos grupos restritos, como o familiar, mas no âmbito social de modo mais amplo, produzem fraturas nos vínculos intergeracionais. Por exemplo, fatos negados, silenciados, como mortes e torturas em períodos de guerras ou de ditaduras levam a rupturas de vínculos intersubjetivos que sustentam a transmissão psíquica geracional, tendo como base a angústia não metabolizada. Daí a importância da ação mediadora da própria família ou de outras instituições como organizações educativas e laborais ou, ainda, de uma terapia familiar psicanalítica.

Claudine Attias-Donfut (1988, p. 92), analisando investigações etnológicas de relações de parentesco, realizadas em comunidades africanas, afirma que as principais fontes de tensão estariam mais fortemente presentes nas relações entre pais e filhos e entre tios e sobrinhos do que entre irmãos. Baseada em resultados de pesquisa (FONER & KERTZER, 1979; Levine, 1965 apud ATTIAS-DONFUT, 1988), para a autora uma pista importante para essa afirmação é o fato de que são mais freqüentes os parricídios ou a morte do tio pelo sobrinho do que do irmão primogênito pelo irmão mais novo. O pai ou a geração mais velha possui uma posição

privilegiada, invejada pelos sucessores porque detém poder sobre decisões relativas a propriedade, alocação de recursos, trabalho, regulação de conflitos, sanções. As tensões tendem a aumentar como efeito dos desejos de autonomia por parte dos filhos, tornando menos suportável a autocracia paterna. Todavia, observa a autora, pode haver uma atenuação dos conflitos em decorrência do sucesso social dos filhos. Podemos ver semelhanças na dinâmica familiar desses povos africanos com o que se passa com as famílias das sociedades industrializadas.

Em outro trecho do mesmo trabalho, Attias-Donfut (1988, p. 100-107) comenta a contribuição da psicanálise para a compreensão da gênese e da evolução desse tipo de conflito. Segundo a autora, para a psicanálise as relações intergeracionais de modo geral reproduzem as interações entre pais e filhos durante os primeiros anos da infância. Os conflitos internos implicados no desenvolvimento psicosexual da criança e principalmente a forma como se dá a resolução do conflito edipiano tem influência ao longo da vida, atingindo a idade adulta e a velhice. Como consequência, os indivíduos tendem a reproduzir com seus filhos as relações que tiveram com seus pais.

Felizmente, porém, nem sempre assim acontece. Refletindo sobre a reprodução da violência, Rodrigo, 12 anos, um dos entrevistados para esta pesquisa, nos transmite alento na busca de caminhos alternativos às formas agressivas de resolução de conflitos. Houve, em sua experiência, uma saudável interrupção do ciclo de violência entre gerações:

O meu pai é muito brincalhão. Ele dá risada, conta piada. Meu pai me dá bronca, mas ele não gosta de bater. Ele apanhou muito do pai dele. Uma vez ele me bateu muito mas depois ele pensou, se arrependeu e aí ele veio me pedir desculpas e contar que seu pai batia nele. E aí ele nunca mais me bateu. Então, essa é uma lição que eu vou levar para os meus filhos.

O pai de Rodrigo, ao contrário de uma tendência à reprodução da violência de uma geração para outra, interrompeu esse “destino”, demonstrando a capacidade humana de superação de modelos nefastos de conduta paterna. E, efetivamente, essa lição Rodrigo poderá levar para a família que vier a formar.

O mesmo se deu com uma entrevistada. Num relato detalhado e comovente me contou sua saga familiar. Fruto de um estupro que seu tio paterno infringiu à sua mãe, foi muito maltratada física e psicologicamente por seu um padrasto e por sua mãe ao longo de toda a sua infância e adolescência. Casou-se com um homem que fora também muito rejeitado por seus pais. Mas ambos resistiram a reproduzir em seus filhos, toda a violência sofrida. Ela nos explica sua atitude:

Eu tentei mudar a maneira de criar meus filhos, um jeito diferente daquele em que eu fui criada. Então, tudo aquilo que eu achava errado, que aconteceu comigo, eu procurava fazer diferente com os meus filhos (...) Meu marido também sofreu muito quando criança. Então, nos queríamos acertar mudando muita coisa. Mas, muitas vezes, a gente errava também, perdia a paciência... mas eu, que apanhava de chicotadas da minha mãe, nunca espanquei meu filhos, eu dizia: “Bater? Nunca!” Eu procurava conversar com eles, quando chegavam da escola eu dizia: “Vamos conversar”. Aí eles me contavam muita coisa e eu ouvia tudo. Às vezes, eu punha a comida no prato deles e eles me diziam: “Não, mamãe, eu quero te contar mais coisas...” E, olha que eles estavam com fome! (ri)

A exemplo do ocorrido com o pai de Rodrigo vemos que essa senhora também e felizmente conseguiu romper com o terrível ciclo de violência que se abate sobre muitas famílias.

A idéia de conflito de gerações nos leva à polêmica, intrigante e curiosa reflexão que Freud desenvolveu em Totem e Tabu (FREUD, 1973, p. 1745-1850). Trata-se da conspiração e posterior assassinato do pai, empreendido por seus filhos no contexto da horda primitiva ainda nos primórdios da humanidade. Independentemente de uma suposta consumação real do ato parricida ou de apenas uma fantasia presente apenas na vida psíquica dos indivíduos (mesmo para Freud tal distinção pouco importava), as elucubrações freudianas nos levam a meditar sobre as relações conflitivas entre pais e filhos ou, mais amplamente, entre as novas e as velhas gerações, como fenômeno que marca a história da humanidade desde a sua constituição.

As atribuições paternas e maternas em determinados momentos da história podem não ficar muito claras. Para Enriquez (1990, p. 208-226) desde o início do século XX um maior conhecimento da criança gerou confusão entre os pais, divididos entre uma educação autoritária e castradora defendida por alguns educadores e uma educação compreensiva que requer uma atenção aos desejos da criança, como apregoada por outros. Não sabendo o que fazer, os pais renunciam a ocupar seus lugares na escala das gerações.

Comentando essa falta de autoridade paterna, Jussara, 75 anos, membro de um dos grupos intergeracionais estudados, nos conta:

Em muitas famílias, os pais não possuem mais o respeito de seus filhos, não tem disciplina e as crianças ainda falam abertamente aos adultos: “Eu faço o que quero, você não me manda!” Então, eu tenho essa experiência porque convivo com essas famílias no conjunto de prédios ou eu moro. Eu convivo com mães que falam: “Ah, Jussara, o que eu faço? A minha filha está assim,

não me escuta mais...” As meninas de 12, 13 anos já querem ter toda a liberdade... e tem! Os pais não têm mais força sobre elas.

A falta de autoridade de pais e avós pode ensejar uma radicalização de conflitos. Essa mesma senhora, em um depoimento emocionado fala de seu envolvimento com as crianças e adolescentes de uma comunidade pobre onde vive e de seu empenho em ajudá-los, sem esconder a frustração ao vê-los se comportando de modo violento com seus pais e avós.

O relacionamento entre as gerações anda péssimo. Tão ruim que, às vezes, eu tento entender o porquê. Quando eu mudei para esta cidade, eu fui morar em um local que têm vários predinhos e em cada bloco têm 16 famílias. Quando eu mudei para lá, tinha 3 crianças, uma de 2 anos, uma de 6 anos e uma de 8 anos. Aí eu comecei a conviver com essas crianças. Eram meus vizinhos próximos. Comecei a conviver com os maiores, o mais velho estava na escola, mas não sabia ler, comecei a ensiná-lo a ler para ajudar os pais. Bom, cuidei dessas crianças, conversava tudo o que você pode imaginar. Eu orientava o trabalho de escola... Os meninos cresceram... mas, hoje eu me pergunto: “Onde foi que eu errei? Eu expliquei tanto a eles que quando acontecesse uma briga que saíssem de perto. Mas, eles sempre estão arranjando confusão... aí entraram para a maconha e lá rola uma maconha lascada, viu? Lá da janela do meu quarto eu olho e falo: “Eu não acredito!” Pegado ao meu apartamento, uma senhora viúva ficou com três filhos e grávida de um, o marido morreu num acidente. Eles foram criados ali comigo. Os mais velhos tem 10, 11 anos... é uma falta de respeito com a mãe, com a avó... um dia eu peguei o mais velho que deveria ter uns 10 anos, mas eu peguei na surpresa porque ele era mais forte se ele esticasse o braço, me derrubava... ele maltratando a vó: “Você é velha, sai daqui... eu não quero você aqui na minha frente...” E a avó saiu chorando... e eu, como estava pertinho, catei ele pela camiseta, encostei ele na parede e falei; “Da outra vez que você fizer isso com a sua avó, eu quebro esses dentes bonitos que você tem aí, viu, eu quebro!”

Em certos episódios de violência, como o que Jussara relata, é, muitas vezes, difícil conseguir o autocontrole. Ela própria reagiu de modo agressivo, contaminada pelo clima de confronto. Fato que nos leva a pensar novamente na viciosa formação de uma ciclo de violência tão difícil de ser interrompido.

Numa visão otimista das relações intergeracionais baseadas em processos reciprocamente educativos, Margaret Mead (1971, p. 35-63 e p.97-125) desenvolve interessante estudo sobre diferentes sociedades em relação a modalidades e direções de repasse de conhecimento entre as gerações, crendo em uma evolução de sociedades pré-figurativas em que os jovens aprendem com os mais velhos, para co-figurativas, nas quais os jovens aprendem com seus pares, e desaguando, finalmente, em sociedades pós-figurativas, aquelas em são os adultos que aprendem com os jovens. Ressalta, porém, que todas essa possibilidades de comunicação podem co-existir em qualquer sociedade. A partir dessas configurações, Mead busca entender a atual situação das relações entre as gerações, a partir do destaque que dá ao papel educativo dos jovens em decorrência das transformações tecnológicas do mundo atual.

Mas, Enriquez (1990, p. 208-226) considera frágil a teoria de Margareth Mead em sua tentativa de reconstrução histórica. Sua discordância é a de que essa visão parte da suposição de que tais relações dependeriam principalmente de transformações históricas, tecnológicas e econômicas. Argumenta Enriquez que se é verdade que os jovens hoje aprendem mais com seus pares (educação co-figurativa) e que muitos pais aprendem com seus filhos (educação pós-figurativa), isso não se deve a uma incompetência ou falta de saber dos mais velhos, mas sim à sua incapacidade de se situarem no lugar da lei (de um ponto de vista psicanalítico) e de

desempenharem seu papel de interdição e de pólo de identificação, simbolizando os valores que permitem viver em sociedade. O autor acha que os pais nunca souberam fazer isto, mas não abdicavam do esforço de fazê-lo. Para o autor, os pais, em sua maioria, não conseguem o difícil equilíbrio entre a interdição e a permissividade, porque a sociedade não os ampara nessa empreitada. Assim, optam pela opressão mais ou menos explícita ou pela demissão de suas funções.

O conflito de gerações pode ser produtivo e transformador desde que se processe uma fina sintonia na dialética estabelecida entre a necessária renovação de valores e a não menos importante continuidade das tradições culturais. Sobre isso assim se expressa Paulo de Salles Oliveira (2009, p. 63):

As gerações mais novas tanto podem aceitar este legado (a herança cultural), mesmo com transformações que lhe venham colocar - garantindo assim alguma continuidade - quanto podem recusá-lo, acentuando as diferenças e os conflitos. Estes não são necessariamente negativos pois, dos embates, podem surgir novos horizontes. É preciso reconhecer, todavia, que se os conflitos são importantes na renovação, também a continuidade é algo fundamental para a criação e transmissão da cultura. Nem tudo pode ser abandonado, substituído ou refutado sob pena de sucumbirmos inteiramente à barbárie do consumo das coisas e das pessoas.

Para Arendt (1997, p. 225), a educação deve conter uma dimensão conservadora (que não se confunde com um conservadorismo político) implicando que algo deve ser conservado, preservado, no caso as tradições e os valores fundamentais, mas também o ‘espírito revolucionário’ do jovem, pois, segundo ela “*nossa esperança depende sempre do novo trazido a cada nova geração*”. Por isso, defende a idéia de que deve haver autoridade do professor, e por extensão do adulto, em relação à criança, desde que não

haja um cerceamento de suas potencialidades. Portanto, além de saber o que ensinar, o adulto deve exercer um papel diretivo. Mas, adverte Arendt, tal postura faz sentido no relacionamento entre adultos e crianças, pois, explica, em política, referindo ao universo das relações entre adultos, não deve haver tal assimetria. Entre adultos (mesmo sendo de diferentes gerações, ponderaríamos nós) não se pode falar, segundo a autora, de um processo educacional, mas sim de uma ação política, ação que deve se dar entre iguais, o que para a autora implica, neste caso, em uma necessária ausência de autoridade.

Segundo pesquisa de Osborne e Fincham (1994, p. 117-141), pais que conseguem alcançar o sutil equilíbrio de serem, ao mesmo tempo, firmes e democráticos lidam melhor com os diferentes tipos de conflitos, são mais capazes de compreender as razões de seu próprio ponto de vista e percebem melhor as razões da resistência da criança. Assim, e por isso mesmo, estabelecem um diálogo com os filhos sobre o conflito no relacionamento com eles.

Sabemos que o modelo de relação com os adultos tem sua matriz no relacionamento com as figuras paternas, daí a inegável importância das relações familiares. Como consequência possível, temos jovens que se relacionam de modo mais ou menos formal com pessoas mais velhas, ou seja, de modo mais tenso, desconfiado, submisso ou, ao contrário, descontraído e sem submissão. Essas variações de atitudes podem ser decorrência do tipo de “velho” e de figura de autoridade internalizada a partir das experiências da infância principalmente. Nos contatos que mantenho com crianças e adolescentes participantes de atividades intergeracionais no SESC é visível as diferenças de posturas, mais tímidas ou mais desenvoltas, que esses jovens mantêm em relação aos adultos. Porém, o

desenvolvimento do convívio em um clima de cooperação gera a necessária autoconfiança, assim como confiança no outro, no caso a pessoa mais velha. Como decorrência, os jovens se desinibem, relacionando-se de igual para igual com os mais idosos. Essa, ao menos, tem sido minha experiência de relacionamento com jovens que freqüentam uma instituição cultural e com outros que fazem parte de minhas relações pessoais.

Como importante fator facilitador para essa aproximação, destaco a ponderação feita por Claudine Attias-Donfut (1988, p. 10) de que o antagonismo intergeracional cedeu em sua força, provavelmente em decorrência de uma diminuição no grau de autoritarismo na família e na sociedade, brincando com a inversão dos algarismos relativos a dois períodos históricos, Claudine compara a geração dos jovens de 1968 com a de 1986 na França. Inúmeros adultos, inclusive idosos, consideram os jovens da atualidade como mais livres do que os jovens do passado.

Em pesquisa anterior (FERRIGNO, 2003, p. 66-67) inúmeros depoimentos de pessoas idosas foram nessa direção. Pudemos constatar como são positivas as imagens do que é ser jovem para o grupo de idosos entrevistados naquela ocasião. Com exceção de um senhor que vinculou a noção de “ser jovem” com a de “inexperiência”, todas as demais adjetivações foram elogiosas. Revelaram franca admiração pela juventude atual, destacando o maior acesso aos estudos e elogiando os jovens por seu desempenho escolar. Embora vários sujeitos daquele estudo tecessem críticas ao excesso de liberdade desses jovens, principalmente no que se refere ao exercício da sexualidade e da utilização de drogas, remetendo à questão da ausência de autoridade dos mais velhos que aqui já analisamos, reconheciam as conquistas da nova geração. Todavia, durante as conversas com esses velhos, senti, de forma velada, a presença de sentimentos de

inveja exatamente por essa maior liberdade juvenil que configura uma condição de vida muito diversa daquela que tinham quando eram moços e moças. Como possíveis fontes de conflito de gerações, poderia estar em jogo esse suposto despeito dos velhos pela estética, força, habilidade física e liberdade sexual, entre outras, dos jovens de hoje? Em que medida, esses sentimentos caracterizam o momento em que vivemos? Ressentimentos pelas coisas boas perdidas juntamente com nossa juventude, não seriam marcas constituintes, embora inconscientes, do nosso processo de envelhecimento? São questões que merecem ser mais profundamente investigadas.

A atitude dos mais velhos é, de fato, muitas vezes, de prevenção e desconfiança em relação à propalada rebeldia juvenil. Mas, ao contrário, há velhos rebeldes e irreverentes, cujas características pessoais favorecem a identificação e a aproximação dos jovens, como é o caso do compositor Tom Zé (SESC, 2008, p. 93). Ao falar de sua rebeldia revela uma identificação incomum com as novas gerações:

A tendência de cada geração é dizer que os jovens de hoje são diferentes – e aí tem medo deles. Eu sempre fui curioso quanto ao que a juventude fazia porque meu principal produto não é música, é a rebeldia - e rebeldia é uma proteína sem a qual a juventude não vinga! A rebeldia não é desobediência, rebeldia é outra coisa, é uma coisa muito mais profunda. Como eu produzo rebeldia, a cada ano meu público fica mais jovem. Agora está dando para ir meninos e meninas de 9 anos em meus shows e saem felicíssimos!

Vários sujeitos entrevistados atribuíram o conflito de gerações às diferenças de valores, expectativas, preferências, interesses. Renata, 40 anos, educadora menciona até diferenças biológicas criadas pelo envelhecimento como determinantes para certo estilo de vida:

Acho que primeiro é uma questão de suas expectativas... quando você tem 20 anos, você tem algumas expectativas com relação ao mundo, às pessoas, à sua vida, ao seu futuro... quando você tem 30, já são outras, 40, outras, 50, outras, 60, outras... enfim... eu acho que o conflito é mais de idéias, expectativas... agora que eu sou uma “quarentona” eu começo a perceber que existe outro conflito que é físico mesmo (ri)... uma balada de música eletrônica me irrita... me irrita no sentido... eu não gosto, não me faz bem fisicamente, as luzes, o som alto, muito, muito alto... então, acho que o meu organismo já está recebendo as coisas de uma maneira diferente... não significa que eu não possa ouvir aquela música na minha casa, mais baixo, sem aquelas luzes piscando... então, acho que tem uma questão física, biológica... Acho essas diferenças podem gerar conflitos.

Sonia, 66 anos, participante de uma das oficinas de canto junto com crianças, reforça essa idéia sobre as diferenças de gostos e estilos como geradoras de situações conflitantes entre pais e filhos ou entre avós e netos:

Quando o pai, a mãe ou a avó gostam de uma coisa e o neto ou o filho, de outra, então, isso às vezes dá conflito e a gente fala: “Nossa, isso é contra os meus princípios!” Vou te dar um exemplo: a minha neta queria fazer uma tatuagem. Nós não gostamos... não pela tatuagem, porque seria a segunda, ela já tinha feito, até achei bonitinho, fez na perna assim, não sei é uma florzinha ou uma borboletinha, uma coisinha discreta. Então, eu fui contra, “por que mais uma tatuagem?” Eu falei: “Nunca vai sair! Minha neta tem que trabalhar, trabalha na receita

federal, vai se encher de tatuagem agora? Não tem juízo... 23 anos! Acha que pode tudo...”.

Os conflitos entre pais e filhos, decorrentes das diferenças de expectativas profissionais para os filhos é mencionado também por Dona Aline, 75 anos:

Os pais planejam para os filhos uma área de estudo e o filho não quer aquilo, ele quer outra coisa para estudar, porque ele acha que vai se dar melhor. É que nem eu falava sobre a minha filha... “ai, meu Deus, tomara que ela queira medicina” e eu incentivando... ela fez química... mas quem não faz um planejamento para os filhos? Faz. Então, existe desacordo. A gente como pai e mãe, sempre quer o melhor, mas, às vezes, não é aquilo que o filho quer, a gente precisa entender isso daí. Desentendimento pode ser um caso desse. O pai diz “Faz isso, isso é bom para você” e o filho não aceita...

Os conflitos entre avôs e netos ou, principalmente, entre avós e netos já que geralmente são elas que cuidam dos netos, podem se dar quando estas têm a incumbência de não apenas com eles brincar, mas de “tomar conta dos mesmos”. Tais situações são relativamente comuns quando os filhos dessas avós não têm alternativa senão a de contar com sua mãe para cuidarem de seus filhos. A teimosia do neto em fazer bagunça somada à fadiga da avó pode resultar em uma ação mais agressiva por parte desta. Uma de nossas entrevistadas, Dona Aline, 75 anos, é uma senhora que participa ativamente de atividades intergeracionais em um dos centros culturais do SESC. Ela possui um fácil relacionamento com os jovens. Mas, nos contou que perdeu a paciência com seu bisneto de 7 anos, criança muito bagunceira. O curioso desse depoimento foi que ela sentiu muita dificuldade em dizer que entrou em conflito com o bisneto e, aliás, não disse isso claramente. Foi muito evasiva, se sentiu muito constrangida, fato que nos

leva a pensar em como pode ser difícil para as mulheres de sua geração não se submeterem a caprichos dos outros, no caso filhos, netos ou bisnetos.

Alunos e professores também podem entrar em conflito por diferenças de expectativas, conforme lembra Renata, 40, educadora. A entrevistada quando inquirida sobre conflitos com pessoas mais jovens, lembra de uma situação que a deixou indignada:

Fiquei indignada mesmo com as meninas do magistério que não conseguiam ler 15 páginas por semana... eu lembro que uma vez eu perguntei porque elas estavam fazendo magistério e... a maioria era porque gostava de criança e... eu surtei, deu um "pito"... "Gente, meu conselho para vocês: Casem e tenham filhos... esse não é o papel do educador!" Fiquei revoltadíssima... durante um ano... depois eu falei para mim mesma: "Não vou mais compactuar com isto daqui... se eu não posso mudar efetivamente... se eu não tenho tempo..., então é melhor cair fora".

As diferentes formas de percepção e apropriação do tempo

Outra importante diferença entre mais novos e mais velhos que pode gerar conflitos é o ritmo do dia a dia e a forma de vivenciar e administrar o tempo. Renata, 40, educadora nos dá um interessante depoimento sobre a velocidade das experiências vividas pelas gerações mais novas e aponta a importância de que haja concessões recíprocas entre jovens e velhos para que se crie uma ponte ou um canal de comunicação entre esses mundos vividos de modo tão diverso:

Acho que essa questão do tempo também pode dar em conflito... eu acho que a forma como a gente está administrando e vivendo esse tempo da comunicação, do virtual, tudo muito rápido... os emails, os chats, é tudo muito instantâneo... é uma coisa do contemporâneo... mas isso entra em conflito com outro estilo de vida, de pensar, que é da nossa geração. Aí a gente diz: “Ah, isso é vazio...” Não é que seja vazio, é diferente... eu sou de uma geração que lia manual de instrução para ligar qualquer equipamento! Os jovens não precisam... a relação deles é com o aparelho eletrônico, não é com o que está escrito sobre o ele, eles vão direto! Isso é bom ou ruim? Quisera eu ter essa habilidade de sacar os mecanismos! isso é muito positivo! Mas, por causa dessa velocidade, eu acho que fica difícil essa aproximação. O adolescente tem um ritmo mais acelerado... e ele precisa ser assim porque senão ele não sobrevive a esse mundo, tal como está colocado para ele... agora, se ele não tiver um espaço dentro dele para desacelerar e se os mais velhos não tiverem dentro deles também um espaço para acelerar um pouco, não “rola”, porque são ritmos completamente diferentes... essa moçada está em outra, são capazes de fazer cinco coisas ao mesmo tempo e são capazes mesmo! Eu olhava o meu sobrinho... ele estava estudando, lendo, o computador ligado no MSN, conversando com as pessoas no computador, o som ligado e a tv ligada! Eu chegava no quarto dele e não acreditava... chegava já desligando botões, abaixando tudo... “Não acredito que você consiga estudar...” Ele dizia “Ô, tia, tô estudando!” Agora que ele tem 22 anos, ele me fala coisas surpreendentes... eu pergunto: “Mas, onde você aprendeu isso tudo?” “Eu pesquisei, tia, eu li...” e eu que achava que aquilo não ia dar em nada! (ri) E deu! Eu não consigo, mas ele consegue! E eles são assim... Então, como é que você pega essa pessoa que faz cinco coisas ao mesmo tempo e faz uma ponte com uma outra pessoa que já não faz cinco, faz uma, faz meia... tem que ter um querer desses dois lados, tem que ter boa vontade, senão não “rola”...

Sobre o ritmo e a velocidade de jovens e velhos no desempenho das atividades culturais realizadas na programação do SESC, Amanda 45 anos, uma das professoras entrevistadas revela que em uma das oficinas de teatro que acompanhou a lentidão de alguns idosos provocou descontentamento entre os jovens e insegurança nos próprios idosos em continuar no grupo:

Tinha no grupo de teatro um idoso muito lento... e, na hora de “criar a fantasia” dentro de um jogo proposto pelo professor, os jovens eram mais rápidos. Eu conversei com esses jovens e eles se queixaram que os idosos eram lentos, demoravam em fazer os exercícios. Aí conversei como os idosos sobre isso eles me disseram que achavam mais fácil trabalhar com crianças do que com adolescentes: “Ah, com as crianças me sinto bem, eles até precisam da gente, elas precisam do nosso apoio porque eles se desesperam na hora de fazer os ensaios... aí a gente vai lá e dá um jeitinho... mas é difícil chegar nos adolescentes... parece que a gente atrapalha...” Outros idosos me diziam: “Ah, eu não ligo muito não porque... eu estou aqui para o teatro e não me incomoda...” Mas, alguns incomodados desistiram por causa disso... Eles diziam: “Ah, porque parece que a gente atrapalha... não me sinto bem... eles têm pressa demais”.

Sobre essa mesma experiência, Amanda me disse que, embora concorde em tese que a diferença de velocidade possa interferir no relacionamento do idoso com o jovem, como no caso que citado, considera ter faltado habilidade ao professor de teatro que conduzia o grupo, pois em outras experiências de teatro intergeracional também por ela acompanhadas as diferenças de ritmo foram de alguma forma harmonizadas, sem prejuízo da tarefa ou da relação. No próximo capítulo discutiremos a figura do educador e, por extensão, do condutor de processos grupais no que se refere à importância desse profissional como facilitador das interações.

Algumas reflexões sobre o tempo tal como o percebemos e vivemos podem ajudar a lidar com as diferenças entre as gerações. Norbert Elias (1998, p.10-32), como a concepção de tempo tem variado ao longo da história da humanidade. E como a vida moderna passou a ser cada vez mais pormenorizadamente temporalizada. Muitas atividades humanas são cronometradas. Dependemos do relógio e vivemos num mundo que tem cada vez mais pressa. As mudanças têm sido cada vez mais aceleradas e isso se faz em nome do progresso. Ecléa Bosi (1979, p. 35) nos ensina o quanto a sociedade industrial, do lucro e da competição, é maléfica para com os velhos, sobretudo para aqueles que foram desprovidos do pouco que tinham quando ainda eram trabalhadores e que tentam sobreviver com uma aposentadoria aviltante enfrentando doenças e maus tratos. As rápidas mudanças da cidade e do bairro desestabilizam e desorientam os idosos. Sem dúvida, um mundo acelerado em demasia reduz as oportunidades de reflexão individual e coletiva sobre o sentido das coisas e de nossa posição em relação a elas. As conversas e as trocas afetivas tendem a se tornar superficiais se entrarmos no clima do *“time is money”*.

Em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, Maria Rita Kehl, reflete sobre o mal estar na sociedade contemporânea. Ao ser inquirida sobre a aceleração do tempo no mundo moderno, assim responde ao jornalista: *“A impressão que se tem, desde a Revolução Industrial, é que o tempo em sua dimensão cronológica vem se acelerando de uma forma exasperante. Quanto mais tentamos aproveitar o tempo, quanto mais dispomos das horas e dos dias segundo a convicção de que o ‘tempo é dinheiro’, mais sofremos do sentimento de desperdiçar a vida”*.

Será que esse tipo de percepção é compartilhado pelos jovens. Talvez não, à medida que estão crescendo em ritmo social mais acelerado. Por isso conseguem, como vimos na fala de uma entrevistada, viver de modo mais adaptado, produzindo e se relacionando com as pessoas. Guardadas as devidas proporções de agilidade, o mesmo pode ocorrer com os mais velhos, à medida que se envolvem em atividades prazerosas e realizadoras, aproveitando algumas novas aberturas que lhes são propiciadas, por exemplo, pelas universidades abertas e desenvolvendo uma vida mais ativa.

Nos encontros de gerações que tenho testemunhado, percebo a emergência de uma realidade. Nela, na medida em que o jovem se detém um pouco em sua pressa e o idoso acelera um pouco o passo para andar a seu lado, constato ser possível um entendimento. É preciso, no entanto, que tanto um, quanto outro, estejam motivados a se relacionarem, é preciso que haja uma simpatia mútua. Aos educadores cabe a nobre tarefa de descobrir caminhos que facilitem a instauração de novas formas sociabilidade, levando em conta, entre tantas outras coisas, o ritmo e a velocidade das gerações, ou seja, a maneira como administram o tempo.

Os gregos possuíam duas expressões para designar o tempo: *Cronos*, o tempo medido em minutos, horas, meses e anos e *Kairós*, o tempo vivido. Sobre o tema, recordo a reflexão desenvolvida por Joel Martins (1998, p. 11-24), na qual sintetiza seu pensamento observando que *o homem não está no tempo é o tempo que está no homem*. Horácio, um dos maiores poetas da Roma Antiga, em suas célebres odes, disse há muitos séculos uma frase que se tornaria célebre: *Carpe Diem*, aproveite o dia, viva o presente. Rubem Alves (SESC, 2002 p. 73-88) conta esta saborosa e ilustrativa estória:

Há uma estória oriental, zen, que diz assim: um homem ia por uma floresta, estava muito escuro, e de repente ouviu um rugido terrível. Era um leão. Ele ficou com muito medo e começou a correr. Como estava

escuro ele não viu por onde ia e caiu num abismo. No desespero da queda agarrou-se a um galho e ficou pendurado sobre o precipício: lá embaixo, o abismo; em cima, o leão. Olhou então para a parede do precipício e viu uma plantinha com uma frutinha vermelha, um morango. Ele estendeu seu braço, colheu o morango e o comeu. Estava delicioso! Esta é a história. Aqueles que gostam de um final claro perguntam logo: "Ele caiu ou não caiu?" Eu respondo: "Você não percebe que o homem é você, que sou eu? Vamos cair. Ainda não caímos. Por enquanto, tratemos de comer os morangos..."

Realizamos até aqui um levantamento de diferentes modalidades de conflito de geração, recorrendo a autores de diferentes áreas do conhecimento e a sujeitos que me relataram situações vividas. Longe de pretender esgotar todas as formas possíveis em que se dão tais dificuldades de relacionamento, a intenção foi apenas de contribuir com um debate que julgo conveniente e necessário. O conflito humano tem seu lado destrutivo quando descamba para a violência, mas em seu aspecto virtuoso traz o germe da transformação e da esperança. Especificamente, o conflito entre as gerações, como observa Oliveira (2009 p. 65) traz uma possibilidade luminosa. No seu entender, *“os conflitos de geração em seus desdobramentos mais interessantes, tem como foco central a discussão entre valores e práticas que merecem ou não ser preservados”*.

Como foi feito e o que pretendeu este estudo

Este estudo foi feito a partir de observações de atividades de lazer nos centros culturais do SESC, da capital e do interior do estado de São Paulo, no período entre 2005 e 2009. Baseou-se em entrevistas das pessoas que participam das atividades intergeracionais e observação das mesmas durante essas atividades. Tanto em relação aos jovens, quanto aos velhos,

algo que logo de início chama a atenção de qualquer observador é o grau de adesão do público à instituição e a seus funcionários. Pessoas de todas as idades permanecem longos anos frequentando essa entidade. Tão impressionante quanto o tempo de frequência, é o grau de envolvimento de vários associados. Um dos educadores que há vários anos desenvolve um trabalho de integração de gerações e que, por isso, bem conhece os participantes, fala da importância que o SESC têm para os idosos:

Têm idosos que já nem tem mais condições de vir ao SESC porque a idade pesou e estão muito fragilizados. Aí eu procuro diversificar o máximo possível, tanto é que depois das atividades físicas, a gente vai para o espaço da internet ou para o espaço do xadrez, para o teatro para que as atividades não fiquem tão pesadas para eles porque nós temos idosos para os quais os médicos já nem dão mais atestado. Mas, se eles saírem do SESC, eles morrem, porque isso aqui é a vida deles. Tem pessoas que se saírem daqui, morrem de tédio em suas casas.
(Ronaldo, 47 anos, professor)

Algo semelhante do que acontece com a Terceira Idade, ocorre com as jovens gerações. A associação ao SESC começa cedo, já que filhos de tenra idade já acompanham seus pais nas idas à instituição. É o caso de Tadeu, um dos entrevistados, garoto de 12 anos, que há 11 anos frequenta o SESC. Ele contou que, segundo seus pais, eles já levavam ao SESC quando tinha apenas um ano de idade.

A necessidade da presente investigação teve sua origem nos resultados da avaliação de um programa de atividades culturais realizado em grupos compostos por pessoas de diferentes idades. Durante os aproximadamente cinco anos em que acompanhei a experiência, não apenas o que deu certo, mas também o que falhou do ponto de vista de uma

satisfatória aproximação de gerações foi registrado e analisado. As dificuldades, porém, não arrefeceram nosso ânimo. Seria ingênuo minimizar a força de certos valores sociais adversos da solidariedade, expressos na forma de recíprocos preconceitos entre as gerações e que provocam o distanciamento entre moços e velhos. Os profissionais, por mais dedicados que sejam, devem reunir muita determinação para semear sentimentos que aproximem pessoas de diferentes idades. Assim, o motivo para o desenvolvimento desta pesquisa foi a presença de resistências, rejeições, recusas e mesmo conflito de interesses entre as gerações observadas, problemas, em certos casos de difícil encaminhamento, mas que tem sido encarados como desafios a serem superados. Por outro lado, os resultados bons resultados obtidos em várias experiências, mostram efetivas possibilidades de integração etária.

A verificação da eficácia de atividades de lazer na atenuação ou até mesmo na superação das indiferenças, estranhamentos e conflitos entre gerações, foi o objetivo principal deste trabalho. Para isso, foi importante primeiro refletir sobre como se dão esses conflitos na sociedade contemporânea e destacar algumas de suas características mais marcantes. Pareceu-me importante identificar fatores e situações desencadeantes tanto no contexto social mais amplo, quanto na ambiência de pequenos grupos nucleados para o exercício de atividades culturais dentro da programação de uma instituição socioeducativa de ensino não-formal.

Com base em observações realizadas durante o acompanhamento do programa SESC Gerações, com seus acertos e erros, outro objetivo deste estudo foi o de propor estratégias de abordagem e de construção de tais grupos que tornem mais produtivas tais relações, superando dificuldades de comunicação e buscando a cooperação por meio do florescimento de uma

cultura intergeracional solidária. Em outras palavras, propus alguns procedimentos, deles tentando extrair toda sua força transformadora. Tal processo pressupõe, entre outras coisas, a reflexão sobre as diferentes etapas de abordagem grupal que analisaremos no próximo capítulo.

Conforme expliquei na introdução deste estudo, os dados foram colhidos através de entrevistas e observações. Entrevistei pessoas que participam do programa intergeracional: 6 pessoas idosas, 8 jovens e 7 educadores que acompanham essas atividades. No total, portanto, a investigação contou com os depoimentos de 21 sujeitos.

As atividades intergeracionais acompanhadas diretamente para esse trabalho foram: duas oficinas de canto coral, sendo uma delas composta por idosos e crianças e outra por adolescentes, jovens adultos, pessoas de meia idade e idosos; uma atividade intitulada “Cartas”, que se caracterizou pela troca de correspondências entre idosos e adolescentes sobre suas impressões a respeito da cidade de São Paulo; um encontro de gerações para estudar a cultura popular, reunindo idosos e crianças; uma experiência de atividades físicas que utilizou técnicas dos jogos cooperativos integrando crianças e idosos; e, finalmente, uma oficina de teatro integrada por crianças e adolescentes.

Além dessas atividades, ao longo dos últimos anos e por integrar a equipe que coordena o referido programa intergeracional, realizei observações de outros cursos, oficinas e ensaios, além de situações informais, como bate-papos em intervalos de atividades e momentos de confraternização. Como fonte complementar, inseri ainda alguns pensamentos de idosos do mundo das artes e das ciências entrevistados para a Revista A Terceira Idade, publicação do SESC SP, entre 2001 e 2009.

No próximo capítulo, que trata dos caminhos que levam à aproximação entre as gerações, comento as observações sobre as atividades eleitas para a pesquisa e outras experiências intergeracionais realizadas desde 2003, ano de lançamento do programa SESC Gerações. A opção por colocar no capítulo 3 a análise das observações realizadas, se deve ao fato de que nelas prevaleceram os momentos de cooperação e não os de conflitos. A razão disso também é discutida adiante.

Para a elaboração dos procedimentos de pesquisa, procurei seguir o caminho sugerido por Ecléa Bosi (1979, p. 2), que considera que o principal esteio de seu método de abordagem está na formação de um vínculo de afeto e confiança com os entrevistados, fenômeno que faz do pesquisador, sujeito e objeto dos conhecimentos que vão sendo construídos. Sujeito enquanto aquele que indaga, objeto enquanto aquele que registra as informações.

Segundo Oliveira (1998, p. 23), a despeito do desenvolvimento científico observado nas chamadas ciências naturais e a firme crença dos cientistas na conquista da plenitude do conhecimento objetivo, constatamos nas ciências humanas uma inevitável e paradoxal situação: o ser humano é, simultaneamente, sujeito e objeto da pesquisa científica. Na tentativa de se desprender de seu objeto, o pesquisador tende a tornar a realidade superficial, isto é, sem contrastes, contradições, paradoxos e ambigüidades, embora a realidade seja tudo isso a um só tempo. Oliveira acredita que a superação de tais dificuldades pode se dar, pela análise da relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, ou seja, entre o pesquisador e seu pesquisando, atitude de humildade que passa pela recusa a qualquer forma de autoritarismo do pesquisador pela pretensa detenção de verdades.

Para compor este estudo, levei em conta memórias de meu envolvimento com atividades intergeracionais junto a crianças, adolescentes e idosos, ao longo dos últimos anos. A esse respeito, Oliveira (1998, p. 18-20) destaca a importante relação entre o tema da pesquisa e a trajetória pessoal e profissional do pesquisador, citando o pensamento de Wright Mills: *“os pensadores mais admiráveis não separam seus trabalhos de suas vidas. Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra”*. Oliveira faz, porém, um alerta ao pesquisador: manter sempre um espírito crítico e um prudente distanciamento em relação à própria experiência para que se evite a cristalização de verdades e o estabelecimento de esquemas reducionistas de análise. Nesse sentido, o pesquisador deve estar aberto ao novo, deve se deixar surpreender pelos dados colhidos, para assim estabelecer novas e, por vezes, insuspeitas relações causais. Sobre minha postura enquanto pesquisador, por um lado, consciente de que devo manter um olhar objetivo sobre essa realidade, mas, por outro lado, percebendo que as situações que investigo compõem o meu próprio universo de vivências, tomo de empréstimo as reflexões de Gilberto Velho que diz:

Lido com indivíduos que narram suas experiências, contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes, conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e a entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidianas também do meu mundo, e às minhas aflições e perplexidades. (...) quando elegi a minha própria sociedade como objeto de pesquisa, assumi, desde o início, que fatalmente a minha subjetividade deveria ser, permanentemente, não só levada em consideração, mas incorporada ao processo de conhecimento

desencadeado. Ou seja, deveria tentar não escamotear sua 'interferência', mas aprender a lidar com ela. Assim, permaneci comprometido com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização de meus sentimentos, emoções, crenças. (VELHO, 1989, p. 17-18).

Em razão da natureza da investigação, de seus objetivos e metodologia, não houve preocupação com representatividade estatística. Focamos nossa atenção sobre determinadas relações interpessoais, como estudos de caso, e, por isso, as pesquisamos onde se apresentaram com maior intensidade e exuberância, justamente para refletirmos sobre seu potencial transformador. A partir da observação das atividades em grupos multietários, convidamos alguns de seus participantes para uma conversa. A intenção da entrevista foi perfeitamente compreendida e os convites foram prontamente aceitos. O dia, a hora e o local do encontro foram decididos pelos sujeitos, pois penso que o pesquisador deve oferecer as melhores condições possíveis para o estabelecimento de um clima tranquilo e de confiança entre ele e essas pessoas que tão generosamente nos cedem seu tempo.

Os motivos mais freqüentes de conflitos levantados pela pesquisa.

A seguir, exponho de que modo os dados foram categorizados para efeito de análise. O conteúdo das entrevistas foi analisado a partir de um guia composto pelas seguintes categorias:

1. Formas pelas quais se apresentam as dificuldades de relacionamento e os conflitos intergeracionais, isto é, situações e circunstâncias em que

a sua ocorrência é mais provável. Nesse item uma subdivisão se mostrou eficiente para melhor organização dos dados:

- Motivos Gerais de Conflitos (responsabilidades recíprocas)
- Conflitos que partem de condições próprias das crianças e dos jovens ou são criadas por eles.
- Conflitos que partem de condições próprias dos mais velhos, ou são criados por eles

2. Modos ou estratégias para se evitar, superar ou, ao menos, minimizar os efeitos negativos do conflito de gerações.
3. Estratégias para aproximar as gerações e desenvolver processos de cooperação entre elas.
4. Como é vista pelos sujeitos a responsabilidade das gerações no conflito entre elas, isto é, qual a responsabilidade dos mais jovens e qual a responsabilidade dos mais velhos.
5. Representações, imagens, sentidos, significados que o sujeito tem ou faz das demais gerações, tanto em relação às mais jovens, quanto em relação às mais velhas. Incluem-se aqui as opiniões sobre o relacionamento intergeracional em nossa sociedade, de modo geral.
6. Visões sobre o conflito de gerações e sobre as dificuldades de relacionamento intergeracionais, de modo geral.

7. Histórias pessoais ou observadas em outrem de cooperação intergeracional, revelando lances de solidariedade, empatia, simpatia entre as gerações, em espaços variados como família, SESC e outros.

Neste capítulo analisamos apenas o primeiro item, “Formas pelas quais se apresentam as dificuldades de relacionamento e os conflitos intergeracionais”. Os demais itens são analisados no próximo capítulo. A fala dos sujeitos perpassa grande parte do presente texto. Os depoimentos, sempre que possível, foram alinhavados entre si e ao pensamento de diversos autores. Mas, para oferecer ao leitor uma visão panorâmica das idéias dos sujeitos pesquisados, apresento, no Anexo II, a síntese das respostas às categorias acima referidas, que, como dissemos, nortearam a análise das entrevistas.

Vimos que grande parte das situações que engendram conflitos são criadas no seio familiar. Há, inclusive, várias falas dos sujeitos que fazem referência direta à família como o ambiente no qual com mais freqüência se produzem conflitos entre gerações, principalmente entre pais e filhos. Esse dado não surpreende principalmente se considerarmos o pouco convívio das gerações em outros espaços sociais. Vejamos, sinteticamente, os principais motivos de conflito apresentados pelos entrevistados dentro e fora do núcleo familiar. Não houve qualquer pretensão de se elaborar uma lista exaustiva, até porque esta investigação não se propôs a esgotar o assunto. Apenas organizo os dados que emergiram das conversas.

Dentro da família aparecem desavenças por diferenças de idéias, valores morais, expectativas, preferências, interesses entre pais e filhos, principalmente com filhos adolescentes. Como conseqüência, temos as mútuas queixas. Do dia a dia foram narradas por pais, filhos e avós

entrevistados, situações de conflitos provocados por inúmeros motivos, alguns triviais outros de maior gravidade. Mas, foi possível perceber que mesmo razões banais, por sua repetição cotidiana, acabam por corroer os relacionamentos familiares.

A seguir alguns outros motivos de conflitos desencadeados pelos jovens na visão dos entrevistados tanto jovens, quanto mais velhos:

- o insatisfatório desempenho escolar do filho;
- o horário de o jovem chegar em casa;
- a contestação do valor da virgindade por parte da filha;
- o uso ou a defesa do uso de drogas na visão dos filhos;
- a relutância ou até a recusa do jovem em se tornar independente;
- a frustração dos filhos por não terem acesso a bens de consumo, principalmente brinquedos;
- a bagunça na casa promovida pelos filhos;
- resistência dos filhos em colaborar com as tarefas domésticas;
- a recusa ou a demora em fazer a lição de casa;
- o tempo excessivo gasto pelas crianças assistindo TV, jogando video game ou navegando na internet;
- o namoro, principalmente da filha.

Abaixo as razões de conflitos que partem dos pais e avós, na opinião destes e principalmente dos mais jovens:

- a falta de atenção e de tempo, o distancimento físico e a sobrecarga de trabalho dos pais;
- a privação de liberdade das crianças que, confinadas em casa, não brincam na rua por causa da violência urbana;

- conflito ideológico com o pai;
- a proibição para os filhos viajarem;
- o desrespeito à privacidade dos filhos quando, p.ex, os pais ou avós mexem em suas coisas ou entram no quarto sem pedir licença;
- a falta de autoridade dos pais;
- o julgamento preconceituoso do adulto em relação aos adolescentes;
- pais que não preparam e não estimulam os filhos para o trabalho;
- o excessivo controle sobre os filhos e a falta de confiança neles.

Ainda no âmbito familiar, outras gerações podem se conflitar. Ouvimos relatos de divergências entre mãe e avó na educação do neto, ao que parece, não tão agudo como no relacionamento entre nora e sogra. Desentendimentos entre pais e filhos adultos: em páginas anteriores fizemos considerações sobre as dificuldades da relação entre uma Terceira e uma Quarta Idade, relação cada vez mais comum em decorrência do expressivo aumento da longevidade nas últimas décadas e relação dificultada quando há a presença de doenças incapacitantes, físicas ou mentais dos muito velhos.

Fora da família, ou seja, em espaços públicos como ruas, ambientes de trabalho e instituições de lazer como o SESC, também são referidas pelos sujeitos diversas situações de conflito entre gerações. As responsabilidades dos adultos por esses conflitos, na visão dos entrevistados, tantos jovens quanto idosos foram as seguintes:

- Privilégios ou direitos em excesso concedidos aos idosos;
- Preconceito dos mais velhos que consideram os jovens irresponsáveis, p.ex. no volante ou pelo consumo de bebidas ou drogas ou, ainda, porque os acham “desligados”;

- Falta de assunto, desatualização dos velhos;
- Falta de paciência com criança;
- Excesso de lição passada pelos professores;
- Idosos “birrentos” que voltam à infância e, por isso, disputam e conflitam com os jovens;
- Necessidade dos mais velhos em impor as tradições;

Os mais velhos, por sua vez, teceram críticas sobre o comportamentos dos mais jovens. Abaixo motivos de conflitos entendidos como de responsabilidade dos mais jovens:

- Bagunça e indisciplina das crianças na escola, provocando conflito com professores;
- Falta de informação e de experiência sobre os velhos;
- Visão negativa da figura do adulto (“são todos chatos”);
- Falta de paciência com os velhos, p. ex na fila de banco;
- Desrespeito dos motoristas de ônibus aos idosos;
- Atitude segregacionista do adolescente em relação ao adulto quando este entra em “seu” espaço de lazer;
- Necessidade de afirmação do jovem, desencadeando atritos;
- Repulsa ao aspecto físico do idoso;
- Falta de respeito com os velhos;
- Falta de religiosidade entre os jovens.

Há respostas em que, na opinião dos sujeitos, as situações nas quais a responsabilidade é compartilhada entre as gerações, ou seja, ela é mútua ou é decorrência de outras circunstâncias, como diferenças na forma de vivenciar e administrar o tempo; falta de familiaridade dos jovens com os adultos inibindo naquelas a aproximação, por exemplo, entre um professor

distante e seu aluno; e descrédito relativo à competência intelectual e social da outra geração.

Os conflitos entre idosos e jovens nos espaços de lazer

Com o propósito de melhor esclarecer o ambiente do presente estudo, penso ser conveniente descrever a instituição em que foi feita a coleta de informações. O SESC é uma instituição que atende a um público de todas as idades, com alguns programas culturais específicos para determinadas faixas etárias, como é o caso do Curumim voltado a crianças de 7 a 12 anos, o Alta Voltagem dirigido a adolescentes entre 13 e 17 anos e o Trabalho Social com Idosos reservado aos maiores de 60. Como dissemos anteriormente a existência de atividades especialmente programadas para certas gerações nos parece importante na medida em que atende necessidades, interesses e expectativas próprias de cada grupo etário, contribuindo para o estabelecimento de uma identidade coletiva. Mais recentemente, foi criado um novo programa, o SESC Gerações, composto por atividades intergeracionais, embora antes de sua implantação, a entidade já contasse com muitas atividades abertas a todas as idades, ainda que sem ter como foco principal a integração entre elas.

O fato é que, de algum modo, as gerações se encontram no SESC. Seja nas atividades especialmente programadas para esse encontro, seja naquelas abertas ao público em geral, seja ainda pela proximidade física nos vários espaços comuns como corredores, ruas internas, cafés, restaurantes, áreas de convivência, piscina, quadras, auditórios, banheiros, etc. Neste estudo, por meio de observações diretas ou de entrevistas registramos situações de conflito e de cooperação entre as diversas gerações de freqüentadores.

Já mencionamos algumas situações de estranhamentos e rejeições entre idosos, adolescentes e crianças no SESC. Vimos que se caracterizaram basicamente pela recusa ao compartilhamento de atividades e espaços de lazer e que, de acordo, com os depoimentos que recolhemos, as resistências vem principalmente das pessoas idosas. Vimos ainda que os conflitos tendem a se tornar abertos e explícitos geralmente no âmbito familiar. Em outros espaços e situações, como nas atividades de lazer em uma instituição cultural, eles não surgem com a mesma força e frequência, até porque antes disso ou a distância é mantida ou, após uma aproximação mal sucedida, o afastamento se dá antes que uma desavença venha surgir. Na família, sabemos que as coisas se passam de modo diverso, pois, muitas vezes, não há como escapar do conflito, já que a convivência é obrigatória.

Os motivos de conflito ou de queixa entre os freqüentadores das diversas faixas etárias nos espaços do SESC, campo da presente pesquisa, que aparecerem nas falas dos entrevistados, foram as seguintes:

- Idosos reclamando do barulho das crianças e da presença de adolescentes nos bailes promovidos pela instituição;
- Alguns professores do programa SESC Curumim que impõem regras às crianças, gerando descontentamento destas;
- Idosos que não têm paciência em jogar com crianças e preferem jogos competitivos e que jogam só entre eles;
- A lentidão de alguns idosos nos exercícios do grupo de teatro do SESC, ocasionando queixas dos adolescentes também participantes;
- Discordâncias entre idosos e educadores do SESC;
- Discordâncias entre crianças e educadores do SESC.

Em relação aos dois últimos itens, discordâncias entre idosos e educadores do SESC e entre estes e as crianças, cabe dizer que aqui são mencionadas porque também são relações intergeracionais no espaço da instituição. Esses educadores em geral são adultos jovens que dão aula a crianças ou a idosos. Os desentendimentos se dão na forma de contrariedades na condução das próprias atividades e no estabelecimento de horários e espaços para elas. De modo geral, essas questões são bem resolvidas pelo diálogo entre as partes envolvidas.

Em síntese, podemos dizer que os conflitos intergeracionais decorrem das contradições presentes nos próprios valores que fundamentam nossa organização social. No relacionamento com as novas gerações, forças opostas estão permanentemente em jogo. De um lado, a necessidade da preservação das tradições, de outro a necessidade da inovação frente aos novos desafios a serem enfrentados pela coletividade. Os conflitos se apresentam sob várias formas e nos diversos espaços sociais, principalmente, na família. Mas, da mesma forma que recolhemos relatos de situações conflituosas, também ouvimos histórias de cooperação e amizade entre jovens e velhos. Essas histórias nos fornecem alento e motivação para investirmos esforços rumo à construção de relações pacíficas entre as gerações. As atividades de lazer e outras formas de ocupação do tempo livre podem ser caminhos frutíferos. Disso trataremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – Caminhos para a superação dos conflitos. Cooperação e solidariedade. O lúdico como forma de socialização.

Os vários cenários para o encontro das gerações

O encontro de gerações pode se dar em diferentes espaços da vida social, como família, trabalho ou lazer. Se na família a proximidade compulsória tende a gerar atritos e divergências, no espaço do trabalho, outro local de encontro obrigatório, ainda que com menos intensidade, o mesmo acontece. Parece não haver muitas pesquisas sobre o relacionamento de gerações no trabalho. Em levantamento realizado na Internet encontrei breves e superficiais análises feitas por profissionais de RH sobre conflitos intergeracionais entre funcionários novatos e veteranos, assim como disputas pela administração da empresa entre familiares proprietários de pequenos ou grandes negócios. Sabemos que, assim como na família, no âmbito empresarial os mais velhos detêm mais poder e tendem a ocupar postos de chefia. Sabemos também que, dependendo de como alguém investido de autoridade exerce o poder, a possibilidade de ocorrência de conflitos aumenta ou diminui.

Outro fator ainda a considerar no universo empresarial é o da concorrência por melhores cargos que pode opor novos e velhos empregados. Nesse contexto de forte competição, os mais jovens podem, de alguma forma, pressionar seus colegas veteranos a se aposentar. Frequentemente empresas, através da concessão de alguns benefícios, estimulam aposentadorias precoces, em nome da necessidade de renovação de pessoal (que, em grande parte das vezes, apenas esconde a intenção de reduzir despesas com salários e encargos). Assim, muitos trabalhadores se

aposentam sem que o queiram e sem que tenham se preparado para essa ruptura, fato que geralmente prenuncia uma vida infeliz na velhice. Os programas de preparação para a aposentadoria no Brasil são raros, restritos a grandes corporações, atingindo principalmente estratos de classe média e funcionários executivos e não a grande massa de trabalhadores. A ausência ou a insuficiência de preparação para a aposentadoria e, mais amplamente, para o envelhecimento, podem gerar dificuldades psicológicas ao trabalhador, prejudicando a qualidade de suas relações interpessoais de modo geral e, é claro, também com as gerações mais novas.

Há ainda outros espaços sociais em que as gerações podem interagir, como comunidades religiosas, políticas ou de trabalho voluntário, conforme já apontado e analisado anteriormente. Sem as pressões do mundo do trabalho, em que a competição pode ser mais intensa, ou os atritos entre familiares, a convivência intergerações nessas outras circunstâncias pode ser facilitada e até se tornar produtiva. A qualidade dessas relações deve merecer cuidadosas pesquisas para que mais alternativas de aproximação sejam engendradas em trabalhos de intervenção comunitária.

Dissemos anteriormente que a sociedade contemporânea é caracterizada pelo distanciamento entre as gerações. Mas, há jovens que fogem à regra e mantêm contato com pessoas mais velhas em diferentes contextos. É o caso de uma das entrevistadas, Karina, 14 anos, que, além do contato com seus avós, participa das atividades de lazer no SESC com o pessoal da Terceira Idade e desde pequena pertence a uma comunidade religiosa juntamente com seus pais. Em depoimento muito descontraído, essa garota relatou várias amizades que desenvolveu com velhos e velhas que fazem parte desse grupo religioso, uma convivência longa e profunda:

Na minha igreja, tem uma senhora que se chama Cida, eu a chamo de Cidinha, ela é bem baixinha, muito amiga minha. Ela fala “Karina, canta!” porque eu canto bem alto no coro da igreja. Então, ela diz... “canta porque eu estou triste...” Ela é bem legal. Ela tem 70 e poucos anos... Eu a conheço desde quando eu era bem pequena, porque na minha igreja a maioria das pessoas que frequentam sempre estiveram ali desde criança, entendeu? Ah, tem outras idosas, tem a Dona Severina, a Dona Dorca. Essa dona Dorca tem 91 anos. Ela é bem velhinha. Ela fala que eu tenho que tomar chá de trepadeira para crescer (ri).

Outro contexto alternativo para o encontro de gerações (e, aliás, muito alternativo, considerando as atuais feições do cotidiano na sociedade globalizada e de consumo em que vivemos) é o do universo da cultura popular. Nas tradições populares os velhos possuem os conhecimentos necessários para a preparação e execução de rituais e eventos festivos de suas comunidades. Por isso, são vistos como importantes e são reconhecidos e prestigiados pelos jovens. No meio rural, nas cidades pequenas e em algumas periferias dos grandes centros urbanos, sobrevivem ainda festas comunitárias como as festas juninas, dentre tantas outras. Do pouco que restou de tais manifestações nas grandes cidades, o Carnaval, sem dúvida, se destaca. De fato, nas escolas de samba, ao menos nas mais tradicionais, os velhos compositores, puxadores de enredo, músicos ou assistentes são muito respeitados pelos mais moços. Recordo-me de um dos programas de TV da série “Gerações”, transmitido pela rede SESCTV. Em uma de suas matérias, uma garota, ao ser inquirida pelo repórter sobre seu futuro na Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, em São Paulo, não hesitou em dizer, “no futuro quero ser como o seu Nenê”, revelando sua profunda admiração por esse homem muito querido na comunidade e fundador dessa tradicional agremiação carnavalesca paulistana.

A família, grupo necessariamente multigeracional, é o primeiro e o mais comum *locus* do encontro de gerações. Sua importância para a socialização da criança é evidente. Por isso, o grupo familiar é, há muito tempo, exaustivamente estudado pelas ciências humanas, sobretudo pela psicologia. Vimos no segundo capítulo, por meio dos depoimentos que recolhemos, acompanhados pelas considerações de vários autores, que é na família onde mais freqüentemente se dão conflitos entre gerações. Desentendimentos entre pais e filhos, avós e netos, irmãos mais velhos e irmãos mais novos, compõe um quadro de relações ora solidárias, ora conflituosas.

No presente capítulo, nos propomos a refletir sobre formas e estratégias no enfrentamento de conflitos. Sujeitos da pesquisa e teóricos nos auxiliam na descoberta de caminhos para o apaziguamento das desavenças principalmente no âmbito familiar, embora tais cuidados, segundo me parece, se aplicam igualmente bem às relações intergeracionais estabelecidas em outros espaços do cotidiano, principalmente na esfera do lazer e das atividades culturais. Podemos pensar também que a aproximação bem sucedida de gerações em outros espaços sociais, como os de lazer, pode provocar uma positiva predisposição para a melhoria das relações familiares. Antes, porém, de nos debruçarmos sobre as potencialidades do lúdico para a integração de gerações, convém pensar de modo mais genérico nas atitudes que mais provavelmente favorecem não só a superação de conflitos, mas até sua prevenção.

Estratégias de aproximação: diálogo, alteridade e amizade

Quando buscamos caminhos para o apaziguamento das desavenças, pensamos em diálogo, que pressupõe ouvir e ser ouvido, e também em alteridade, situação em que o outro é percebido e considerado e, ainda, em amizade, fenômeno que implica gostar desse outro, ajudá-lo a ser feliz e se regozijar com seu sucesso.

Até aqui falamos de conflitos e de suas consequências. Consequências que podem ser positivas, como vimos no segundo capítulo, pois o conflito pode se constituir no motor da ação humana, tendo, portanto, um papel considerável no processo das transformações sociais. Mas, o conflito pode ter consequências devastadoras, se não for encaminhado com inteligência e sensibilidade, principalmente em favor dos mais fragilizados socialmente e, por isso, subjugados pela força. Tal empreendimento, obviamente, não depende apenas de um esforço individual. Muito mais que isso, exige uma ação coletiva rumo a uma reformulação das condições de vida de toda uma comunidade. Um dos caminhos dessa construção passa por ouvir o que as gerações têm a nos dizer a respeito de idéias de como lidar positivamente com os conflitos de geração para que, ao lado delas, conscientes e solidários, também ingressemos nessa mobilização.

Vários entrevistados apontam o caminho do diálogo para essa superação, ou ao menos, para a atenuação dos conflitos entre pais e filhos, como Rodrigo, o mesmo que em depoimento anterior nos disse que seu pai mudou de comportamento e nunca mais lhe aplicou castigos corporais: *“Acho que uma conversa pode resolver os problemas. Como acontece entre eu e meu pai. Ele não me bate, ele acha que com uma conversa ele vai ficar sabendo o que está acontecendo comigo e vai tentar resolver. Então, brigar*

nunca, conversar sempre” (Rodrigo, 12 anos). Sônia sugere o caminho do diálogo, mas coloca como condição importante que aquele que provocou a desavença reveja sua atitude e reconheça seu erro:

A melhor coisa, eu ainda penso que é conversar, é o diálogo muito franco. Se a gente souber falar o jovem nos entende. E se a culpa pela briga é da pessoa idosa, ela também tem que parar para pensar no que está fazendo. Eu mesma já fui chamada à atenção pela minha filha. Tive um desentendimento e comecei a falar alto com ela. Aí a minha filha me chamou a atenção e eu quando eu estou errada, eu assumo. E se eu falo com ela, ela também entende... já cheguei a falar: “Filha, não gostei disso. Ela entendeu e pediu desculpas” (Sônia, 66 anos).

Bruna, embora muito jovem, já valoriza a estratégia da negociação entre a criança e o adulto para se evitar conflitos em relação ao cumprimento das tarefas domésticas:

É... às vezes eu ajudo... quando dá. Mas, quando eu estou cansada eu falo assim: “Hoje não dá, não vou ajudar”. Aí minha mãe insiste e eu falo assim: “Eu vou brincar, daqui a 10 minutos eu volto para te ajudar” ou então, eu falo assim: “Eu lavo a louça para você e daí eu posso brincar?”. E ela fala: “Pode, mas primeiro arruma a louça, arruma seu quarto, alimenta os passarinhos”. Aí eu falo: “Ah, Tá bom”. (Bruna, 10 anos).

Apostando na força do diálogo, no potencial transformador que pode haver no conflito e considerando o lado saudável da contestação do jovem, Danilo Santos de Miranda (SESC, 2003), diretor do SESC SP, assim se expressa:

O conflito de gerações é um fato da vida humana, sempre existiu e sempre existirá. É saudável na medida em que não se transforma em embate. O conflito é a mola propulsora para o diálogo, a troca de idéias. Administrar um conflito não é impedir que ele ocorra, mas que ele reverta em transformação. É interessante reunir a rebeldia natural do jovem, com a maturidade e a experiência do idoso. É normal ao jovem a não-aceitação da autoridade paterna e materna, da autoridade do professor, a tentativa de buscar alguma coisa diferente e alternativa, um comportamento meio fora dos padrões e até marginal. Esse é um processo natural que deve ser administrado. É claro que não se pode permitir aquilo que se mostra anti-social ou perigoso. É o momento de estabelecimento de limites. (Entrevista para a Revista A Terceira Idade, n. 28, Set/2003, p. 99)

Para a poeta Adélia Prado (SESC, 2001) a aproximação das gerações passa pela superação do preconceito, que é recíproco entre velhos e moços, mas alerta que todos devem fazer a lição de casa. E acrescenta que independentemente da idade de cada um é preciso ver a pessoa:

Eu acho que aproximar gerações é exatamente trabalhar no sentido de que os preconceitos sejam extirpados da sociedade, o preconceito contra o velho e o preconceito contra o jovem também. À medida que você pessoalmente também trabalha (isso até começa dentro de casa) para eliminar esses preconceitos, estabelece um terreno de comunicação verdadeiro, começa a ter uma audição real do outro. Quando um velho fala, eu não estou lembrando que ele é velho, estou lembrando que ele é uma pessoa. Quando o jovem também dá lá sua birra, é uma pessoa dando birra. Então, você tem outro olhar para essas pessoas e essas situações (Entrevista com Adélia Prado para a Revista A Terceira Idade n. 23 Nov/2001, p. 80).

Certas pessoas idosas possuem facilidade para o contato social que, por extensão, as beneficia no trato com os jovens. Dona Aline, nos falou sobre seu jeito de lidar com os adolescentes com os quais ela se relaciona nos vários ambientes de um dos centros culturais do SESC.

Eu sou fácil de conversar com crianças e com jovens... converso e, às vezes, eles saem agradecendo, “Ah, isso que você falou, eu estava precisando ouvir”. Então, é gostoso... Eu puxo conversa. No ônibus... se der um jeitinho, eu converso. Aqui no Sesc eu encontro com as meninas lá dentro do banheiro, do toailete, elas estão sempre agitadas, falantes... Eu não sou intrometida, mas se der para conversar, eu converso. Elas são muito ativas, sabe? Elas são ativas demais, elas conversam, falam muita gíria... Nem dá para entender tudo (ri), mas alguma coisa dá para entender sim. Elas são fáceis de lidar, de conversar, de se entender. Eu sempre falo que num desentendimento, não se deve bater de frente não, Porque não adianta virar uma discussão e não chegar a nada, então, eu falo “converse, se não der para conversar dê um tempo, depois volte a tentar” (Dona Aline, 75 anos).

Dentre as estratégias apontadas pelos entrevistados para que sejam amenizados os conflitos está a coerência dos mais velhos em suas demandas às novas gerações, como assinala Dona Maria, 68 anos.

Eu acho que a falta de um bom exemplo impede que a criança acate uma solicitação do adulto. Por exemplo, uma senhora me disse que sempre falava para o neto: “Vá estudar, vá estudar” e o neto não a obedecia, mas acontece que esse neto nunca viu essa avó com um livro aberto (ri). É o exemplo, o exemplo é muito importante. Não adianta só ficar mandando.

Sobre importância de uma congruência entre a prática e o discurso dos adultos direcionados para os mais jovens, Marialice Foracchi (1972, p. 28-29)

aponta que estes se ressentem das contradições entre o que o adulto diz e que efetivamente faz. Infelizmente é frequente a decepção que têm os filhos com seus pais e mães por estes se comportarem de modo oposto às suas pregações e conselhos. Tal desarmonia vai aos poucos corroendo a confiança entre as gerações e inviabilizando a amizade entre elas.

Por falar em bom exemplo, vários adolescentes se aproximaram dos idosos em uma das unidades do SESC porque viram com simpatia o relacionamento deles com as crianças em uma atividade, é o que relata Amanda, sobre suas experiências profissionais. Ela nos mostra que as atividades intergeracionais podem ser contagiantes:

Na minha experiência a criança foi um meio de aproximação entre os idosos e os adolescentes, porque havia uma aproximação entre as pontas, havia uma reciprocidade... e, por isso, foi possível incluir as gerações intermediárias. A aproximação entre crianças e idosos, provocou a simpatia dos adolescentes, era uma graça, era uma... ali havia uma amorosidade muito grande e os jovens queriam isso também. Isso aconteceu em uma oficina de teatro. Geralmente são os idosos que sentem medo de serem rejeitados. Isso foi uma surpresa para mim porque eu estava esperando que viesse preconceito por parte dos jovens. Até veio, mas bem menos do que eu esperava. Eu tive apenas o depoimento de um rapaz de 21 anos que tinha receio de se aproximar dos idosos e ouvir que eles tinham mais experiência do que ele. E na verdade isso não aconteceu, foi muito diferente o que aconteceu. Então, tem esses receios do que um pensa do outro, mas quem colocou isso na cabeça deles? A sociedade, não é? (Amanda, educadora, 45 anos).

Os entrevistados, durante nossas conversas, espontaneamente mencionaram o valor da amizade como contraponto ao conflito. Dona Maria, 68 anos, destaca a importância do diálogo e da amizade, condições que não

se confundem com submissão às idéias do outro: *“Para amenizar o conflito é pela amizade mesmo, né? É aceitar... agora, não é aceitar tudo de mão beijada, não. Então, daí quando surge alguma coisa de conflito... tem que sentar e conversar”*. O respeito ao ponto de vista do outro e o reconhecimento das diferenças individuais não deve abalar a amizade, idéia assim tão bem traduzida por Simone Weil: *“É preciso que as diferenças não diminuam a amizade e que a amizade não diminua as diferenças”* (WEIL, 1996, p. 62).

O valor da amizade é objeto de reflexão desde a antiga Grécia. Em “Carta aos Amigos” ou “Carta VII”, Platão (2009, p. 13-44), já com 72 anos de idade, relata o episódio em que é chamado para mediar o conflito entre o tirano Dionísio de Siracusa e seu amigo Díon, líder siracusiano que guiado pela filosofia platônica almejava a construção de uma sociedade justa e democrática. Ao historiar os terríveis acontecimentos que determinaram a morte de Díon a mando de Dionísio, Platão expõe suas idéias que definem aquilo que entende por amizade, relação humana que, segundo ele, deve ser baseada na confiança, na solidariedade, na hospitalidade e no cumprimento de acordos e compromissos.

Simon Blackburn, considera que a amizade implica uma abertura para o outro, fato que representa um engrandecimento do eu. Segundo o autor, Aristóteles afirma o igualitarismo nas relações amistosas dizendo que, *“a pessoa excelente relaciona-se com seu amigo da mesma maneira que se relaciona consigo mesma, uma vez que um amigo é um outro eu; e assim, tal como seu próprio ser é digno de ser escolhido por si, o ser do seu amigo é de igual modo, ou de modo semelhante, digno de ser escolhido por si”* (BLACKBURN, 1997, p. 12).

Em *Ética a Nicômaco*, é também de Aristóteles a preocupação com a solidariedade entre as gerações. Considerando o que os velhos podem fazer pelos jovens e vice versa, pondera: *“amigos constituem um auxílio ao jovem a fim de protegê-lo do erro; aos velhos, para deles cuidar e suplementar sua capacidade de ação que lhes falta em sua fraqueza”*. (ARISTÓTELES, 2007, p. 235)

Outro texto clássico relativo ao tema é o de Cícero que em 44 AC escreveu *“A Amizade”*, a pedido de seu amigo Ático. O filósofo romano simula uma conversa entre Lélcio e seus jovens interlocutores, Caio Frânio e Quinto Múcio sobre o valor desse sentimento. Refletindo sobre inúmeros aspectos éticos, destaca a cumplicidade que caracteriza a relação entre amigos, que significa compartilhar segredos, sucessos e derrotas com suas correspondentes emoções. Aponta o desprendimento de quem é capaz de abrir mão de vantagens pessoais em nome da amizade. Reflete ainda sobre como ela pode ser corrompida pela ambição do poder ou pelo voracidade do lucro. A certa altura e a propósito do presente estudo, Cícero refere-se à amizade entre velhos e moços:

Essa afeição, no tempo de nossa juventude, nós a tivemos por homens velhos (...) Velhos, por nossa vez, encontramos uma forma de quietude na afeição dos jovens (...); na verdade, experimento igualmente um prazer genuíno na afetuosa assiduidade dos jovens (...) e posto que a vida e a natureza são articuladas de tal modo que uma geração suceda à outra, é acima de tudo desejável acompanhar os que partiram ao mesmo tempo que nós, e chegar com eles, como se diz, ao final da corrida. (CÍCERO, 1997, p. 143-144).

O poeta Thiago de Mello (SESC, 2009) também contribui com essa reflexão sobre a amizade, falando-nos acerca de seus sentimentos por um grande amigo:

“A amizade talvez seja o mais sublime sentimento, uma bela forma de amor... mas para o surgimento da amizade, eu acredito muito na presença da empatia - você encontra uma pessoa e não vai muito com ela... enquanto outra lhe encanta - um homem, uma mulher, ou seja quem for... Agora, no momento em que ela é construída, e a partir do encanto que a fez surgir, você trate de cultivar que vai dar flor. Eu, por exemplo, tenho um grande amigo, ele é escritor também, a gente já voou de ultra-leve, a gente brinca... é o Armando Nogueira - um dos meus escritores prediletos, ele é um dos amigos mais chegados... é meu confidente. Ele não publica nada sem me mostrar antes, e eu também. É tão bom ter um amigo...” (Entrevista com Thiago de Mello para a Revista A Terceira Idade n. 44 fev/2009, p.86)

Nesse exercício de reflexão sobre caminhos e cuidados a serem tomados para que se evitem conflitos entre as gerações ou, ao menos, que se os atenuem, convém considerar as palavras de Amanda, sobre a importância de se incluir os adolescentes na gestão dos problemas familiares. Frequentemente, aliás, os adultos desconsideram essa participação por entenderem que os adolescentes são seres inaptos e irresponsáveis. Amanda nos disse:

Eu percebo que a maneira como se constroem as relações é fundamental para um clima saudável. Principalmente quando aparece um conflito ou, por exemplo, quando surge uma doença na família... geralmente os adultos pegam esse problema de doença e o fecham no mundo dos adultos, deixando os adolescentes de fora... se, pelo contrário, os adultos incluíssem os jovens, seria outra situação. Então, na hora de resolver, de trocar idéias, fica mais fácil que aquele jovem

acate quando a família o traz para ajudar a resolver a dificuldade. É interessante passar responsabilidade para ele, dizendo a ele, por exemplo, “olha enquanto eu vou à farmácia comprar o remédio, fica aqui tomando conta dele, observa isso, observa aquilo...” Incluir o jovem é desenvolver a solidariedade. E quando se precisar resolver um outro problema, um conflito de idéias, as coisas ficam mais fáceis. (Amanda, 45 anos, educadora).

A imagem de irresponsabilidade que os adultos tem dos adolescentes, dificulta e até mesmo inviabiliza uma participação mais efetiva do jovem na vida familiar. Luciana, 16 anos, desabafa e reclama que sua mãe a considera pouco responsável e se sente injustiçada, pois afirma que se preocupa sim com o seu futuro:

Minha mãe acha que eu tenho a cabeça relaxada e que eu sou calma demais... e eu não sou bem assim. Eu fico bem preocupada com as coisas... minha mãe acha que eu sou molenga e relaxada com a vida, mas eu não estou assim. Não estou assim mesmo!... Ela acha que eu não estou preocupada, mas eu estou preocupada. Às vezes, eu penso: “Meu Deus, o que eu vou fazer da minha vida, se eu não passar no vestibular”!

De outra maneira e dentro de outro contexto, o das relações entre o educador do SESC e seus pupilos adolescentes, Vera, 38 anos, ao responder sobre se houve resistência da parte dos adolescentes em interagirem com os idosos nos grupos que coordena, responde que não e enfatiza a importância de se passar ao adolescente a responsabilidade e a liberdade de fazer escolhas:

“Quando a gente relata o nosso trabalho em congressos, as pessoas nos dizem: “Nossa, por que vocês não tem dificuldade em trabalhar com adolescente?”. Eu respondo que eu não acho adolescente a faixa etária mais fácil de se trabalhar. Mas, é que os adolescentes do nosso programa

realmente são fáceis de serem trabalhados e eles são muito dispostos. Isso porque eles têm a opção de vir fazer a inscrição, entendeu? Quem faz a inscrição do adolescente é ele mesmo! A gente não exige nem que os pais venham. Eles é que fazem a própria inscrição. Aí eu penso assim: uma pessoa que vem procurar um projeto para participar, vai oferecer alguma resistência às atividades que são propostas? Dificilmente, não é?”

A mesma entrevistada reflete sobre como os adolescentes são incompreendidos. Comenta que, ao contrário do que pensam os adultos, que os consideram irresponsáveis, em muitas conversas com os adolescentes que ela atende, eles relataram episódios em que externaram gestos de solidariedade com seus amigos. Um tipo de ocorrência nesse sentido é o de socorrer o amigo que passa mal por excesso de bebida alcoólica. Vários adolescentes contaram à professora que, em vez de levarem o amigo alcoolizado para casa dele, preocupados que estavam com sua segurança física e emocional, o levaram para suas residências. Curiosamente, hospedaram-no clandestinamente, pois realizaram essa ajuda sem que seus próprios pais soubessem, temendo incompreensão e delação aos pais do amigo.

Ilustrativo também é o comentário dessa mesma professora sobre a disposição dos adolescentes para o diálogo, atitude pouco percebida pelos adultos. Vera conta que aplicou uma espécie de jogo em seus alunos, no qual uma série de frases foi apresentada a eles, para que escolhessem aquela que julgassem a mais importante para a resolução de um problema. A escolhida foi “*o melhor é conversar*”. Essa experiência foi apresentada por ela em um congresso. Ela, então, perguntou aos educadores presentes quais teriam sido as respostas mais frequentes dos jovens. Nenhum desses professores mencionou a opção mais votada. Se até educadores parecem ter dificuldades para perceber gestos de desprendimento por parte dos

jovens, ficamos a imaginar o quanto essa percepção deve ser rara entre os adultos de um modo geral.

Vivemos um difícil período de violência em muitas escolas brasileiras, crianças e adolescentes ameaçam a integridade física e psíquica de professores e, por vezes, chegam às vias de fato. Como num alentador contraponto a essa situação desoladora, em outro momento da entrevista, a professora Vera reforça o comentário anterior, sobre o comportamento pacífico das crianças e dos adolescentes que atende, explicando que aprenderam a discutir os conflitos na chamada roda de conversa, prática de seu cotidiano de trabalho:

É muito raro, mas existe entre eles o desejo de resolver as questões pela força. É o gritar, o xingar, a agressão verbal ou física. Mas, normalmente eles aceitam a forma de resolver na conversa. É porque existe essa prática de se conversar em roda, essa prática do questionamento. Então, eles já estão acostumados, eles sabem que terão oportunidade para falar e esperam a sua vez de argumentar.

Para que o diálogo se estabeleça é preciso construir uma ponte de comunicação. Sobre como se comunicar com os jovens, Martha Pannunzio (SESC, 2008), professora, militante política e premiada escritora de literatura infantil, que trabalha junto a crianças pobres de Uberlândia, MG, assim se pronuncia:

O neto tem mais o que fazer do que dar atenção para o idoso ou para a avó, ou para o avô, ou para a tia, seja para quem for. E o que o idoso tem para contar também não tem graça nenhuma porque o processo civilizatório é tão violento, que ele precisa muita emoção para entreter o jovem, que liga a televisão, liga o videogame e se diverte. Então, as histórias que a gente tem para contar são histórias pra boi dormir, meu

Deus! O jovem não tem paciência ainda. Mas o idoso tem que aprender ele tem que ocupar esse espaço da conversa. Ele tem que se colocar, sim. Se ele tem verdade para dizer, ele vai ter espaço. Mas se ele vier enganando, e choramingando, aí acabou, meu filho, não tem público. Não tem relacionamento familiar que tenha prazer no convívio com gente que se lamenta permanentemente, que chora, que reclama. (Entrevista Martha Pannunzio para a Revista A Terceira Idade n. 41 Fev/2008, p. 80).

Sobre a possibilidade da comunicação entre as gerações diz Simone de Beauvoir ao refletir especificamente sobre a relação avós e netos:

“Quando os netos se tornam adolescentes ou adultos, nada, em sua história anterior pesa nas relações que mantém com seus avós. Estes últimos encontram, na afeição que os netos lhes manifestam, uma desforra contra a geração intermediária; sentem-se rejuvenescer ao contato de sua juventude. Fora de qualquer ligação familiar, a amizade dos jovens é preciosa para as pessoas idosas: ela lhes dá a impressão de que esse tempo em que vivem permanece o seu tempo, ela ressuscita sua própria juventude, transportando-os para o infinito do futuro: é a melhor defesa contra a melancolia que ameaça a vida avançada. Infelizmente, tais relações são raras, uma vez que jovens e velhos pertencem a dois mundos entre os quais há pouca comunicação” (BEAUVOIR, 1990, p. 532).

Essas colocações nos fazem pensar sobre a pressão que há hoje em dia para que os velhos se atualizem para de alguma forma se “adaptarem” a esse mundo em nome da melhoria de sua qualidade de vida. Mas, se, por um lado, estar atualizado com o que acontece no mundo, faz do idoso uma pessoa com mais condições de dialogar com o jovem, por outro, percebemos que o jovem pode vir a se interessar também pelo universo de vivências do idoso, sobre o conteúdo de suas lembranças. Recordo-me de diversos

relatos que ouvi de pessoas idosas satisfeitas com as conversas agradáveis que tiveram com seus netos, crianças ou adolescentes, em volta, por exemplo, de um álbum de fotografias da família. Ouvir histórias familiares pode ser interessante ao jovem que parece ter certa curiosidade em saber do passado de parentes vivos ou falecidos. Assim, esse pode vir a ser um interessante mote para um bom bate papo.

O velho também pode ser interessante por sua forma de encarar a vida, por suas habilidades, por suas atitudes, pelas soluções que dá aos problemas cotidianos. Até suas necessidades de cuidados podem ensejar a consolidação de vínculos afetivos com seus netos cuidadores. Ao longo desta pesquisa e de minha vida profissional coligi relatos de felizes momentos vividos por avós e netos, numa eloquente afirmação do poder da amizade entre as gerações que aqui estamos analisando. Tais experiências foram profundamente marcantes do ponto de vista dos netos. Convém ouvi-los.

O sr. Lineu (85 anos) foi o entrevistado mais idoso desta pesquisa. Atualmente frequenta com muito entusiasmo um grupo intergeracional do SESC no interior de São Paulo e se diverte muito com as crianças nas variadas atividades físicas que constituem os chamados Jogos Cooperativos empregados nesse grupo. Além de me relatar os bons momentos que compartilha com as crianças do SESC e com seus muitos netos, o sr. Lineu contou-me de suas lembranças de garoto quando se relacionava com seus próprios avós, naturalmente há muitos e muitos anos atrás. O tempo transcorrido, no entanto, não embaçou suas evocações que continuam vívidas em sua mente. Disse-me ele: *“Os meus avós eram muito bons comigo, eram carinhosos demais! Eu fui o primeiro neto... eu era o xodó da casa. Com o meu avô materno eu tive uma convivência muito boa. A gente*

brincava muito... Ele me ensinava arte. O meu avô era cozinheiro nas festas, ele gostava de cozinhar e gostava de cantar... ele pegava as crianças para andar de carrocinha... ele era muito alegre”.

Bruna, 10 anos, declarou-me o que procura no contato com os adultos. Além das histórias familiares, a sensação de ser compreendida e de ser objeto do amor da avó é fundamental para solidificar uma relação afetiva:

Ah, eu acho bom conversar com os adultos porque a gente pode se interessar mais pelas coisas que eles fazem e a gente pode aprender mais sobre isso. Então, é bom. Minha avó é a que mais me escuta. Daí eu vou perguntando para ela como foi, desde o meu nascimento até agora. E ela conta um pouco de história das pessoas, como é que foi, como é que era, e a gente fica curiosa para saber a história da nossa família. Eu encontro como ela praticamente todos os dias, daí fico escutando o que ela fala, ela dá palpite sobre o que tá legal ou não... ela é quem mais me entende. Quando eu estou triste, eu pergunto coisas para ela: “Por que aconteceu isso...?” Daí a gente fica conversando e eu esqueço a tristeza.”

Por outro lado, a despedida definitiva da avó, após um convívio muito intenso e recheado de muita ternura, constitui em um momento muito sofrido na vida do neto, um luto de difícil reparação:

Eu tinha onze anos quando minha avó materna morreu. Minha avó, ela me mimava demais e... depois de um ano eu ainda chorava a morte dela, me trancava no quarto... e olhava as caixinhas de jóias dela e lá tinha uma foto dentro, uma foto 3x4. Aí eu ficava olhando a foto dela, chorava e fechava a caixinha e ficava chorando no escuro. Minha mãe também sofreu muito. E... da família quem sofreu mais foi minha mãe e eu. (fala muito emocionada) Mas, meus parentes deram muita força (Luciana, 16 anos).

Ao ser inquirido sobre sua relação com seu avô Joaquim, o poeta Thiago de Mello (SESC, 2009) fala do carinho e do respeito que marcou essa relação. Conta também sua admiração por esse homem, profundo conhecedor da natureza e dos mistérios da floresta amazônica. Relembra um episódio que expressa fortemente o cuidado desse velho com o neto e o impacto neste com a inesperada declaração de amizade:

No meu livro “Manual do amor de memória” conto um episódio em que meu avô mentiu. Ele, cego, eu o guiava - e eu distraído por causa do papagaio (que estava aprendendo a empinar orientado por ele), era ele que estava me guiando – e, de repente, ele caiu! Nós estávamos próximos da casa do meu tio que era um homem bastante severo – e que veio gritando comigo, já querendo me bater, porque ele viu que eu deixara meu avô cair. Meu avô lhe disse: “O meu neto disse que havia uma vala, e nele ninguém toca, ele é meu amigo.” Eu pensei: “Puxa, meu avô me chamando de seu amigo!?” - eu não sabia direito o que era, eu só tinha 11 onze anos. (Entrevista com Thiago de Mello para a Revista A Terceira Idade n. 44 fev/2009, p.77-78)

Renata revela o relacionamento positivo com sua tia, que era para ela uma avó protetora e confidente de seus namoros, além de pessoa muito dedicada às crianças:

A minha tia foi a companheira da minha mãe, foi a “mãe” da minha mãe, foi a minha “avó” e estava em sempre casa. Numa ocasião, minha mãe ficou muito doente e essa tia foi quem cuidou da gente e ficou conosco até morrer. Ela gostava de cuidar de todas as crianças que nasciam na família, ela ia para a casa da mãe da criança e ficava com a mãe da criança até os quatro meses, para ensinar como cuidar da criança, como dar banho, ela tinha toda essa relação com criança, apesar de não ter tido filhos, mas o fato mais marcante entre nós duas foi quando comecei

a namorar. Ela foi a primeira a saber, eu não contei para ninguém, eu não contei nem para meu pai, nem para minha mãe, só para ela. Ela era minha confidente, ela torcia para dar certo o namoro... e, às vezes, eu tinha que sair para me encontrar com ele e ela era a minha cúmplice. Eu ia escondida. Isso foi o máximo para a nossa relação. (Renata, 40 anos, educadora).

A longa e intensa convivência com os avós é relatada por Flávio, educador do SESC. O carinho por eles marca toda sua narrativa. Pequenos detalhes do cotidiano deixam doces e indeléveis recordações. Algo que o impressionou foi a capacidade de trabalho de seus velhos na labuta diária da família:

Eu tenho uma história bem bonita com os meus avós. Eu tinha um carinho muito grande pelo meu avô paterno, ele era um auto didata, uma pessoa muito inteligente, lia muito jornal, entendia muito de política, finanças... eu sentava sempre muito em frente da mesinha dele e ficava “infernizando”... e eu era muito falante, não tinha controle... ele olhava para mim, é uma coisa que eu nunca esqueço, ele falava “Olha, pára, pensa no que você vai falar, você só fala besteira!” (ri)... porque eu era terrível. E eu tinha um respeito muito grande por ele... Minha avó materna era aquela avó mineira que faz queijo, que mata porco, então a gente sempre teve sítio, então, eu via aquela avó que tinha aquela força. Porque é um trabalho extremamente braçal. Hoje as pessoas têm faxineira que limpa a casa da gente... a dona de casa até conhece alguma coisa de prendas domésticas, mas não é como era antigamente, eu vi minha avó colher paina para fazer travesseiro, eu vi minha avó matar porco, bater a manteiga... muito trabalho... eu até ajudei, para dar o ponto e punha gelo e eu ajudava a bater, ela fazia queijo e vendia leite... então, a casa da minha avó era aquela coisa, vinha gente buscar leite, era um sítio, tinha gente para buscar queijo... colhia milho... a família inteira fazia pamonha... eu lembro de uma integração geracional... por exemplo, eu era quem tirava o cabelinho do milho, o

meu pai era quem ralava o milho, cada um tinha uma função para fazer a pamonha. A minha avó ia lá só para temperar, porque ela é quem sabia do tempero da pamonha salgada, ela auxiliava na montagem dos saquinhos que as minhas tias costuravam, as filhas delas amarravam... era assim uma convivência muito "louca", com os meus velhos trabalhando muito mesmo! (Flávio, 42 anos, educador).

Outra entrevistada rememora alguns momentos vividos junto ao seu avô que curtia a natureza. Com ele Amanda aprendeu a respeitá-la, preservando o meio ambiente. Recentemente, como herança dessa positiva influência está desenvolvendo um projeto que une idosos e crianças na defesa do meio ambiente em uma grande cidade do interior paulista:

Quem me ensinou a mexer na terra foram meus avós porque meus avós tinham sítio. E quando eu era muito criança, o meu avô me ensinava a puxar a cenoura da terra... a beterraba... como puxar a alface sem estragar nenhuma folhinha... como aguar, como matar os bichinhos, as lagartas... E como eu tenho essa afinidade com o meio ambiente, eu lembro da minha infância... esse cuidado com a terra e o quanto isso é vivo na minha memória... o meu avô, quanta sabedoria que ele tinha! Quanta coisa boa que ele me ensinava... Quando se fala de meio ambiente, eu lembro muito da minha infância, como era prazeroso escutar histórias do meu avô. O meu avô é neto de índios. Então, tem uma relação muito forte com a natureza... ele sabe a hora em que vai chover, a hora que vai amanhecer, a planta certa para plantar, a planta que se deve colher. Na horta, eu lembro até da maneira dele agachar para mostrar as coisas para mim, de como tirar o ovo do ninho da galinha e não perturbar ela... eu lembro a expressão do rosto... aquela voz gostosa... o quanto que essa troca intergeracional era prazerosa. Então, eu pensei recentemente: "Vou fazer um projeto unindo dois temas maravilhosos: meio ambiente e gerações" (Amanda, 45 anos, educadora).

Com sua avó, Amanda viveu uma relação muito intensa, principalmente, quando teve que cuidar dela numa fase de dependência física mais acentuada. Ela fala dos cuidados que tinha para com a avó, da relação do estreito contato corporal e emocional entre as duas e de seus sentimentos:

Com a minha avó paterna eu tive uma relação de envelhecimento mesmo. Porque ela se aposentou, ela era professora, ela tinha amnésia e cada vez mais ficava com debilidade física e eu estava me formando em educação física nessa ocasião. Tudo o que eu estudava eu associava a ela. Eu dizia para ela que ela precisava fortalecer os dedinhos dos pés. Então, eu passei a ter uma relação muito corporal com ela.. Cuidava dos pés dela, ensinava a respirar. Até que ela caiu e não andou mais. Então, eu passei a carregá-la no colo. As filhas delas, as minhas tias, tinham dificuldade de lidar com o envelhecimento dela. E como eu morava com ela, eu cuidava muito dela, dava banho, a transportava, acompanhava as consultas médicas, a fisioterapia, para tentar recuperar o andar dela... fazia crochê, tricô junto com ela. Comprava as lãs, as linhas, ela gostava de fazer palavra cruzada por causa do problema da memória... inclusive faço palavra cruzada até hoje porque ela me ensinou. Então, eu tive um relacionamento corporal e intelectual com ela. Ela me contava histórias de quando eu era criança. Quando eu morava perto dos meus avós maternos, eu ia passar as minhas férias com os avós paternos. Nessa época, a minha avó paterna me contava histórias, “Reinações de Narizinho”, “Sítio do Picapau Amarelo”... então, houve com ela uma relação cultural, intelectual, corporal. Eu lidava bem com o envelhecimento dela porque eu acho que direcionei sempre a minha mente para buscar mais, para entender mais o ciclo da vida.

Vários narradores demonstraram o quanto foram atentos ao comportamento de seus velhos. Das observações que estes lhes fizeram, tiraram proveito para seu desenvolvimento cognitivo e emocional. O respeito aos velhos foi forjado em expressivos momentos de uma convivência amorosa com pais, avós e tios desde seus anos de menino. Talvez também por isso, Flávio e Amanda demonstraram em seu exercício profissional, habilidade e sensibilidade no trato com crianças, jovens e velhos e em atividades que buscaram aproximá-los. Mais adiante, discuto o perfil e a formação do educador responsável pela integração de gerações. Possivelmente experiências de infância positivas como essas, sejam importantes para municiar esses professores para seu exercício profissional.

Tais considerações fazem pensar que a boa convivência no cotidiano familiar depende de uma atenção mais acurada sobre as expectativas e as necessidades do outro. Essa questão merece ser bem pensada. A atenção pode ajudar muito no processo de aproximação junto às pessoas com as quais vivemos e na construção da amizade. A atenção ao outro exige desprendimento para que se possa atingir um estado de contemplação isento de críticas apriorísticas, geralmente fundadas em julgamentos apressados e preconceituosos. Em vez disso, um olhar movido pela curiosidade e pela promessa da descoberta, parece um melhor caminho. Tal atitude implica em certo esquecimento de nós mesmos ou, dito de outra forma, de um certo desapego. Ponderações semelhantes a estas sobre o tema da atenção foram feitas por Simone Weil, filósofa, professora, operária e militante de esquerda, inspirada pelas milenares tradições do Oriente. Simone é pensadora que teve suas idéias muitas bem traduzidas e generosamente divulgadas entre nós por Ecléa Bosi (2003b, p. 11-20). O exercício de observar o outro não deve ter o sentido da vigilância ou da procura pelo erro alheio, mas a intenção de conhecer o outro. Para isso é

preciso amá-lo. Não apenas as relações intergeracionais se beneficiam da atenção ao outro, mas, obviamente, todos os relacionamentos humanos. Os educadores e os pesquisadores da área social, especialmente dela se beneficiam em seu exercício profissional.

A socialização nas atividades de lazer e da cultura

O presente estudo almejou desenvolver uma reflexão sobre as possibilidades de integração intergeracional no âmbito das atividades de lazer. Lazer que pode ser exercido individualmente, mas frequentemente permite o compartilhamento de saberes e de emoções, configurando um interessante momento de aproximação das pessoas. No capítulo anterior abordei vários possíveis fatores relacionados à eclosão de conflitos entre indivíduos mais jovens e mais velhos, conforme impressões recolhidas por mim e por diversos autores. Os depoimentos obtidos de pessoas de diversas idades foram cruciais para lançar algumas luzes sobre o fenômeno. Deparamo-nos agora com o desafio de pensar até que ponto momentos lúdicos podem amenizar ou mesmo superar a distância entre as gerações.

Convém, então, tecer algumas considerações sobre como o lazer é entendido e quais seus significados mais comuns nos dias de hoje. Segundo Antonio Houaiss (2001, p. 1733), lazer é o *tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas*. O lazer é objeto de concepções restritivas e até mesmo negativas. Por vezes ele é visto apenas como ócio, passatempo ou diversão, sinônimo de preguiça ou de “jogar o tempo fora”. Alguns, equivocadamente, o percebem como privilégio de classe, embora, sob diferentes formas, esteja presente em todas os segmentos sociais. Conservadores o vêem como um fator de alienação, uma espécie de

“narcótico social”. Religiosos extremados consideram-no fonte de muitos males, baseados no conhecido ditado “mente desocupada, oficina do demônio”. Tais pensamentos revelam uma moral conservadora em que prevalece uma supervalorização do trabalho concomitantemente a uma repressão ao prazer.

Para Magnani (1984, p.11), antropólogo pioneiro no estudo do tema entre comunidades pobres da periferia de São Paulo, embora o lazer integre o dia a dia das pessoas e forme o lado mais agradável de sua rotina, não é poupado de atitudes preconceituosas. No entendimento do autor, o lazer é visto sob suspeição inclusive quando se busca refletir sobre seu significado, já que muitos acadêmicos não vêem nele importância como tema de pesquisa científica, quando comparado a outros assuntos, como o trabalho ou a política.

Muitos especialistas, porém, concordam que o lazer constitui importante fator de humanização da cidade, do trabalho e das relações sociais em geral, além de favorecer o desenvolvimento ético, cultural e artístico de todos os que aprendem a usufruí-lo. Em suma, o tema provoca a emergência de posicionamentos freqüentemente díspares e até contraditórios. Há, assim, uma divisão de opiniões caracterizada por aqueles que o consideram o tempo mais rico da expressão pessoal, e por outros para os quais, ao contrário, é um momento eivado de manipulação e até de repressão da personalidade.

Diante dessa diversidade de posturas, muitas delas ideologizadas e pouco científicas, é preciso parcimônia na análise do comportamento lúdico. Paulo de Salles Oliveira (1997, p. 11-14), fundamentado na obra *Critique de la vie quotidienne* de Henri Lefebvre nos mostra que o lazer pode se

apresentar como uma saudável ruptura de um cotidiano marcado pela fadiga e tensões, transtornos frequentemente encontrados no trabalho e nas relações familiares. Todavia, sob a égide da ideologia consumista, utilitarista e opressiva do capitalismo sob o qual vivemos, o lúdico pode também se colocar a serviço da alienação de valores que dignificam e dão sentido à vida humana. Para a superação desse estado de coisas é imperiosa a constituição de um projeto coletivo, *“horizonte que se visualiza como conquista, e que, para ser logrado, requer compromissos partilhados por todos os homens numa difícil travessia desalienante”* (OLIVEIRA, 1997, p. 14).

Uma idéia mais precisa sobre o sentido do lazer, talvez implique em pensá-lo como um tempo liberado de qualquer tipo de imposição ou dever e no qual a realização pessoal deva ser o fim último, seja para o simples descanso, para a diversão ou para o desenvolvimento cultural. Joffre Dumazedier, sociólogo francês, pioneiro da chamada sociologia do lazer e que nos anos 80 assessorou o SESC SP no estabelecimento de políticas culturais para a instituição, nos dá uma visão da abrangência do lazer e as várias formas com que se apresenta: *“O lazer concerne a um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: lazeres físicos, práticos, artísticos, intelectuais, sociais...”* (1999, p. 92)

A partir das definições que apresentamos creio que fica bem delineada a possibilidade de uma educação pelo lazer. Por meio das atividades de lazer, pessoas de todas as gerações têm a oportunidade de uma “educação nas coisas”, expressão cunhada por Herbert Head (1986, p. 48-61), ou seja, uma educação pelos jogos ou pela arte, que distingue a diversão ativa, o esporte amador ou um curso livre de teatro, por exemplo, de um

entretenimento passivo, como assistir TV. Para Head, o entretenimento é formado por ingredientes de uma dieta pobre que não alimenta e da qual logo esquecemos. A “educação nas coisas” é algo que implica um contato direto com os objetos e não apenas um manejo com as representações destes, característica constitutiva do modelo intelectualista de educação. Para essa tarefa, Head vê nas artes um papel fundamental. Para ele, é preciso viver a arte, se quisermos ser permeados pela arte. Por intermédio de atividades, explica, como tocar um instrumento, pintar, dançar, etc, passamos a ter mais influência sobre nossa mente e nosso corpo.

O ideal é combinar liberdade e trabalho, transformando trabalho em diversão e diversão em trabalho, defende Head. Completa o autor, *“Quando o que fazemos é o exercício da habilidade e da imaginação humanas em todos os campos do trabalho humano, então as diferenças entre trabalho e diversão, entre arte e indústria, entre profissão e recreação, entre os jogos e a poesia – todas essas distinções desaparecem. O ser humano se torna ser humano total, e seu modo de vida uma contínua celebração de sua força e imaginação”* (HEAD, 1986, p. 61).

Nas grandes cidades do mundo moderno a fruição do lazer é dificultada por sérios obstáculos. Os espaços coletivos servem principalmente para o trânsito de pedestres e veículos. As ruas e as praças tornaram-se locais de passagem. Se nem há tempo e motivação para a mera contemplação do entorno em um passeio de *flâneur*, que dizer da convivência ou, ao menos, da mera conversa entre vizinhos? Por uma série de razões, como especulação imobiliária, ausência de uma participação popular na gestão da cidade e dos bairros, aumento da violência urbana etc, o fechamento de vias para a realização de eventos, como carnaval, festas juninas e outros folguedos, é cada vez mais raro. Principalmente quando tais

iniciativas partem da própria comunidade sem interferências dos chamados poderes públicos que, muitas vezes, agem com indisfarçáveis finalidades eleitorais.

Brenner, Dayrell e Carrano (2005, p. 178-179) baseados na pesquisa *Informações básicas municipais* (MUNIC), do Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE) de 2001, comentam a baixa disponibilidade de equipamentos de lazer nos 5.560 municípios brasileiros. As bibliotecas constituem o equipamento cultural mais encontrado, pois está em 79% das localidades, mas menos da metade dos municípios possuem livrarias. Cinemas estão presentes em apenas 8% das cidades, os teatros em 19% e os museus, em 17%. No entanto, as emissoras de TV possuem um alcance impressionante. A principal rede chega a 98% dos municípios, o que nos dá a idéia da influência desse veículo na formação ou na “deformação” cultural do povo brasileiro. A referida pesquisa ao mostrar o crescimento de alguns equipamentos culturais, como provedores de Internet e lojas de discos, revela um novo padrão de desigualdade social em decorrência do desigual acesso da população aos aparelhos eletro-eletrônicos que servem de suporte às novas mídias e tecnologias digitais. Além das desigualdades na oferta de lazer e cultura entre cidades pequenas e grandes, a pesquisa nos informa sobre as desigualdades dentro dos grandes centros. Os brasileiros das periferias, dos bairros populares, das favelas são quase que completamente desprovidos de equipamentos de lazer e cultura. Estes se encontram em bairros de classe média ou alta, de difícil acesso físico e psicológico a pessoas pobres.

Mesmo assim, clubes, associações de bairros e centros culturais ainda que insuficientes para atender a uma forte demanda, principalmente das regiões mais carentes, têm se constituído como uma alternativa às

dificuldades de ocupação dos logradouros públicos para o lazer. Caracterizam-se como espaços administrados tanto pela iniciativa privada, quanto pelo poder público. Foi numa instituição cultural que oferece atividades de lazer a pessoas de todas as idades, o SESC São Paulo, que realizei a presente pesquisa. A propósito do que dissemos sobre as possibilidades de um lazer educativo, é pertinente comentar que as chamadas instituições culturais são entidades de educação não-formal, conforme analisamos em outro trabalho (FERRIGNO, 2009, p. 271 a 287).

A educação formal, como sabemos, compõe o sistema de ensino que visa principalmente a profissionalização, exigindo do aluno frequência obrigatória às aulas e realização de provas e trabalhos como instrumentos de avaliação, para a passagem a outras etapas, além da certificação através de diplomas.

Por sua vez, a educação não-formal, promovida pelos centros de lazer, tem suas condições descritas pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2008, pág. da Internet). Esse órgão, pertencente ao Ministério da Educação do governo brasileiro, esclarece que educação não-formal é toda a atividade ou programa organizado fora do sistema regular de ensino e constitui um tipo de educação ministrada sem se ater a uma sequência gradual e que não leva a graus ou títulos, embora seja um programa sistemático e planejado. Destaca que a educação não-formal pode ocorrer dentro e fora de instituições educacionais e que pode atender a pessoas de todas as idades. Assim, um programa intergeracional de lazer educativo, além da promoção do encontro de gerações, possibilita a expansão do universo cognitivo de todos envolvidos nesses processos.

Além da educação formal e da não-formal, temos a educação informal. Diferentemente das duas primeiras em que há uma instituição promotora da ação educativa, a educação informal ocorre no cotidiano das relações interpessoais. Para o INEP (2008, pág. da Internet), trata-se de um *“processo educativo assistemático que ocorre em meio à família, ao ambiente de trabalho, a partir da mídia, em espaços de lazer, entre outros, e resulta no desenvolvimento de conhecimentos e valores e que abrange todas as possibilidades educativas, no decurso da vida do indivíduo, construindo um processo permanente e não organizado”*. Foi a observação dessas espontâneas trocas de conhecimento entre as gerações durante as atividades intergeracionais do SESC São Paulo, que nos permitiu concluir pela possibilidade concreta de uma co-educação entre gerações (FERRIGNO, 2003). Com essas ponderações de natureza conceitual sobre o lazer quis mostrar que ao defender o lazer como estratégia de aproximação entre as diversas gerações, estou me referindo a um processo que é acima de tudo educativo, não apenas recreativo.

As possibilidades do lazer e das atividades culturais na aproximação das gerações. Algumas experiências significativas.

A riqueza de conteúdo das atividades de cultura e lazer constitui um precioso arsenal de possibilidades à disposição dos educadores para aproximar gerações. Desde a implantação do programa SESC Gerações, em 2003 até o momento, inúmeras experiências tiveram lugar nas unidades da instituição, espalhadas pela capital e pelo interior de São Paulo. É bem verdade que nos centros culturais como os do SESC, sempre houve oferta de atividades normalmente abertas a todas as faixas etárias. Todavia, refiro-me aqui àquelas intencionalmente construídas para integrar gerações.

A mais antiga experiência de que tenho conhecimento ocorreu no SESC em 1977, a partir de uma pesquisa sobre brinquedos populares. Idosos foram convidados a desenvolver suas habilidades em oficinas de criatividade. Posteriormente em um evento chamado "Encontro de Gerações", realizado em comemoração à Semana da Criança, esses velhos assumiram o comando de uma oficina, ensinando às crianças a confecção de brinquedos artesanais. Essa experiência possibilitou uma interação muito rica entre velhos e crianças e estimulou a criação de oficinas de criatividade em vários centros de atendimento da Capital e do Interior.

Com o objetivo de restabelecer a comunicação entre velhos e crianças, o SESC da cidade de Ribeirão Preto, interior paulista criou no início dos anos 80, um grupo de teatro de idosos, "Os Contadores de Histórias". A partir de estórias e lendas da época de suas infâncias, os idosos escolheram o teatro de bonecos para atenuar o constrangimento de enfrentar um palco, pois caracterizados em fantasias, puderam ocultar suas identidades. Tal estratégia serviu também para surpreender o público, pegando as crianças de surpresa ao descobrirem seus próprios avós como atores, ao final do espetáculo. O grupo escolheu os personagens, elaborou o texto, confeccionou as máscaras, o vestuário e a trilha sonora. Durante e depois das apresentações a interação com as crianças foi muito intensa. Em decorrência do sucesso alcançado, esse e outros grupos de teatro formados por idosos passaram a ser convidados para se apresentar em creches, orfanatos, escolas, pré-escolas, comemorações de Dia ou Semana da Criança, Natal, feiras populares, festivais de teatro, entre outros eventos. Ainda na área teatral, em 2001, no SESC Consolação, São Paulo, uma interessante experiência juntou as oficinas de teatro de adolescentes com a oficina de teatro de idosos. Durante meses, adolescentes e idosos se encontraram para estudo e seleção de textos de grandes dramaturgos e,

posteriormente, para os ensaios e apresentações. Tive a oportunidade de observar pessoalmente tanto os preparativos, quanto às apresentações. Pude constatar a riqueza desse processo de integração de gerações.

Também tendo por conteúdo a contação de histórias, o SESC Nacional implantou em vários estados brasileiros o projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais”, que busca a aproximação entre idosos, estes na condição de narradores, e crianças por meio da literatura infanto-juvenil. Nessa mesma área, o SESC Santo Amaro, São Paulo, promoveu em 2004 um concurso literário que, através da temática proposta, estimulou a reflexão das crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estimulou os mais velhos a pensarem nas gerações mais novas.

As áreas de fotografia e vídeo também foram contempladas com interessantes projetos. No SESC Itaquera, São Paulo, em 2004, uma oficina fotográfica propiciou aos jovens que fotografaram idosos e aos idosos que fotografaram jovens, refletirem conjuntamente sobre suas representações acerca da outra geração. Houve um “antes” e um “depois”, isto é, as primeiras representações demonstravam desconhecimento e, por isso, continham um olhar preconceituoso. Após, as mesmas evidenciavam um maior conhecimento do outro e, portanto, uma idéia mais realista a respeito da outra geração.

No mesmo ano, o SESC Pompéia, em São Paulo realizou uma oficina de vídeo em que adolescentes montaram uma produção sobre o “*Amor na Terceira Idade*”, enquanto os idosos retrataram o “*Amor na Adolescência*”, atividade que gerou uma riquíssima discussão. Nela, os adolescentes tiveram a oportunidade de superar a visão estereotipada de uma velhice não-desejante e assexuada.

Um projeto multimídia de longa duração aconteceu no SESC Taubaté, São Paulo, em 2004. *“Um Caipira no Cinema”* versou sobre a obra e a vida de Mazzaroppi e foi composto por contação de histórias, atividades de teatro, cinema e vídeo, ao longo de 11 meses, envolvendo crianças, adolescentes e idosos. A extensa duração da experiência propiciou muitas trocas entre os participantes.

Outro original projeto multimídia teve lugar no SESC Consolação, São Paulo, no mesmo ano: *“Coletor de Imagens”*, um vídeo documentário sobre a memória do bairro de Vila Buarque, elaborado por jovens e velhos, a partir da exposição de fotos e outros objetos de moradores dessa região da capital paulistana. O grupo percorreu as ruas do bairro munidos de um carro com alto-falantes, convidando a população a participar da atividade emprestando fotos e objetos pessoais que contassem histórias, para a montagem de uma exposição.

Essa breve menção feita a alguns projetos intergeracionais, creio que permite visualizar a ampla dimensão de horizontes possíveis para o estabelecimento de relações entre pessoas de diferentes idades sem relação de parentesco, num contexto simultaneamente lúdico e educativo. As instituições de lazer podem ser uma alternativa de espaço compartilhado também pelos membros de um grupo familiar. Por exemplo, para o encontro entre pais e filhos fora do ambiente doméstico. E, historicamente, entidades como o SESC recebem muitas famílias nas férias ou nos finais de semana.

Todavia, diversas crianças que entrevistei queixaram-se da falta de disponibilidade de seus pais para com elas brincarem. Tadeu, 12 anos, surpreende ao dizer o que pensa dos adultos: *“Ah, eu acho que eles não*

puderam brincar muito na infância e agora eles não deixam a gente brincar muito também". Bruna, 10 anos é precisa em sua avaliação e deixa claro sobre a vida que vai querer para ela: *"Eu acho que os adultos não sabem mais brincar. Eles só pensam em trabalhar. Quando eu for adulta eu vou querer continuar brincando porque assim eu acho que vou ser mais feliz. Eu vou brincar muito com os meus filhos"*.

Em várias unidades do SESC SP, tenho acompanhado as atividades recreativas programadas para a interação de pais e filhos. Há uma primeira atitude dos pais de deixarem os seus filhos nesses espaços para poderem se dirigir a outras atividades voltadas a pessoas mais velhas. Mas, então, esses pais são informados pelos monitores que a proposta é exatamente a de unir adultos e crianças na brincadeira. Geralmente a idéia é bem aceita e todos se envolvem nas atividades propostas.

Porém, essa primeira reação de se desincumbirem e de se afastarem dos filhos nos leva a pensar que brincar com suas crianças não faz parte do repertório comportamental de muitos adultos. Mas, parece haver por parte das crianças outra expectativa. Várias delas com as quais conversei durante as atividades no SESC, me disseram, como Bruna, 10 anos, que os adultos podem e devem brincar com as crianças. Tadeu, 12 anos, aliás, chama nossa atenção para a oportunidade de aprendizado porque, segundo ele, os adultos são justos e organizam as brincadeiras: *"Os adultos devem brincar mais, curtir mais e como os adultos sabem mais, daí a gente vai aprendendo com eles... porque, por exemplo, quando a gente joga futebol com criança e também com algum adulto, aí não sai briga e também ninguém rouba no futebol..."*

Se a disponibilidade dos pais não é tão grande para brincarem com os seus filhos, os avós podem ser importantes parceiros de brincadeiras, como pude constatar a partir de vários relatos de senhoras que frequentam o SESC. Mesmo as avós das classes populares que se responsabilizam pela criação e pela educação dos netos, brincam com eles no pouco tempo que lhes sobra do duro cotidiano das tarefas domésticas, como nos mostra Oliveira (1999, 294-295). Reproduzimos a fala de uma das avós por ele entrevistada que descreve a relação com os netos: *“A gente mesmo estando com uma certa idade, tem um lado criança. Eu não sei se é porque eu não tive infância, com brincadeiras, bonecas, essas coisas e, brincando com eles, a gente volta. Junto com eles, parece que volta aquele lado criança. Quer dizer que é um lado gostoso que eles ensinam para a gente. Que a vida tem que ser vivida com uma brincadeira, levar a vida mais à vontade, não tão a sério assim. Eles ensinam a gente a viver mais”* (Dona Alda).

Conforme expliquei no segundo capítulo, mais exatamente quando abordamos os aspectos metodológicos desta pesquisa, observei e analisei mais diretamente algumas atividades de lazer envolvendo crianças e idosos e outras que congregaram adolescentes e idosos. Vejamos primeiro, algumas experiências que aproximaram adolescentes e pessoas idosas. Incluí nessas descrições também outras experiências ocorridas dentro e fora do SESC com as quais tive um contato direto ou que me foram relatadas.

Antes, porém, uma breve ponderação: uma das condições facilitadoras de aproximação intergeracional, como veremos adiante, é a da semelhança de interesses. Sem dúvida, a nucleação de jovens e velhos em torno de uma tarefa atraente a todos é uma premissa importante. Mas, por vezes, a harmonização de interesses vai se dando a partir das primeiras trocas de experiência, desenvolvidas durante o transcorrer do curso ou da oficina em

questão. Estamos aqui nos referindo, em outras palavras, a possíveis mudanças de atitudes resultantes de um processo co-educativo entre os envolvidos na ação. Por exemplo: imaginemos uma oficina de música ou de canto coral, composta por pessoas de diferentes idades. Sabemos que velhos e moços gostam de música, mas há entre as gerações diferenças de preferência bem nítidas quanto a gêneros ou estilos musicais, compositores e intérpretes.

A propósito e para exemplificar o que estou argumentando, esse fenômeno ocorreu em uma atividade simultaneamente musical e teatral desenvolvida em uma das unidades da capital do SESC São Paulo. Um jovem de 18 anos, motivado por um companheiro idoso desse mesmo grupo, passou a apreciar o repertório de um artista da chamada Velha Guarda, o cantor e compositor Silvio Caldas. Esse jovem nos disse que passou a ver a *Terceira Idade* (sic) de outro modo, admirado da disposição dessas pessoas que, às vezes, ele próprio não tinha. E arrematou: “*Outro dia estava pensando que tenho uma amizade com eles aqui que não tenho na minha própria família.*” Trata-se de um pequeno exemplo das mútuas e, no caso, salutares influências que uma geração pode imprimir à outra contribuindo para um alargamento de horizontes em suas vidas.

Assim como esse jovem conheceu um tipo de música diferente, em minha experiência como pai, recordo-me de como minhas filhas quando crianças, e também na adolescência, passaram a apreciar músicos e compositores da música popular de gerações mais velhas, como Noel Rosa e Chico Buarque, em decorrência do contato que tiveram com suas obras por meio de meus discos. Reciprocamente, graças a elas passei a apreciar alguns gêneros musicais até então distantes de mim, como o chamado punk rock do grupo The Clash, por exemplo. Por experiências como essas, tão

simples e cotidianas que, com mais ou menos intensidade todos temos nos contatos com pessoas mais jovens ou mais velhas, é que falamos de uma co-educação entre gerações como um processo que pode resultar em um significativo enriquecimento de nosso universo cultural.

Outra experiência que me vem à lembrança ocorreu em Maceió, no SESC Alagoas, que tive a oportunidade de presenciar em uma de minhas viagens de trabalho. Assisti a uma apresentação de dança, envolvendo adolescentes e idosas dançando rap e dançando o coco, dança folclórica típica de toda a região nordeste. A apresentação ganhou o sugestivo nome de “*Rapcoqueando*” e fez muito sucesso entre o público presente formado por centenas de pessoas idosas. Durante semanas esse grupo se reuniu para preparar o show e certamente muitas conversas foram encetadas. Mais que o resultado final dos ensaios, a aproximação de mundos culturais tão distintos foi, sem dúvida, uma experiência singular na vida dessas pessoas. Tais encontros nos mostram as possibilidades efetivas que as artes possuem de aproximar gerações e nos fazem constatar o enriquecimento pessoal que pode ser alcançado por todos os envolvidos nesses processos.

Tomei conhecimento de outro interessante encontro de adolescentes e idosos, também pela via cultural e artística, e que resultou numa comunhão não só de interesses, mas de um processo de fazer artístico. Em 2008 fui visitar Dona Valdete, moradora de um bairro pobre de Belo Horizonte para convidá-la a participar de um encontro de idosos no SESC São Paulo que se propôs a mostrar trabalhos comunitários empreendidos por “idosos protagonistas”, conforme os denominamos. Dona Valdete contou como formou um grupo musical de cantoria de roda junto com outras idosas: as “Meninas de Sinhá”. Segundo ela foi nascendo a vontade de cantar, dançar e relembrar cantigas de roda, cirandas e brincadeiras infantis de tempos

antigos. A brincadeira do grupo acabou se transformando no seu principal objeto artístico, a preservação da memória e a difusão da cultura popular. O grupo gravou um cd que ganhou o prêmio Sharp e se apresentou em shows com artistas famosos como Gilberto Gil e Jair Rodrigues. Ela contou que sua atenção foi inicialmente despertada para fato de que essas mulheres viviam atrás de médico e de remédio no posto de saúde e percebeu que seu mal era uma insatisfação básica com suas vidas. Sua atuação cultural, mas também política, mudou não só a vida dessas senhoras, mas de todo o bairro em que vive. A primeira apresentação do grupo foi para uma multidão de jovens, em um evento feito para esse público. Por insistência dos organizadores, essas senhoras com o “coração aos pulos” subiram ao palco e após a apresentação foram efusivamente aplaudidas, recebendo muitas manifestações de carinho. Passaram, então, a ser admiradas pela moçada do lugar e atualmente se apresentam com músicos que poderiam ser seus netos. Seu público também é formado por gente de todas as idades, pois o ritmo contagiante e a poesia das músicas que cantam encantam velhos e moços. Dona Valdete também se orgulha de outro feito do grupo, a criação do grupo Netinhas de Sinhá, formado por 24 crianças que cantam e dançam as cantigas de roda. Sobre suas companheiras, concluiu: *Hoje essas mulheres daqui não são mais Amélias, elas são donas de si mesmas e fazem o que gostam.*”

Ainda em Minas Gerais, em uma das unidades do SESC, ocorreu uma interessante aproximação entre idosos e adolescentes. Alguns desses adolescentes quando ainda não envolvidos nas atividades da instituição apresentavam um comportamento agressivo e arredo. Houve casos de invasão e até depredação de algumas instalações. A partir, então, de uma ação desenvolvida pelos educadores da entidade, esses jovens, se integraram à programação dos eventos e, inclusive, desenvolveram

atividades junto aos idosos. Uma delas, denominada “*Projeto Gerações*” foi composta por debates sobre temas como “*as contribuições culturais dos velhos e dos jovens*”, “*a juventude do passado e a juventude do presente*” e “*a importância dos idosos para a recuperação e a transmissão da memória social*”. Segundo uma das educadoras do projeto, uma adolescente de 15 anos entusiasmada com essa convivência, procurou sua avó para lhe dizer da importância dessas experiências e convidá-la a integrar o grupo.

Em São Paulo, há manifestações de cultura popular dedicados à literatura em diversos espaços públicos dos bairros periféricos. Um deles é o Sarau da Cooperifa, movimento literário que busca divulgar o *artista cidadão* e que acontece desde 2001, com recital de poesias no Bar do Zé Batidão, zona sul da capital paulista. Trata-se de um espaço em que é possível encontrar jovens e idosos declamando poesias de autores consagrados e outras de sua própria lavra, escutados com reverência pela platéia do bar. Há um clima de muita camaradagem entre todos, como pude pessoalmente constatar. Velhos e adolescentes e outras gerações se alternam em suas declamações e são recebidos com muitos aplausos. Seus poemas falam de seu difícil cotidiano, marcado pela pobreza, opressão e muita injustiça, mas também de alegrias e esperanças. Experiências desse tipo são exemplos de uma saudável apropriação do espaço público por gente de todas as idades.

A troca de experiências sobre o lugar em que se vive, como a cidade ou o bairro pode ser um fértil caminho para o encontro das gerações. Como dissemos na parte em que descrevemos a metodologia desta pesquisa, uma das atividades que observamos intitulou-se “*Cartas*” e se caracterizou pela troca de correspondências entre idosos e adolescentes sobre suas impressões a respeito da cidade de São Paulo. A educadora responsável pela coordenação dessa atividade, nos explicou o que aconteceu:

A gente estava desenvolvendo com os adolescentes um projeto que se chamava “São Paulo, uma história de amor” e no meio desse projeto eles queriam falar um pouco mais de São Paulo, conhecer um pouco mais as pessoas que moram em São Paulo há mais tempo. E aí surgiu a idéia de trocar correspondência com o pessoal da Terceira Idade. Foi uma atividade muito legal, primeiro o fato deles estarem escrevendo... essa comunicação via carta que hoje já é tão pouco utilizada... e também a intimidade mesmo que eles foram criando nessa troca de correspondência com os idosos e que culminou num encontro das gerações. Eles participaram de uma vivência e a adesão foi muito boa. As cartas eram incríveis... tinha um senhor, ele era muito dedicado com os adolescentes... a primeira correspondência que eles fizeram, eles vinham perguntar “como é que a gente começa?” porque eles, os adolescentes são uma geração MSN (messenger), de mensagem via internet, eles escreviam as palavras todas abreviadas (ri) eles não começam com “querido”, “caro”... não sabem como começar uma carta. E na primeira correspondência, eles explicavam o projeto em que eles estavam trabalhando. Explicavam o que eles já haviam feito neste tema e explicavam também as dúvidas que eles queriam saber... se a pessoa morava há muito tempo em São Paulo, em que bairro, como era esse bairro, se tinha muita mudança. Então, uma das cartas era para esse senhor e. ele chegou até a mandar a planta da casa dele! Ele desenhou como era a rua, ele mandava desenhos! Era incrível! As cartas dele eram lindíssimas. Ele mandava desenhos anexados às cartas, sabe? Ele é uma figura muito especial, chegou a mandar presentes para os adolescentes, presentes assim: desenhos, poesias de São Paulo antiga. Teve uma senhora que se comunicou com um adolescente, que foi muito emocionante porque esse menino é muito especial, ele foi perguntando e ela foi contando... foi um ano muito difícil para essa senhora, ela tinha perdido um filho com vinte e poucos anos... então, olha o grau de intimidade que foi tendo essa relação... nem a gente esperava.... (Vera, 38 anos, educadora).

Sobre esse mesmo projeto, entrevistei Dona Aline, 75 anos, que me mostrou as cartas que trocou com uma adolescente, Luciana, 16 anos, que também entrevistei para esta pesquisa. São cartas nas quais, ao mesmo tempo em que, além de se apresentarem uma à outra, dizendo como são, do que gostam e do que não gostam, trocam impressões sobre a cidade de São Paulo. Um momento bem humorado dessa “conversa” se dá quando Luciana, mesmo admitindo que se divertiu com a experiência, manifesta estranheza em redigir uma carta, *“uma coisa arcaica, uma espécie de MSN à moda antiga”*, segundo suas palavras.

Como vimos, há inúmeras e interessantes experiências de aproximação entre jovens e idosos. Vejamos agora, alguns episódios de integração de crianças e idosos em atividades culturais. Há fenômenos nos encontros de idosos e crianças que me chamaram a atenção. Temos visto nesta reflexão que as atitudes dos velhos em relação às crianças é variável. Há mesmo um contingente expressivo de idosos que frequentam o SESC que não tem interesse em se envolverem em atividades com crianças. Como já foi dito, tal posição não significa necessariamente uma aversão aos pequenos, pois idosos que no SESC não querem contato com crianças podem ser, como constatei, avós envolvidos com seus netos em casa ou em outros espaços. Mas, no SESC, querem outras atividades e companhias.

Por outro lado, ouvi de muitos idosos que o contato com crianças, inclusive no SESC, lhes faz muito bem. Um dos depoimentos mais expressivos que tive a oportunidade de escutar, me foi feito por Dona Jussara, 75 anos. Essa senhora, há alguns anos, contraiu um câncer de pele e ficou profundamente abalada emocionalmente, entrou em depressão. Parou de frequentar o SESC e se recolheu à sua casa, até que um dia, uma companheira de atividades de lazer, lhe incentivou a participar da

experiência do SESC Gerações, que nesse centro cultural reúne crianças e idosos para atividades físicas em jogos cooperativos. O contato com as crianças produziu um formidável e positivo impacto em sua vida, desde o primeiro dia com as crianças, conforme relatou:

Por sugestão de uma amiga, resolvi dar uma olhada no SESC Gerações. Fui, entrei, perguntei se poderia participar. Quando eu entrei, eu senti... estavam todas as crianças... eu senti subir um calor, que foi me esquentando dos pés à cabeça... eu pensei: “Meu Deus, eu acho que encontrei o que preciso para sair dessa!” Quando nos fizemos a dança circular, nós demos a mão, eu tremia... e pensei: “Ah, encontrei!” Eu tinha que achar um lugar onde eu ficasse meia hora, sem pensar na minha doença, porque eu não conseguia tirar o câncer do pensamento. Eram 24 horas pensando... Eu pensei se eu ficasse meia hora sem pensar, cada dia eu iria aumentando o tempo de não pensar. E quando nós nos demos as mãos foi aquela corrente positiva... eu pensei: “Chegou a minha hora e eu vou aproveitar!” Era uma corrente de energia de crianças e idosos... emanando tudo para mim. Eu falei: “Eu vou conseguir” E consegui. O SESC Gerações me ajudou. Voltei a ser não o que era, mas o que eu sempre quis ser. Hoje, eu sou eu, eu faço o que eu quero, na hora em que eu quero. Hoje, eu converso com todo mundo, sou alegre, eu danço, parece que eu consegui a libertação. Então, o SESC Gerações é a energia que eu sugo, é a energia maravilhosa daquelas crianças. Você nem imagina como é, viu? Eu quando chego ali na porta, eu rezo: “Que Deus abençoe essas crianças e que leve essa energia para a família delas”. Eu recebi tanta energia, nossa, foi demais! Há quatro anos eu participo desse grupo.

No capítulo anterior, levantei algumas reflexões sobre a percepção e a vivência do tempo entre gerações mais velhas e mais novas. Considerei depoimentos e observações que apontaram para a possibilidade de conflitos em virtude das diferenças de ritmo na execução de tarefas no contexto de

grupos intergeracionais. A esta altura, quando refletimos sobre o potencial do lazer na aproximação das gerações, devemos considerar que o envolvimento com tarefas prazerosas e de interesse comum no exercício do brincar, por exemplo, pode apagar tais diferenças. Pude inúmeras vezes presenciar idosos com crianças profundamente mergulhados no exercício de tarefas interessantes a todas as gerações e, nessas circunstâncias, o tempo e a idade de cada um deixam de existir, só há o presente. Nesse sentido, ouvi depoimentos como esse:

Quando a gente está entretida com as crianças numa oficina, a gente não sente o tempo passar porque a atividade é divertida e a gente também nem sente a idade que tem. Aí não tem criança, não tem idoso... é engraçado, mas isso acontece, eu esqueço que estou velha! (ri gostosamente) (Maria, 68 anos).

Realmente, o envolvimento entre a criança e o idoso pode ser intenso mesmo que se dê em encontros esporádicos. As lembranças ficam e fica também a vontade de “repetir a dose”. Dona Sonia, mostrou-me como é possível e desejável a aproximação com crianças no SESC e em seu depoimento deu destaque para o acolhimento que as crianças do programa Curumim deram aos idosos numa atividade em que as crianças convidaram os idosos para participarem de seu habitual lanche:

Essas crianças do Curumim foram maravilhosas, todas conversaram, todas participaram, todas nos trataram bem no dia em que nós, da Terceira Idade, lanchamos junto com as elas, participando do lanche do Curumim, eu sentei com dois meninos, e sabe o que um falou para mim? Ele disse: “Que pena que você não pode comer sempre com a gente, eu adorei”. Eu disse: “Ah, para mim foi um prazer!” Aí quando eu terminei o lanche e ele foi jogar a bandeja, ele me disse assim: “Você

também vai escovar os dentes junto com a gente?” Então, foi super legal. Foi uma experiência boa essa, para mim... (Dona Sonia, 66 anos)

Sobre atividades que reúnem idosos e crianças, vale mais uma reflexão relacionada à percepção do tempo, além daquela que já fizemos. Sabemos que uma das maneiras de discriminar os velhos é infantilizando-os. Vemos com pesar alguns constrangedores modos de tratamentos que partem até de profissionais. Idoso obviamente não vira criança, nem quando demencia. Nesse caso trata-se de um adulto doente. Porém, podemos pensar que num mundo tão corrido e tão premido por obrigações e horários restritivos, crianças e velhos possam se assemelhar tanto na percepção, quanto na vivência do tempo. Talvez, tenham mais disponibilidade mental para mergulhar nas atividades e nelas ir bem fundo, situação em que o tempo parece parar. Esses podem ser momentos muito felizes. Presenciei muita alegria compartilhada entre jovens e velhos em situações de jogos e brincadeiras, ao lado de momentos de reflexões importantes, sem uma desnecessária e inibidora sisudez. Todavia, para muitas pessoas essas são circunstâncias raras do cotidiano. Em um mundo rigidamente controlado pelo relógio, como o nosso, os adultos em geral, tão sérios, tão compenetrados e tão responsáveis, infelizmente não têm tempo de brincar e de viver o presente, nem com outros jovens adultos, nem, e muito menos, com outras gerações.

Assim como aconteceu entre idosos e adolescentes na cidade de São Paulo, a troca de correspondências também foi tematizada em “De em carta em carta”, atividade ocorrida em uma das unidades do SESC no interior de São Paulo e que me foi relatada por Amanda, educadora entrevistada para esta investigação. Desta feita as gerações protagonistas foram idosos e crianças. Jogos e brincadeiras dos idosos na época de sua infância e

folguedos atuais das crianças participantes fizeram parte dos conteúdos principais dessas missivas. Um dos idosos, sr. Willian, 76 anos, pessoa muito brincalhona e muito habilidosa para produzir brinquedos e que, por isso, faz sucesso entre as crianças, assim se expressou sobre essa experiência: *Achei importante a troca de correspondência, mas o lado interessante é que eu me sinto criança e me sinto bem no meio delas... eu não cresci, eu não sou o que aparento, eu continuo criança...* Essa declaração nos remete ao que já aludimos sobre uma certa permanência em nós de um espírito lúdico que pode ser recuperado com mais força no tempo da velhice. Não se trata de tarefa fácil, mas possível.

Anteriormente, vimos que fora da família, em outros locais, os conflitos podem ocorrer, ainda que em menor quantidade e intensidade. Já nas atividades de lazer, a possibilidade de ocorrência é ainda menor que em outras situações, como observa, Dona Maria, grande incentivadora dos programas intergeracionais e freqüentadora de um centro cultural do interior de São Paulo, onde se mostra sempre motivada a interagir com os jovens. Ela pondera que o conflito de gerações em atividades de lazer como as do SESC são mais difíceis de ocorrer e explica porque: *“Acho que é mais difícil nessas atividades culturais, de teatro, de música, envolvendo criança e idoso surgir conflito porque as pessoas estão mais felizes, estão se divertindo, escolheram estar ali”* (Dona Maria, 68 anos). Ronaldo, concorda e pondera que nas atividades do SESC é mais fácil essa aproximação entre gerações do que na família e explica porque: *Quando se está em família é mais complicado, porque aí tem o emocional. É mais fácil você ver um jovem se dando muito bem com um velho aqui no SESC, por exemplo, jogando pingue pong ou dançando e não se dar bem em casa com os próprios pais. Por que? Primeiro, não tem a convivência diária que é muito difícil. Segundo,*

porque ele está aqui para essa atividade porque quer estar.” (Ronaldo, 47, educador).

Luciana, 16 anos, uma das adolescentes entrevistadas, fala dos relacionamentos com idosas que desenvolveu em uma oficina de teatro. Em especial, refere-se à uma senhora com a qual manteve muitas conversas e mostra com ela um envolvimento que não tem com os seus familiares. *“Nela eu prestava atenção, ela falava e eu escutava, acho que é porque é uma pessoa de fora, não sei, se fosse da minha família eu não iria escutar do mesmo jeito, porque quando é da família, quando é pai, mãe ou avó a gente já sabe o que vai dizer e não tem muita paciência, geralmente vem bronca, então a gente finge que não está ouvindo”*. De fato, como dissemos, o lazer tem como uma de suas características principais o seu caráter voluntário, ou seja, de livre escolha, mostrando-se, portanto, propício para a integração das pessoas.

Tudo o que temos dito aqui sobre as relações intergeracionais, obviamente são configuradas pelos valores vigentes em nossa sociedade. Vimos que há relativamente pouco convívio geracional dentro e fora da família, em decorrência da lógica capitalista que estimula o individualismo e a competição entre as pessoas de modo geral, contaminando igualmente as relações entre as gerações. Para não perdermos uma visão mais relativista da realidade, do ponto de vista cultural, penso que é importante cotejarmos nossos costumes com o de outras comunidades, pois há sempre muito a aprender. O poeta de Thiago Mello há muitos anos vive na floresta amazônica profundamente imerso no convívio com as populações indígenas da região. Thiago (SESC, 2009) relatou como se dá a convivência das gerações entre esses índios e também com os brancos e caboclos. Sob

certas circunstâncias e atividades, ele nos mostra que a forte interação faz com que a idade de cada um nem seja sequer percebida:

O filho da floresta, talvez por ser descendente de índio, não envelhece. Eu já participei de vários cutiruns, mutirões de pesca, em que vêm caboclos, brancos, além dos índios e, de repente, todos estão como os índios - têm crianças, tem mulheres, têm idosos; tem o índio de 15, 16, 20 anos, que ainda é adolescente, está junto com o velho que tem 70 anos. As idades desaparecem. Então eu tive a sorte de conviver intimamente com todas essas gerações". (Entrevista com Thiago de Mello para a Revista A Terceira Idade n. 44 fev/2009, p.78)

Não se trata de idealizar uma sociedade paradisíaca, sem conflitos. Como vimos, os conflitos fazem parte da natureza humana e são necessários para as transformações individuais e coletivas. Certamente na cultura indígena e em outras culturas do presente ou do passado, o conflito sempre fez parte das relações humanas e o conflito de gerações também está presente, possivelmente sob outras formas. Talvez, seja útil pensar sobre o peso relativo que há nos fatores que levam a conflitos e fatores que levam a gestos de solidariedade. Quando há um forte desequilíbrio favorecendo a eclosão de antagonismos, como ocorre em nossa sociedade, é preciso rever de que modo e em que direção estamos construindo nossas relações sociais. Há indicadores preocupantes, principalmente aqueles que nos informam das alarmantes desigualdades étnicas, de classe, de gênero e de geração.

De forma surpreendente para mim, um dos garotos que entrevistei, Tadeu, 12 anos, menciona a liberdade e as condições materiais como premissas para um relacionamento mais afetivo e produtivo entre moços e velhos. Foi dessa criança que ouvi uma denúncia do trabalho infantil. Nem

um adulto entrevistado se lembrou desse fato que constrange a nós, brasileiros, ainda às voltas com essa vergonha nacional. Disse ele: *“Tem muita criança livre, que pode brincar, jogar... que tem casa, livro, tempo de estudar, tempo de obrigação, tempo para brincar, que se relaciona bem com a mãe, com o pai... mas tem criança quem não tem muita liberdade e, por isso, não gosta dos mais velhos. Tem muito trabalho infantil por aí... como que uma criança que vive assim pode gostar dos adultos?”*

Recordando-me da conversa com Thiago de Mello, concluo que, principalmente em relação ao tratamento dado às nossas crianças, creio que temos muito a aprender com os índios. A presença do lúdico nessas culturas, seu caráter intergeracional e sua importância para a formação da criança é ressaltada por Altman (2000, p. 231-258) ao mostrar como a brincadeira na qualidade de uma produção cultural entre gerações é carregada de sentidos bem demarcados. Entre os indígenas, os brinquedos favorecem a interação da criança com o mundo adulto, por meio de situações que dramatizam o cotidiano. Papéis esperados do gênero masculino e feminino são representados. As brincadeiras e os jogos facilitam o estabelecimento dos grupos com suas normas. A formação de lideranças também é aprendida. Esses jogos, possibilitam, portanto, a criação de importantes ligações interpessoais.

Lembro-me de uma história, mas não recordo sua fonte. Uma repórter presencia uma situação em que uma mãe indígena fabrica potes de barro para seu filho. Este, assim que o recebe, joga-o ao chão espatifando-o. A cena se repete várias vezes, a mãe faz o pote, entrega ao filho que o quebra em seguida. Intrigada, a jornalista pergunta à mãe: “Se seu filho vai quebrar o vaso, porque você o faz e porque o oferece a ele?” Responde, então, a mãe: *“Para que ele quebre o vaso”*. Creio que é possível viver sob lógicas

muito diferentes e, sobretudo, mais interessantes a todos do que a que rege nosso sistema social e nossa vida, dita “civilizada”. Muitos pais e mães que conhecemos ou de quem, ao menos, ouvimos falar, se mostram sem paciência alguma e batem frequentemente em suas crianças, criando assim um clima de medo e ressentimento com desastrosas consequências para todas as gerações envolvidas num processo incontrolável de reprodução da violência. Quando pensamos na “reinvenção da vida” inspirados pelo poema *Reinvenção* de Cecília Meirelles, devemos pensar em novas formas de nos relacionarmos com as crianças, como vários depoimentos, inclusive das próprias crianças, entrevistadas para este trabalho, já nos sinalizaram.

Condições facilitadoras para a aproximação de jovens e velhos

Seja no âmbito do lazer, ou do trabalho voluntário ou, ainda, em contextos de outra natureza, parece-nos de vital importância considerar sob quais parâmetros as interações entre jovens e pessoas maduras podem ser potencializadas. Nas atividades intergeracionais, segundo o que temos observado, certas condições intensificam a relação entre jovens e pessoas maduras na perspectiva do desenvolvimento das trocas de experiências e do fortalecimento de laços afetivos. Alguns fatores detectados foram: o estabelecimento de interesses comuns; o prazer proporcionado pelo lúdico em decorrência de suas características singulares; a predominância de relações igualitárias entre mais velhos e mais jovens; a suficiente duração do processo grupal e, portanto, do convívio para a formação de amizades; e a salutar iniciativa dos mais velhos para a aproximação com os jovens. Analisemos, então, cada um desses balizamentos com mais detalhes.

A primeira das condições essenciais diz respeito à semelhança de interesses dos participantes em relação às atividades compartilhadas. É imprescindível que haja motivação de todos os integrantes do grupo com a tarefa e, para isso, a possibilidade de se fazer algo que se gosta deve ser sempre levada em conta. A multiplicidade de atividades presentes no cotidiano de centros culturais permite uma ampla gama de escolha de temas que se configurem como sendo de interesse comum. Igualmente em nossa experiência encontramos inúmeras opções de interesse compartilhado entre jovens e velhos. Nas unidades do SESC temos observado uma prevalência de oficinas de música e de teatro, além de atividades físicas com grupos intergeracionais, principalmente juntando idosos, adolescentes e crianças. Mas, isso não necessariamente reflete apenas uma preferência dos participantes, embora, sejam áreas muito apreciadas. Provavelmente, haja mais envolvimento de profissionais desses setores do que de outros.

Uma segunda condição é a de que a relação entre moços e pessoas maduras seja marcada pelo igualitarismo. Como já enfatizava Paulo Freire (1977, p. 37-38), qualquer forma de dominação e opressão nas relações entre educando e educador inviabiliza processos verdadeiramente educacionais. Se partirmos da premissa de que pode vir a ocorrer, de fato, uma co-educação entre gerações na informalidade do lazer, esta deve operar no sentido de favorecer o surgimento e a manutenção de um clima democrático no grupo intergeracional. Em trabalho anterior, discutimos a importância das relações igualitárias como condição fundamental para a viabilização de processos co-educativos entre jovens e velhos (FERRIGNO, 2003), advertência a ser sempre lembrada em decorrência de uma certa “tendência” dos mais velhos de se sentirem no direito de dominar os mais novos. Platão refletindo sobre quanto é nefasto o autoritarismo sob quaisquer

circunstâncias para todos nele envolvidos, seja na condição de opressor, seja na condição de oprimido, afirma:

Pois o despotismo não é bom nem para aqueles que lhe são sujeitados, nem para aqueles que sujeitam, nem para eles, nem para os seus filhos, nem para os filhos de seus filhos. É, ao contrário, uma empresa sempre voltada ao desastre. Somente as almas cujo caráter é mesquinho e vil se lançam sobre tais vantagens, porque ignoram inteiramente o que é justo e bom para o futuro e para o presente, tanto entre os deuses, quanto entre os homens (Platão, 2009, p. 25).

Todavia, nos parece que o grau de autoritarismo dos adultos sobre os jovens vem diminuindo², como já foi dito anteriormente quando foram discutidos os conflitos entre gerações na família e também na vida social mais ampla, destacando o marco histórico dos anos 60 e os movimentos de contestação da juventude. Em inúmeras histórias que pude ouvir dos idosos ficou patente a diferença no relacionamento entre pais e filhos no que tange à questão do autoritarismo. As crianças, que foram esses idosos com os quais tanto conversei, não ouviam conversas de adultos, pois quando chegavam visitas eram obrigadas a se retirarem. Não discutiam as ordens paternas, só as obedeciam. Sofriam severas restrições de passeios, principalmente as moças, que, com muito esforço e ardil, clandestinamente se encontravam com o namorado ou conseguiam ir a um baile. Nas atividades intergeracionais, deve, então haver um investimento no estabelecimento de um clima democrático como iniciativa do coordenador do grupo, figura de importância capital no processo de integração dos participantes e de cujo perfil trataremos mais adiante.

² Conforme a análise que fizemos no segundo capítulo deste trabalho, infelizmente, junto com a diminuição do autoritarismo, temos presenciado também a diminuição da autoridade dos pais que parecem confusos quanto ao estabelecimento de limites a seus filhos, fato que pode gerar por parte destes, até atitudes tirânicas.

Em terceiro lugar, é fundamental que as pessoas tenham tempo para se conhecer e criar laços afetivos. Atividades que permitem desenvolver o convívio mais intensamente e mais extensamente contemplam maiores chances de propiciar a aprendizagem recíproca. Estamos pensando a partir da premissa de que a co-educação tanto se tornará mais efetiva, quanto maior a convivência entre as partes. A boa convivência é uma condição necessária para o processo co-educativo, pois pressupõe a identificação com o outro. Aprende-se melhor quando se gosta do professor, seja em contextos de educação formal ou na informalidade das relações sociais. Em estudo anterior (FERRIGNO, 2003), pudemos constatar o florescimento e a consolidação da amizade entre professores do SESC e seus alunos idosos em situações de longos anos de convívio. Para se ter uma idéia da longevidade dessa convivência, recordo-me que uma senhora entrevistada em um centro social do interior, revelou-me que se sentiu muito orgulhosa em participar do casamento de uma educadora do SESC e que se lembrava de seu filho quando pequeno, filho que hoje é pessoa adulta, passados mais de vinte anos de amizade com sua professora.

Cabe, porém um reparo: sabemos que a convivência não só não garante interações mais intensas e produtivas, mas também, muitas vezes, agudiza os conflitos, principalmente quando o convívio é compulsório, como é o caso da família, conforme analisamos no capítulo anterior. Enriquecendo essa reflexão, Paulo de Salles Oliveira (1999, p. 27) nos mostra que mesmo quando há um convívio, quando, portanto, há a chance da comunicação, por vezes não se alcançam significativas trocas de afeto e conhecimento já que os ingredientes desse saber não são automaticamente repassados de uma pessoa para a outra, mas (...) *são trabalhados na mente de quem acolhe e ingressam na vida dessa pessoa como uma conquista*". Portanto, a simples coexistência não garante um bom entrosamento. E completa o autor:

*“mesmo porque a coexistência poderia ajudar a elucidar ou a ratificar uma possível consciência não de união e sim de **oposição** entre as gerações (o grifo é meu).*

Uma quarta condição a considerar se refere à iniciativa que deve haver por parte dos mais velhos para que possam se aproximar principalmente das crianças e dos adolescentes. Digo isso principalmente porque em nossa cultura, encontramos relações de dominação dos mais velhos sobre os mais jovens que interiorizaram certo temor em relação à figura do adulto, a partir de sua história de relacionamentos com pais e avós, sobretudo.

Mesmo quando não há propriamente uma barreira mais forte entre o velho e o jovem, outros atrativos que a vida oferece aos jovens falam mais alto, como o computador, a internet, os amigos, as baladas, etc. Por isso, prestam pouca atenção aos idosos ao seu redor. Tadeu, 12 anos, disse-me que quase não conversa com a avó porque fica no videogame, enquanto a avó trabalha em casa. *“Eu fico mais com ela, mas conversar assim... não converso tanto porque eu fico mais jogando vídeo game sozinho lá na sala e ela... ou ela tá lavando roupa ou tá fazendo o almoço”.*

O computador e a TV afastam as gerações? Em meu cotidiano de trabalho, diversas avós reclamaram para mim da desatenção de seus netos, dizendo que quase não conversam com elas, já que estão sempre interessados em outras coisas, dentre as quais o computador ocupa lugar central. Segundo elas, entram e saem de casa ou do quarto com um lacônico *“Oi, vó”* ou *“Tchau, vó”*, desaparecendo em seguida. Em minhas conversas com essas avós, as questionei no sentido de saber o que faziam elas para se tornarem mais interessantes para seus netos, procurando incentivá-las a tomar a iniciativa do contato, a buscar uma ponte de comunicação com a

juventude. E, de acordo, com outros relatos, várias avós conseguiram uma maior aproximação, principalmente aquelas que incrementaram suas relações sociais com gente jovem, dentro ou fora do SESC.

Administrando processos intergeracionais. Níveis de integração.

Convém tecer algumas considerações sobre as características do processo grupal que se instaura nos grupos multietários nas atividades de lazer promovidas por instituições culturais, como o SESC SP, e de seu acompanhamento. O que nos move nesse esforço é o desejo de iniciar uma discussão de método de trabalho. Gostaríamos que mais e mais profissionais se envolvessem na busca de procedimentos eficientes no incentivo à aproximação das gerações. Sendo uma área nova de intervenção social e psicológica, há todo um conhecimento conceitual e metodológico a ser construído.

Uma primeira questão que surge é: para uma ação institucional no campo de lazer, que se propõe a ser transformadora no que diz respeito à construção de novas relações entre jovens e velhos, que tipo de atividade pode ser considerada de fato intergeracional? Que característica deve ter? Basta juntar crianças, adolescentes, adultos jovens e idosos em uma mesma atividade, seja em uma apresentação artística, uma palestra ou uma aula de ginástica, para que esta sirva aos objetivos de um programa que se propõe a trocas de experiências e de fomento à formação de laços afetivos? Evidentemente, não.

Considerando-se as metas de ações dessa natureza, é fundamental que haja interação efetiva entre os participantes. Isso não quer dizer que devemos desprezar as atividades em que as gerações apenas compartilhem

o mesmo espaço físico. Ao contrário, tais atividades podem ser entendidas como iniciais e preparatórias, constituindo-se, portanto, em importante estratégia para a aproximação e para a constituição de um contingente de pessoas motivadas para comporem núcleos intergeracionais. De certa forma, é o que vem ocorrendo na ação desenvolvida pelos educadores do SESC.

Há um tempo necessário para o estabelecimento e a consolidação de uma cultura intergeracional. Nas unidades da instituição onde já se acumulou um significativo número de experiências, percebe-se a formação de um público para essas propostas. Paulatinamente, mais e mais crianças, adolescentes, jovens e idosos aceitam o convite para participarem dos cursos e oficinas culturais multietárias, não somente pelas tarefas ou pelos temas abordados nesses espaços, mas pela vontade de interagirem com pessoas de outras faixas etárias. Nesse sentido, Renata pondera como pode se disseminar uma nova atitude mais favorável à interação com outras gerações:

Eu acho que a gente tem que propor esses encontros, acho muito positivo... acho que essas pessoas são muito diferentes daquelas pessoas que estão na situação de “cada um no seu galho”... já estão noutra... estão vendo as coisas de uma outra forma... acho que é o único caminho, pelo menos é o que eu vejo agora, pode ser por contaminação mesmo. Esse adolescente, esse idoso, esse adulto, que participou de uma atividade intergeracional, que sabia que era intergeracional, que estava até disposto a essa convivência intergeracional, ele também está circulando pelo mundo, disseminando essa informação e essa experiência. Então, ele pode contagiar outras pessoas... (Renata 40 anos, educadora).

Nessa direção, Ronaldo, ao ser inquirido sobre o que motiva mais os participantes, se a atividade ou a presença de outra geração, pondera que após a integração entre as pessoas, o encontro com a outra geração ganhou importância, fato que aponta para a importância do lazer como estratégia de aproximação:

Hoje, depois que eles já estão juntos a bastante tempo, o fato deles poderem dividir essa atividade com alguém de outra geração tornou-se um atrativo. Mas no começo não era assim, era mais pela atividade mesmo que as pessoas vinham. Agora os idosos vem porque eles apreciam a convivência com as crianças. Eu não imaginava que a convivência com criança fosse tão importante para eles. (Ronaldo, 47 anos, educador)

A experiência desse professor com atividades intergeracionais é uma das mais antigas no SESC. Seu conhecimento sobre os desejos e as necessidades de seus alunos, possibilitou-lhe criar procedimentos cada vez mais eficazes em seu trabalho de aproximação de crianças e idosos. Conforme ponderamos, uma das condições facilitadoras para a aproximação entre gerações é o tempo de convívio nessas atividades de lazer. O mesmo raciocínio se aplica à relação entre o educador e sua turma. O tempo de convívio de Ronaldo e seus pupilos, forjou uma sólida amizade. Durante vários anos essa convivência foi construída e consolidada, a ponto de crianças, idosos e professor sentirem a necessidade do periódico reencontro. Trata-se de um emblemático exemplo da importância de um trabalho processual, contínuo e sustentado tanto pela vontade da instituição, quanto do próprio profissional responsável pela atividade.

Podemos ponderar que há diferentes níveis de interação em processos grupais e sugerir uma classificação de atividades, sejam intergeracionais ou não, tendo em conta o grau de interação entre os participantes. Teríamos então, grosso modo, três diferentes níveis de envolvimento. Num primeiro nível há tão somente a presença das diversas gerações em um mesmo espaço. Nos centros culturais ocorrem muitas atividades para as quais não há especificação de público por faixa etária. Nesse caso, a interação é mínima. Isso acontece quando temos uma platéia de teatro ou cinema ou quando um contingente de pessoas assiste a uma palestra. Os olhares (bom termômetro para a avaliação interacional) se convergem para alguém ou algo que comanda a atividade (filme, peça, professor, palestrante, artista etc). Todavia, mesmo sendo poucas as interações nessa configuração grupal, as atividades deste nível podem ser um começo de aproximação. Em nossa experiência constatamos o surgimento de relacionamentos entre jovens e velhos a partir da situação em que se colocam como colegas de turma em cursos ou oficinas culturais. Breves e superficiais trocas de informação sobre a atividade comum ou mesmo um bate papo no intervalo para o café podem ensejar o início de um convívio. Inúmeros são os espaços em um centro cultural e esportivo em que se dão tais encontros. Uma das crianças com a qual conversamos em uma das unidades do SESC na capital de São Paulo, nos contou sobre sua amizade com uma senhora que conheceu na piscina da instituição:

Eu já fiz amizade com uma senhora que... nossa... eu fiquei muito tempo amiga dela. Só que ela não veio mais ao SESC e eu não vi mais ela. Nossa, quando a gente entrava na piscina, parecia que era avó e neta. Ah, eu lembro dela! Ela falava um monte de coisa... o nome dela era Luiza... Ela perguntava para mim sobre a minha mãe e eu perguntava para ela se ela tinha filhos, netos, essas coisas assim e foi legal, foi muito legal mesmo. (Marina, 11 anos).

Nas atividades de um segundo nível, nesta nossa classificação, há uma clara ação de uma geração sobre outra. Por exemplo, cursos ou oficinas com os mais diversos conteúdos em que adultos ensinam crianças (oficinas de “contação” de histórias ou de confecção de brinquedos, entre muitas outras). Apostando que as gerações mais jovens têm também o que ensinar aos mais velhos, já houve atividades que acompanhamos em que os adolescentes repassaram conteúdos pouco familiares à “velha guarda”, principalmente aqueles que se referem a novas tendências da arte e da cultura, além das novas tecnologias. Episódios interessantes dessa natureza ocorreram em diversas ocasiões no projeto Internet Livre do SESC, em que adolescentes ensinaram os idosos a manipular computadores e a navegar na rede.

As interações tornam-se mais intensas e complexas no nível 3. Neste caso, há mais trocas de conhecimentos práticos e teóricos, além, e principalmente, de experiências vividas. O tempo de convivência entre as gerações é uma premissa importante para o aprofundamento dos laços afetivos. Por isso, processos grupais de média e longa duração como oficinas de teatro, entre outros grupos de interesse, podem dar oportunidade ao surgimento de trocas de vivências que, por sua vez, constituem-se em condição fundamental para o desenvolvimento da co-educação entre gerações. Sempre que houver possibilidade de um trabalho construído coletivamente, as interações tenderão a ser mais intensas e conseqüentemente mais provável será a emergência de uma co-educação.

A educação do educador: o estratégico papel do animador cultural.

A intensidade das mudanças de atitude e comportamento das gerações como resultado desse processo de interação depende, e muito, da habilidade

do coordenador ou animador de tais grupos. Por isso, é preciso discutir o papel chave desempenhado por esse profissional na condução desses grupos. Algumas reflexões são possíveis a partir de um exercício próprio de monitoramento de grupos que tive a oportunidade de conduzir e a partir também, das conversas e de alguns treinamentos direcionados a esses profissionais do lazer e da cultura.

Sabemos que um grupo, diferentemente de um provisório ajuntamento de pessoas, se caracteriza pela identificação de seus membros em torno de interesses e objetivos comuns. O estabelecimento de um “espírito grupal” leva algum tempo. Portanto, não podemos esperar processos mais intensos de interação logo nas primeiras reuniões. O papel do coordenador é fundamental no desenvolvimento da motivação dos participantes. Todavia, para que o grupo possa ganhar autonomia, progressivamente esse profissional deve ir “saindo de cena”, para se colocar nos bastidores, de onde poderá continuar servindo de guia e referência aos objetivos da ação grupal.

O animador cultural é também o profissional do lazer, mas não aquele que apenas administra a distância uma programação de atividades, mas sim aquele que mantém um estreito vínculo com as pessoas beneficiadas por sua ação. Trata-se, portanto, de alguém que se reveste das características de um educador. Mas, embora possa dominar determinado assunto ou habilidade, ou seja, ainda que possa assumir um papel de transmissão de conhecimento prático ou teórico, característica sempre interessante, esse profissional idealmente deve funcionar mais como um facilitador de processos educativos do que como um especialista. Sua habilidade maior deve ser a de aproximar e motivar as pessoas a interagirem.

Essa é a posição de Geneviève Everarts que descreve a orientação de uma associação comunitária, *Entr'âges*, voltada à integração de jovens e idosos na Bélgica, da qual é coordenadora (1995, p. 107-120). Essa organização tem por objetivo favorecer a criação de redes de solidariedade intergeracional no âmbito dos bairros. Segundo a autora, as atividades do referido projeto não são mais o objeto em si mesmo da animação, mas somente uma ferramenta, um meio para sustentar a relação a ser estabelecida entre os participantes. A animação, prossegue Geneviève, se coloca em um esquema de continuidade, requer regularidade e duração, não tendo mais a ver com algo meramente ocupacional e pontual, característica que teve a animação durante um longo tempo. Conseqüentemente, o animador possui principalmente a função de mediador, apoiando e acompanhando o projeto.

Uma das experiências intergeracionais que acompanhei de perto para o desenvolvimento deste trabalho foi uma oficina de canto coral que envolveu crianças e idosos. Como comumente acontece no SESC e em outras instituições culturais, os cursos e oficinas são, muitas vezes, dados por pessoal contratado por um breve período de tempo. Esse foi o caso. Os profissionais, professores de música, ainda que conscientes de que a atividade em questão, além do aprendizado musical também almejava a integração entre os participantes, se preocuparam quase que exclusivamente com a transmissão específica de conhecimentos musicais, deixando de lado o emprego de técnicas de dinâmica de grupo que poderiam estimular a interação entre as crianças e os idosos. Não lhes faltou boa vontade, mas sim formação adequada para o trabalho de animação cultural.

Acompanhei outra oficina de canto coral, em outra unidade da instituição, desta feita com uma composição multietária, seus componentes iam de adolescentes a pessoas idosas passando por jovens adultos. O resultado desse processo grupal foi oposto ao anterior. Foi possível muita integração entre os participantes, graças à habilidade do professor. Este, além de possuir eficientes técnicas para ensinar pessoas leigas a cantar em grupo, ainda se mostrava preocupado em criar momentos de confraternização entre os alunos. Participei de alguns desses encontros festivos e pude aferir o bonito conagraçamento entre jovens e velhos com muita descontração nos “comes” e “bebes” promovidos. Os laços afetivos que foram criados entre as diferentes gerações nesse processo vêm se mantendo, já que a oficina prossegue e tem se constituído em importante ponto de encontro de gerações.

Cabe, pois, ao educador um importante desafio: o acompanhamento da vida do grupo, tanto em suas atividades “oficiais”, quanto em outros momentos de interação, para melhor conhecer seus integrantes. Trabalho cultural se traduz em envolvimento pessoal, se possível com paixão pela possibilidade de transformar “corações e mentes”. Algo, portanto, oposto a um atendimento formal, distante e burocrático, caracterizado apenas pela administração de uma grade de cursos e um calendário de eventos.

O olhar atento do educador experiente em atividades intergeracionais pode ser decisivo para a resolução de problemas como a diferença de ritmo e velocidade entre jovens e velhos, questão que analisamos em vários momentos desta pesquisa e que, como vimos, pode gerar conflitos e inviabilizar uma atividade. Ronaldo, 47 anos, professor de educação física, explica que as crianças com as quais trabalha não se frustram por terem que ser “mais lentas” em atividades com idosos porque exercem atividades mais

intensas em momentos anteriores. Estratégias como essa, denotam a experiência, a criatividade e o envolvimento do professor com seus alunos. Ronaldo mostra ainda como a atividade pode ser prazerosa para todos os envolvidos, independentemente da idade, já que cada um atua no seu ritmo e no seu limite de performance:

A criança não vai ficar frustrada por ter que fazer as coisas mais devagar porque ela não participa apenas do projeto “Gerações”, ela tem outras atividades no SESC. E ela já sabe que aqui as coisas são mais lentas. E eu acho que as crianças tanto passam a apreciar essas atividades mais lentas, quanto passam também a curtir a companhia dos idosos. Por exemplo, elas adoram jogar xadrez com os idosos. Elas curtem também pular na cama elástica com o pessoal da Terceira Idade. Só que o idoso pula menos, enquanto a criança pula 30 cm, o idoso pula 10, mas esses 10 centímetros que o idoso pula... você não tem noção do efeito positivo produzido nessas pessoas! Uma senhora me falou: “Eu só olhava os meus netos brincarem na cama elástica, eu não sabia que eu podia subir nesse negócio aí!”

Nunca é demais enfatizar a importância do processo grupal, pois é ele que enseja as transformações de atitudes e valores, a partir do embate de opiniões e do democrático estabelecimento de regras de funcionamento do próprio grupo. Vimos que nossa sociedade distancia as gerações. Esse distanciamento fomenta o preconceito etário que se apresenta pela intolerância e incompreensão entre velhos e moços. Apenas o convívio e a construção de algo em comum pode reverter esse quadro de exclusão e alienação. Em 2001, tive a oportunidade e o privilégio de cursar a disciplina “A Diferença e o Diferente”, ministrada pela saudosa professora Lígia Assumpção Amaral, do Instituto de Psicologia da USP. Certa feita, perguntei a ela qual a forma de combate mais efetivo contra o preconceito ao

“diferente” (aliás, creio que podemos dizer que o preconceito sempre é dirigido a alguém que possui uma diferença ou um estigma). Lígia (ela mesma uma “diferente”, em decorrência de uma deficiência física) não hesitou e foi definitiva: através da convivência com os chamados “normais”. Desta lição tirei a certeza da importância em insistir pela criação de alternativas de convivência entre pessoas e grupos cuja relação é marcada pela estranheza, agressão ou indiferença.

Considerações finais e algumas indagações sobre o futuro das relações intergeracionais.

Embora muitos detalhes da convivência entre grupos etários nas sociedades do passado tenham se perdido ao longo dos séculos, vimos no primeiro capítulo que as informações que nos chegaram, permitem perceber grande variação de comportamentos na interação entre velhos e jovens de uma cultura para outra. Pesquisadores como Philippe Ariès, nos revelam como era diferente a posição social da criança, assim como a configuração das relações familiares na sociedade medieval e no início da modernidade.

Vimos que até o advento da sociedade moderna não havia na civilização européia uma noção de geração, tal como a temos hoje. A segregação geracional em espaços sociais exclusivos não era conhecida. Crianças e adultos se misturavam nas atividades cotidianas. Ariès nos revela que até o século XVIII as fases da infância e da adolescência se confundiam. Nos colégios as palavras latinas *puer* e *adolescens* eram empregadas indistintamente. Foram conservados documentos de alunos em que um jovem de 15 anos é descrito como um *bonus puer*, enquanto que outro, mais novo, de 13 anos, é tido como *optimus adolescens* (ARIÈS, 1981 p. 41).

É importante observar, todavia, que a variação nos padrões do relacionamento intergeracional não é um fenômeno que se dá somente ao longo da história. Habitamos um planeta no qual as condições da vida humana são muito diversificadas, apesar da recente globalização econômica e cultural. Hoje, se traçarmos um panorama geográfico do relacionamento intergeracional, veremos que ele assume formas distintas nas cidades grandes, nas cidades pequenas ou no meio rural. Diferentemente do anonimato que caracteriza as metrópoles, nas cidades menores as relações são facilitadas porque muitos jovens e velhos já se conhecem de outros lugares ou, às vezes, têm algum grau de parentesco, ou, ainda, porque os jovens são filhos de amigos do idoso. Nessas comunidades, os jovens são identificados através de seus pais, muitos deles conhecidos ou até amigos dos mais velhos. Esse fato facilita o desenvolvimento da amizade dos idosos com esses jovens. Recordo-me do depoimento do sr. Manoel, que entrevistei em pesquisa anterior:

Quando algum jovem fala: ‘Oi, seu Manoel’, eu procuro saber o nome do pai dele, porque como eu não convivo muito com o rapaz, eu acabo esquecendo. Aí o moço me fala: ‘Ah, quando eu tinha 6 anos eu ia no seu açougue comprar carne pra minha mãe’. Aí eu vou ligando e descubro com quem estou falando. Então, aquela amizade que eu tinha com os pais dele, passo a ter com ele também. Eu faço questão de cultivar esse bem estar. Eles são filhos dos meus amigos, dos amigos que foram fregueses do meu açougue há 20 anos, eu trabalhei em açougue durante 38 anos. Então, muita gente me conhece, mas não dá pra decorar o nome de todos. Então, eu pergunto do pai da pessoa e daí já entroso (FERRIGNO, 2003, p. 207).

Alguns imperativos econômicos do capitalismo como a criação de pólos industriais, esquemas de escoamento de mercadorias, exploração de riquezas naturais, entre tantos outros motivos, fazem com que determinadas cidades cresçam desmesuradamente. Então, as possibilidades de contato entre as pessoas no dia a dia se vê muito dificultada. Sabemos que as conversas com os vizinhos, com os comerciantes, com os trabalhadores urbanos, como carteiros, coletores de lixo etc, previnem o isolamento, principalmente dos velhos e dos aposentados, produzindo uma sensação de pertencer a um coletivo. As cidades pequenas ainda conservam algumas dessas características e é algo benéfico para todas as gerações e para o convívio entre elas.

De modo geral, porém, as relações humanas neste mundo apressado em alcançar o futuro, não permitem tempo para o ato de “conversar por conversar”. Exaltando a arte da narrativa, Walter Benjamin (1994, p. 197-203), já em 1936 (é difícil não se impressionar com suas proféticas observações) lamentava que a capacidade de contar histórias se encontrava em vias de extinção em um mundo que privilegiava a informação, dispensando a capacidade crítica do ouvinte:

O narrador não está de fato presente entre nós, em sua totalidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais (...) São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente (...) É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (...) A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores (...) Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. (Benjamin, 1994, p. 197 e 203).

Seria grande a desolação de Benjamin com um mundo como o que vivemos hoje, um mundo sem espaço para a imaginação, um mundo de grande volatilidade de valores em que o passado não interessa, um mundo de consumismo desenfreado em que tudo se torna descartável, efêmero, inútil.

À desfiguração do espaço urbano, e com ele das relações humanas, resultado, entre tantas outras causas, do crescimento exagerado das cidades, Simone Weil identifica outros fatores que geram um fenômeno de alienação social que chamou de *desenraizamento*. Para a autora, o *desenraizamento* significa a quebra das raízes culturais que promovem no indivíduo a sensação de pertencimento a uma comunidade. Movimentos migratórios, desemprego e opressão cultural, por desrespeito direto às tradições, e impedimento ao acesso a novos conhecimentos, alienam o sujeito de seus vínculos com as coisas e com as pessoas que fizeram parte de sua história. Simone Weil explicita magistralmente a condição oposta a essa por meio do conceito de *enraizamento*:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente (WEIL, 1996, p.411).

A interação entre um jovem e um velho pode promover o enraizamento de ambos. Pelas narrativas dos mais idosos de uma comunidade os jovens podem conhecer mais profundamente sua história e a história de sua gente e, assim, realizarem escolhas mais conscientes para sua vida futura. Para os velhos, esse contato os faz se sentirem mais vivos e presentes na família e na sociedade. Nesta investigação, quis mostrar que o lazer, não apenas recreativo, mas educativo, pode ser um dos caminhos possíveis para essa aproximação e para a promoção dessas trocas.

A qualidade dos relacionamentos entre as gerações, assim como das relações humanas de modo geral, depende, é claro, das especificidades culturais existentes no mundo moderno, ainda que exista uma cultura global, obtida principalmente pela difusão planetária da informação, via TV e internet. Provavelmente a intergeracionalidade assuma contornos muito próprios no ocidente e no oriente não ocidentalizado (refiro-me aos países teocráticos do oriente médio ou a nações mais fechadas do Extremo Oriente, como a Coreia do Norte). Diferenças culturais como as presentes entre países de tradição anglo saxã e países de origem latina, ou entre comunidades africanas e sociedades indígenas da América do Sul, continuarão a desafiar pesquisadores a entender os vários modos de comunicação entre as gerações.

As relações intergeracionais também variam com a classe social. O relacionamento entre avós e netos nas classes populares guarda características diferentes da mesma relação existente nas classes médias, como nos mostram, respectivamente, as pesquisas de Oliveira (1999) e de Barros (1987). Outro fenômeno de classe social a configurar de modo muito próprio a relação entre crianças e adultos, se verifica no “confinamento” das crianças de classe média promovido pela escola e pela família, visando

“protegê-la” da violência urbana, o que, por vezes, pode também querer dizer: afastá-la dos pobres. Para exemplificar essa multiculturalidade do mundo contemporâneo, e lembrar outro fator diferenciador, a etnia, Philippe Ariès, (1981, p. 29-49) nos lembra que uma pequena criança do mundo globalizado é capaz de dizer ou mostrar com gestos os seus dois anos de idade, enquanto que em certas comunidades da África, nem os adultos possuem uma idéia exata de quantos anos possuem. Fato, no entanto, que não deve nos levar, por meio de uma visão etnocêntrica, a ver aí um “atraso cultural”. Coletividades humanas escolhem caminhos obedecendo a outras lógicas de organização social, sobre as quais, aliás, temos muito a aprender.

A verdade é que atravessamos todo um período, na chamada Modernidade, em que o racionalismo da ciência prevaleceu e engendrou uma obsessão classificatória dos fenômenos da natureza e da cultura. Somos todos tributários dessa tradição racionalista e, por isso, devidamente numerados e classificados. Temos registrada nossa identificação nos documentos que obrigatoriamente devemos portar por questões de segurança, de viagens, de compras, de acesso a certos lugares etc. A cronologização da vida humana, a segmentação do ciclo vital e as normas e expectativas de conduta para cada fase de nossa existência, estão inseridas e tão fortemente arraigadas nesse contexto que nem as percebemos e, muito menos, as estranhamos.

Conforme já comentamos, os movimentos sociais dos anos 60 deflagraram importantes mudanças de valores e comportamentos, inclusive na indumentária das gerações. O exemplo relativo ao modo de vestir é aqui utilizado porque as roupas das pessoas têm nos informado sobre uma progressiva indiferenciação das idades e dos gêneros. Não somente homens e mulheres atualmente se vestem de modo parecido, mas também jovens e

velhos. É claro que, acompanhando a indiferenciação das roupas, há uma aproximação de valores e comportamentos. Curiosa situação essa que vivemos, na qual os mais velhos querem parecer mais jovens, enquanto que crianças e adolescentes se esforçam para obterem um visual de pessoas mais velhas. As meninas, muitas vezes, equivocadamente estimuladas por suas próprias mães e pela mídia, se vestem como mulheres em miniatura, num processo de precoce erotização de comportamento. Como resultado desses fenômenos, temos as gerações com uma aparência menos desigual do que no passado, a começar por seu figurino, mas principalmente por sua identificação com os padrões de consumo impostos pelo capital. Os rituais de passagem da infância para a vida adulta não mais existem. As fronteiras demarcatórias das fases do ciclo vital são mais tênues. Por exemplo, já não se fazem mais bailes de debutantes, ocasiões em que as famílias ao apresentarem suas filhas à sociedade, veladamente, as ofereciam para casamento.

No primeiro capítulo, analisamos o discurso das ciências da saúde e de setores empresariais que incentivam os velhos a adotarem um estilo de vida parecido com o dos jovens. Como consequência, constatamos que aquela figura proecta, sisuda e contida de um “*velho de 50 anos*” presente no imaginário popular em décadas passadas, contrasta com a representação e mesmo com o comportamento dos idosos do século XXI que voam de asa delta e praticam outros esportes radicais. É bem verdade, no entanto, que grande parte dos velhos tem uma vida bem mais comedida, e, muitas vezes, dificultada por doença, pobreza e solidão, como já dissemos, mas, de fato, há novas imagens de velhice circulando e criando uma nova mentalidade.

Para vários autores (MOODY, 1993; HELD, 1986; BOUTINET, 1995; apud DEBERT, 1999, p. 19) estaríamos vivenciando um momento de *“apagamento dos comportamentos tidos como adequados às diferentes categorias de idade”, “uma descronologização da vida”, “um embaçamento das gerações”*. Nestes novos tempos é possível criar ou experimentar novas sexualidades e identidades etárias tanto na vida real como no mundo virtual. Nos relacionamentos pela internet um homem pode se fazer passar por mulher e vice versa. Um velho por um jovem ou um jovem por um velho.

Bauman (2005 p. 69-77) ao analisar as transformações da identidade social, usa a expressão “liquidez das coisas”, quando comenta a volatilidade de valores, atitudes e comportamentos na chamada pós-modernidade. Estará, então, havendo algo semelhante com a identidade etária, uma “confusão das idades”, reflexo das múltiplas oportunidades de escolha de estilos de vida? As mudanças de comportamento na velhice determinando uma nova identidade de velho, a crescente proximidade entre as gerações (embora ainda incipiente, mas já notada em determinados contextos), em que medida muda a chamada identidade de velho e de jovem? De que modo podemos situar o conflito e a cooperação entre gerações em um novo contexto de mudanças na identidade etária? Possivelmente, a reaproximação das gerações passe pela redefinição das identidades etárias, sendo, realmente causa e consequência dessa ampla transformação de valores, atitudes e comportamentos. O que se espera é que o resultado desse processo favoreça o desenvolvimento do respeito e da solidariedade entre pessoas de todas as idades.

Neste estudo, a família se mostrou como o principal cenário de conflitos, fato compreensível se levarmos em conta a proximidade compulsória entre gerações, mas também um espaço onde mais

frequentemente surgem esquemas de cooperação e solidariedade. A compreensão da gênese e da dinâmica dos conflitos familiares, com vistas à superação, foi e prossegue sendo um objetivo das ciências sociais, sobretudo da psicologia. A família mudou e certamente prosseguirá se transformando. Até algumas décadas, se constituía como espaço de autoridade, obediência e obrigação. Mais recentemente, tem como norteador predominante o binômio liberdade e responsabilidade, mas se necessário for os pais poderão recorrer a expedientes mais repressivos para impor sua vontade (GOLDFARB & LOPES, 2006, p. 1376).

Constatamos que problemas de relacionamento entre pais e filhos são os mais emblemáticos daquilo que se convencionou denominar conflito de gerações. Mas, no âmbito familiar também as relações entre avós e netos podem assumir feições problemáticas, se não de conflito aberto, ao menos de afastamento. Afortunadamente, porém, sempre há um outro lado: ouvi relatos comoventes de adultos que guardam doces lembranças de seus avós, assim como de crianças que no presente vivem momentos de muito afeto com seus velhos. Vimos algo dos conflitos intergeracionais presentes em outras relações familiares como entre irmãos maiores e menores e entre filhos já idosos e pais em idade bem mais avançada.

Mas, sabemos que a organização familiar tem acompanhado um movimento progressivo de liberalização de costumes e, por isso, se apresenta sob múltiplas formas, além da composição tradicional de pai, mãe e filhos. Como as separações conjugais são mais aceitas e frequentes, nos novos casamentos é comum que se juntem filhos dos casamentos anteriores. Há também um número crescente de casais sem filhos, por opção ou por impossibilidade biológica ou econômica. A sociedade se mostra cada vez mais permissiva com casais de mesmo sexo que adotam crianças. Há

crianças que são criadas somente por um dos progenitores, enquanto outras são cuidadas pelos avós. Frente a essa variedade de estruturas familiares, os conflitos, assim como os esquemas de cooperação podem se apresentar sob formatos diversos. Por isso, há um extenso campo de pesquisa a ser explorado.

A maior permissividade na relação pais e filhos, ou seja, uma educação menos repressiva que se constata em nossos dias, faz com que vários autores considerem o conflito de gerações como algo que vem se apresentando de modo progressivamente mais atenuado em nossa sociedade. O Jornal da Tarde publicou uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e do Instituto Pólis, com 14 mil pessoas, jovens e adultos de seis países da América Latina, inclusive do Brasil. A investigação apurou que pais e filhos tendem a concordar sobre temas polêmicos como a legalização da maconha, o aborto, a pena de morte e o homossexualismo. Nessa mesma matéria a antropóloga Regina Novaes, do Ibase declara que *“Há menos pontos conflitantes e a tendência é de que eles desapareçam na medida em que os jovens nascidos em uma sociedade mais aberta ao diálogo e à diversidade, criem seus filhos sob os mesmos princípios.”* Segundo a socióloga Helena Abramo, do Instituto Pólis e coordenadora do estudo no Brasil: *“Criamos estereótipos como o de que jovens seguem tendência libertária, e os velhos, conservadora. Mas não há mais tanta diferença em termos de valores e opiniões”* (JORNAL DA TARDE, 2009).

Diante de notícias como essa, para algumas pessoas, as tendências apontam para um futuro marcado por uma maior aproximação das gerações. Outras se arriscam a vislumbrar um futuro sem conflito de gerações. Posição, no meu entendimento, apressada na medida em que penso que o

conflito é algo fundante e constitutivo do psiquismo humano e, como vimos, se expressa tanto internamente ao indivíduo, quanto em suas relações interpessoais. E é salutar que assim seja, pois, o conflito é motor de mudanças, que podem ser positivas, ao promoverem melhores condições de vida para todos. Para isso, como vimos, é preciso que o conflito não seja negado, mas trabalhado corajosamente pelo diálogo, evitando que descambe em violência e destruição.

A proliferação de projetos intergeracionais nas áreas do lazer, da cultura e do voluntariado, pode corresponder a uma tendência crescente de aproximação (ou de reaproximação, se quisermos, considerando o *modus vivendi* do passado) entre as gerações. Tais iniciativas se baseiam na riqueza das trocas afetivas e de experiências entre jovens e idosos. Essas experiências de aproximação entre mais jovens e mais velhos, ou seja, entre gerações diferentes, têm apontado um caminho interessante para o arrefecimento do preconceito etário. É possível que visões reciprocamente estereotipadas, possam se dissipar através do convívio.

Em depoimentos que recolhemos nesta investigação, constatamos que os idosos que tiveram a oportunidade de desenvolver atividades com adolescentes, passaram a vê-los como pessoas capazes e responsáveis. Por seu lado, os adolescentes constataram a capacidade de realização dos idosos, ao invés de considerá-los como seres decadentes. Uma admiração mútua ocorreu em determinados encontros dos quais participei. Relembro uma das condições que penso ser indispensável para um resultado assim tão bem sucedido: a do igualitarismo, condição sem, portanto, qualquer forma de opressão, de autoritarismo. Ecléa Bosi traduz muito bem o que quero expressar a respeito, quando nos ensina: *Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de*

existir, uma é para a outra como uma revelação” (BOSI, 2003c, p. 175). Uma revelação é algo que nos acrescenta, que nos modifica, mas sem imposição porque nos dá a oportunidade de incorporarmos os novos conhecimentos ao nosso universo cultural sem destruí-lo.

De passagem, acho pertinente uma breve observação sobre a importância de uma preparação para o envelhecimento, mas sem que se caia no genérico receituário de como envelhecer bem, pois este coloca no indivíduo praticamente toda a responsabilidade por seu próprio bem estar, deixando à sombra os determinantes socioeconômicos que engendram as dificuldades da velhice. Essa preparação deve começar desde cedo, na convivência com os avós e outros velhos. Algumas escolas de ensino fundamental criam encontros entre avós e netos. O trabalho voluntário aproxima adolescentes e velhos, assim como o lazer. Quero dizer, a preparação para velhice, implica uma convivência desde tenra idade com os velhos. Claro que passa também pela informação do que ocorre nessa fase da vida, a fim de que se desenvolva uma consciência crítica de limites e possibilidades. De resto, viver uma vida plena, com coragem para o enfrentamento das vicissitudes humanas, talvez seja o caminho que nos permita sentir a incorporação das experiências vividas. Como, quem sabe, se sentia Cora Coralina, a saudosa poeta de Goiás Velho, que, ao ser perguntada por uma repórter sobre qual era sua idade, Cora respondeu: *“Eu tenho todas as idades dentro de mim, a da menina, a da moça e a da velha”*.

Em estudo anterior, refleti sobre as possibilidades de uma co-educação entre gerações, ao observar cenas de trocas de conhecimentos em atividades de lazer e ao ouvir os relatos desses protagonistas. A percepção das potencialidades do lúdico como ambiente estimulante para esse recíproco processo de aprendizagem ensejou a criação de uma programação

intergeracional no SESC São Paulo. O acompanhamento desse trabalho, criou, por sua vez, a necessidade de uma segunda reflexão sobre os caminhos possíveis para a superação das dificuldades de integração entre jovens e velhos. Daí surgiu a idéia de uma pesquisa sobre conflitos. Verificamos em observações diretas do comportamento de crianças, adolescentes e adultos em situação de jogos, de brincadeiras, de ensaios musicais e teatrais, de debates sobre variados temas etc, o quanto as atividades culturais e esportivas podem integrar gerações.

Todavia, é preciso reconhecer que o poder do lazer para superar conflitos é limitado. O conflito de gerações, assim como os conflitos de classe, de etnia e de gênero possuem profundas e complexas raízes históricas a serem consideradas e vencidas. A própria idéia de conflito de gerações é polêmica, como vimos, já que esse conflito pode ser principalmente um desdobramento de outros mais gerais, como o de classe e gênero. De qualquer modo, a relevância da reflexão sobre o conflito etário se encontra na possibilidade de, através dele, levantar o véu que recobre problemas estruturais de nosso sistema social que dificultam o relacionamento humano, como assinala Foracchi:

O conflito de gerações representa, em essência, a pesquisa de novas alternativas de vida social, de novos caminhos que se abrem para a sociedade sem que os agentes humanos possam se dar conta dos rumos definitivos que a nova forma de vida social venha a assumir, sem que estejam aptos a prefigurar como será a ordem social cuja emergência é tão intensamente sofrida (FORACCHI, 1972, p. 32)

As reflexões de Hannah Arendt iluminam os caminhos que podem superar os estragos produzidos pelas desavenças exacerbadas pelo individualismo que marca nosso tempo. Arendt (2003, p. 248-259) nos ensina

que há uma tradição na história humana de estabelecer pactos e que essa tradição decorre de nosso desejo de conviver com outros na ação e no discurso. A possibilidade do estabelecimento de acordo entre os homens, segundo a autora, reside em sua faculdade de perdoar e prometer. Diante da irreversibilidade da ação humana, ou seja, diante da impossibilidade de se desfazer o que foi feito, Arendt mostra que a única saída possível reside no perdão, idéia de difícil assimilação no meio intelectual, observa a filósofa, dada suas conotações religiosas. Já a solução para o problema da imprevisibilidade da ação humana e da incerteza quanto ao futuro, está na faculdade de prometer, conceito incorporado à esfera da política desde os antigos gregos e romanos. Perdoar e prometer são atitudes cuja existência só é possível quando são dirigidos ao outro. Portanto, não são atos solitários, pressupõe sempre uma interação social, um pacto, uma aliança. Arendt nos revela o que há de comum entre o perdão e a promessa e o poder de mudança que abrigam:

As duas faculdades são aparentadas, pois a primeira delas – perdoar – serve para desfazer os atos do passado, cujos “pecados” pendem como espada de Dâmocles sobre cada nova geração; a segunda – obrigar-se através de promessas – serve para criar no futuro, que é por definição um oceano de incertezas, certas ilhas de segurança, sem as quais não haveria continuidade, e menos ainda durabilidade de qualquer espécie, nas relações entre os homens. (ARENDR, 2003, p. 249)

Assim, no perdão e na promessa, há a possibilidade de um novo começo, um novo nascimento com a alegria do surgimento das novas gerações. Arendt ao defender o recurso do perdão e da promessa para viabilizar a ação política revela sua esperança, sua fé na democracia, na possibilidade de entendimento entre os homens. Entendimento que não nos parece, de seu ponto de vista, com algo sempre harmonioso, sem conflitos,

não. A utopia arendtiana parece ser a de um mundo onde prevalece a vontade do entendimento e com ele a liberdade. Sobre a importância da ação política sobre o mundo para o relacionamento entre as gerações, à qual Arendt denomina como a esfera pública das relações sociais, encerro este estudo com uma reflexão dessa grande pensadora:

O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro: preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. É isto o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao advento e à partida das gerações na medida em que tem uma presença pública. É o caráter público da esfera pública que é capaz de absorver e dar brilho através dos séculos a tudo o que os homens venham a preservar da ruína natural do tempo. (ARENDDT, 2003, p. 65)

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P.P.M. *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005.

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ALTMAN, R. Z. Brincando na história. In: PRIORE, Mary del. D. (org.) *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 231-258.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1997, 4^a ed.

_____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10^a ed, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Livro VIII. Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2^a edição, 2007.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Loisir et formation des générations. Paris, *Gerontologie et société*, n° 15, 1980.

_____. *Sociologie des générations*. Paris, Presses Universitaires de France/PUF, 1988.

_____. *The Myth of generational conflict: the family and state in ageing societies*. Nova York, Routledge, 2000.

BALTES, Paul; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. *Revista A Terceira Idade*. São Paulo, SESC SP, 2006, vol. 17, n. 36 (tradução de Anita Liberalesso Néri).

BARROS, Myriam Lins de. *Autoridade e afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. – *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, vol 1*. São Paulo, Editora Brasiliense, 7ª edição, 1994.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1979.

_____. *Universidade aberta à terceira idade*. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: 2º semestre. São Paulo, 2003a. Catálogo.

_____. A atenção em Simone Weil. São Paulo. *Psicologia USP*, 2003b, vol. 14, n. 1.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOUTINET, J.P. L'adulte en question face aux défis d'une culture posindustrielle. *Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille*, 1995, 127.

BRASIL. *Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005.

CAMARANO, Ana Amélia (org.) *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro, IPEA, 2004.

_____. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2ª edição, 2006.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer e a amizade*. tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CORREA, Olga B. Ruiz – Transmissões psíquicas entre gerações. *Revista Psicologia USP*, vol.14 n. 3 – 2003.

DEBERT, Guita. Representações do papel do idoso na sociedade atual. In: *Anais do I Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional: Uma Agenda para o Final do Século*. Brasília, Ministério da Previdência e Assistência Social, 1998.

_____ *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva / SESC SP, Coleção Debates, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol 1, Uma história dos costumes, 1994.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

ENRIQUEZ, Eugène – *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

ERIKSON, Erik. – *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre, Artmed, 1998.

EVERARTS, Geneviève. Entr'âges et la solidarité à l'échelle du quartier. In: PITAUD, Philippe e VERCAUTEREN, Richard (orgs). *Intergénération en Europe: Recherche et dynamisation de la cohésion sociale*, Toulouse, Editions Erès, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. A Velhice e o Envelhecimento na Pós-Modernidade. São Paulo, SESC, Revista A Terceira Idade, Ano X, no. 14, Agosto/1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 2ª edição.

FERRIGNO, José Carlos. Grupos de Reflexão sobre o Envelhecimento: uma proposta de reconstrução da autonomia de homens e mulheres na Terceira Idade. São Paulo, *Revista Gerontologia*, Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, vol. 6, n° 1, março/1998.

_____. O estigma da velhice: uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Erving Goffman. São Paulo, *Revista A Terceira Idade*, SESC, n. 24, abril/2002.

_____. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

_____. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer ao exercício da cidadania. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2ª edição, 2006.

_____. Educação para os velhos, educação pelos velhos e a co-educação entre gerações: processos de educação não-formal e informal. In: PARKER, Margareth e GROppo, Luis Antônio (orgs). *Velhice e Educação*. São Paulo, Ed. Setembro/UNISAL, 2009.

FINGERMAN, Karen. "We Had a Nice Little Chat" – Age and Generational Differences in Mothers' and Daughters' Descriptions of Enjoyable Visits. *The Journal of Gerontology*, 2000, n° 55.

FONER, A. & KERTZER, D.I. – Intrinsic and extrinsic sources of change in life-course transitions, in *Aging from birth to death*, M. W. Riley: AAA-Etats-Unis, 1979.

FORACCHI, Marialice. *A Juventude na Sociedade Contemporânea*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1972.

FRANÇA, Lucia Helena & SOARES, Neusa Eiras. A Importância das Relações Intergeracionais na Quebra de Preconceitos sobre a Velhice. In: VERAS, Renato (org.) *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, UnATI/UERJ, 1997.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis/São Leopoldo, Ed.Vozes/Sinodal, 26ª edição, 2008, p. 172.

FREEDMAN, V. A. & WOLF & SOLDI, B. J. & STEPHEN, E. H. Intergenerational Transfer: a question of perspective. *The Gerontologist*, 1991, Vol. 31, n° 5.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 4ª edição, 1977.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. *Totem e Tabu*. Madri, Obras Completas, Tomo II, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, 3ª edição.

FUNDACIÓ “LA CAIXA”. *Convocatòria d’iniciatives intergeneracionals: Catàlog de projectes*. Barcelona, 1994.

GOLDANI, Ana Maria. Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? IN: CAMARANO, Ana Amélia (org.) *Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60?* Rio de Janeiro, IPEA, 2004.

GOLDFARB, Delia e LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Avosidade: a família e transmissão psíquica entre gerações. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2ª edição, 2006.

GOLDFARB, Delia – Texto baseado em fala no Seminário Velhice Fragilizada (SESC, 2006) e publicado em Anais Eletrônicos http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias_new/subindex.cfm?Referencia=4818&ParamEnd=5 acessado em 15/03/2008.

GOLDMAN, Sara Nigri. As dimensões sóciopolíticas do envelhecimento. In: PY, L.; PACHECO, J. L.; SÁ, J.L.M.; GOLDMAN, S.N. (orgs.) *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004.

HEAD, Herbert. *A Redenção do Robô*. São Paulo, Summus Editorial, 1986.

HELD, T. Institutionalization and deinstitutionalization of the life course. *Human Development*, 1986, 29.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980 – 2050
Revisão 2008

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf acessado em 04/05/2009.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira, Ministério da Educação, disponível em

<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp?te1=122175&te2=122350&te3=37499> Acessado em 28/10/2008.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, *PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, edição 2007, publicada no dia 18 de setembro de 2008.

http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado_presidencia/08_10_07_Pnad_PrimeirasAnalises_N11demografia.pdf acessado em 01/06/09.

JARES, Xesús. *Educação e Conflito: Guia de Educação para convivência*. Porto, Asa Editores, 2002.

JOHNSON, Elizabeth S. & BURSK, Barbara J. O Relacionamento Entre Os Idosos e Os Filhos Adultos. (traduzido por Elvira Mello Wagner) In: WAGNER, *Cadernos do Curso de Gerontologia Social*. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, 1982.

JORNAL DA TARDE. *Conflito de gerações ficou no passado*. Matéria publicada em 14 de junho de 2009. Acesso em 16 de julho de 2009 <http://txt.jt.com.br/editorias/2009/06/14/ger-1.94.4.20090614.7.1.xml>

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, 1977.

LAPASSADE, Georges. *A Entrada na Vida*. Lisboa, Edições 70, 1975.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1983.

LETANG, Olivier. Vingt-cinq ans d'écrits sur les relations entre les générations. In: PITAUD, Philippe e VERCAUTEREN, Richard. *L'intergénération en europe*. Toulouse, Editions Erès, 1995.

LEVINE, R.A. – Intergenerational tensions and extended family structures in Africa, in SHANAS, E. and STREIB, G., *Social structure in the family: generational relation*, New York, Prentice Hall, 1965.

LIMA, Cristina Rodrigues. *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

LONG, M. Valora & MARTIN, Peter. Personality, Relationship Closeness, and Loneliness of Oldest Old Adults and their Children. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 2000, n° 55.

LYE, Diane N. Adult Child-Parent Relationships. *Annual Reviews of Sociology*, 1996, n° 22.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.

MALDONATO, Mauro. *Raízes Errantes*, São Paulo: SESC São Paulo; Editora 34, 2004.

MANNHEIM, Karl. The Problems of Generations. In: *Essays on the Sociology of Knowledge*. London, Routledge and Paul, 1952.

MARTINS, Joel. Não somos cronos, somos kairós. *Revista Kairós de Gerontologia*. São Paulo, PUC SP, EDUC, 1998, n. 1.

MEAD, Margaret. *Cultura e Compromiso. Estudio sobre la Ruptura Generacional*. Buenos Aires, Granica Editor, 1971.

MEDEIROS, Suzana Aparecida da Rocha. O lugar do velho na família. In: PY, Lígia. *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

MOODY, H.R. Overview: what is critical gerontology and why is it important? In: COLE, T.R. *et alli* (orgs.) *Voices and visions of aging: toward a critical gerontology*. New York, Springer, 1993.

MORAGAS, Ricardo. Les relations intergénérationnelles en Espagne, *in*: PITAUD, Philippe e VERCAUTEREN, Richard (orgs.). *Intergénération en Europe: Recherche et dynamisation de la cohésion sociale*, Toulouse, Editions Erès, 1995.

_____. Gerontologia Social: *Envelhecimento e Qualidade de Vida*. São Paulo, Editora Paulinas, 1997, p. 133.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUCIDA, Â. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 2ª edição.

NERI, Anita Liberalesso. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso. São Paulo, SESC, *Revista Terceira Idade*, n. 34, out/2005.

NEWMAN, Sally et. al. – *Intergenerational programs: past, present and future*. Washington, 1997.

OESP – O ESTADO DE SÃO PAULO. Entrevista com Maria Rita Kehl para o Caderno de Cultura em 19 de abril de 2009.

_____. Expectativa de vida sobe e mortalidade infantil cai no Brasil. Seção Vida e Saúde. 21/05/2009.

<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,expectativa-de-vida-dos-brasileiros-alcanca-73-anos-diz-oms,374596,0.htm>

Acessado em 01/06/2009

OLIVEIRA, Paulo de Salles. O lúdico na vida cotidiana. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____(org). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

_____. *Vidas Compartilhadas: Cultura e Co-educação de Gerações na Vida Cotidiana*. São Paulo, Hucitec / Fapesp, 1999.

_____. Conflitos e diálogos entre gerações. *Revista A Terceira Idade*. São Paulo: SESC, n. 43, nov/2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de ação internacional para o envelhecimento*, Madrid 2002. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos, 2003.

_____. Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat. *World populations prospects: the 2004 revision, highlights*. New York: United Nations (2005).

http://www.un.org/esa/population/publications/WPP2004/2004Highlights_finalrevised.pdf Acesso em 02/03/2009.

OSBORNE, L. N.; FINCHAM, D. F.; Conflict between parents and their children” In *“Conflict in personal relationships”* Hillsdale, New Jersey, USA, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1994.

PLATÃO. Carta aos Amigos. In: PLATÃO. *Amigos e inimigos: como identificá-los*. Tradução a partir da edição francesa de Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2009.

PY, Ligia. *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

RAMOS, Elsa. As negociações no espaço doméstico: construir a “boa distância” entre pais e jovens adultos “coabitantes”. In: BARROS, Myriam Lins de. *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RENK, Kimberly et. al. An examination of conflict in emerging adulthood between college students and their parents. *Journal of intergenerational relationships: programs, policy and research*. New York: The Haworth Press, 2006, vol. 4, n. 4.

RIFIOTIS, Theophilos. Grupos etários e conflito de gerações: bases antropológicas para um diálogo interdisciplinar. João Pessoa, UFPB, *Revista Política e Trabalho*, Set/1995 n.11, 105-123.

ROCHEBLAVE-SPENLÉ, Anne-Marie. *Psicologia do Conflito*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1974.

SALGADO, Marcelo Antonio. Escola Aberta para idosos: uma nova abordagem sócio-educativa. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC/SP, n° 1, p. 19-24, abril/1977.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e os incorporais. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*, São Paulo, SESC:PUC, 2006.

SARTRE, Jean Paul. *El ser y la nada*: ensayo de ontología fenomenológica. Buenos Aires, Editorial Losada, 1998.

SCHIRRMACHER, Frank. *A revolução dos idosos*: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha. Rio de Janeiro: Ed. Campus/Elsevier, 2005.

SESC. Entrevista de Adélia Prado para a *Revista A Terceira Idade* n. 23 Nov/2001.

SESC. Entrevista de Rubem Alves para a *Revista A Terceira Idade* n. 24 Abr/2002.

SESC. Entrevista de Danilo Santos de Miranda para a *Revista A Terceira Idade* n. 28 Set/2003.

SESC. *Carta aberta à nação: avaliação e perspectivas do Estatuto do Idoso*. São Paulo: SESC SP, 2005.

SESC. Entrevista de Olga Quiroga para a *Revista A Terceira Idade* n. 39, jun/2007.

SESC. Entrevista de Tom Zé para a *Revista A Terceira Idade* n. 43 Out/2008.

SESC. Entrevista de Thiago de Mello para a *Revista A Terceira Idade* n. 44 Fev/2009.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2005.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.

VENTURI, G. e BOKANY, V. – A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, A. L. (org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Tradução de Therezinha Gomes Garcia Langlada, seleção e apresentação de Ecléa Bosi. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2ª edição revista, 1996.

ANEXO I

Roteiros de Entrevista

Parte A – Questões dirigidas às crianças e aos adolescentes.

1. Você convive ou conviveu com pessoas mais velhas? Quais? Há quanto tempo ou durante quanto tempo?
2. Como foi ou como tem sido esse relacionamento com cada uma dessas pessoas mais velhas?
3. Como são as pessoas mais velhas que você conhece? Por favor, descreva-as.
4. O que é ser adulto (ou o que é ser mais velho)?
5. E o que é ser jovem?
6. Quais as principais diferenças entre jovens e pessoas mais velhas?
7. Em sua opinião, de modo geral como se relacionam jovens e pessoas mais velhas em nossa sociedade?
8. A seu ver, existe em nossa sociedade um conflito de gerações? Se houver, porque e como isso acontece?
9. Quem geralmente é o responsável ou o maior responsável por um conflito de gerações? As pessoas mais novas ou as mais velhas?

10. Você pode dar algum exemplo de conflito de gerações?
11. Você se lembra de ter se envolvido em algum conflito com alguém mais velho? Quem? Por quê?
12. A seu ver, onde esses conflitos de gerações tendem a ocorrer mais freqüentemente?
13. Eles podem ocorrer na família, na escola e no trabalho? Onde mais? Por que?
14. O que é um conflito, em sua opinião?
15. O que pode e/ou o que deve ser feito para se resolver conflitos de gerações? Que atitudes, que medidas devem ser tomadas? E quem deve tomá-las?
16. Que situações podem aproximar as gerações? Ou seja, quais atividades podem favorecer essa aproximação?
17. Você acha que atividades culturais e de lazer podem ajudar pessoas jovens e mais velhas a se aproximarem? Como? Por que?
18. Você participa ou participou de atividades de lazer em grupos que tivessem pessoas mais velhas? Como você se relaciona ou se relacionou com elas?

19. Nessas atividades de lazer, houve alguma situação de conflito entre pessoas de diferentes idades? Como foi? O que ocasionou esse conflito?
20. Se houve, como foi solucionado? Ou ainda não foi solucionado? Nesse caso, por que não foi resolvido?
21. Em sua família, surgem conflitos entre você e seus irmãos mais velhos ou mais novos? De que tipo? Em que situações? Como são resolvidos? Ou não são resolvidos?
22. Em sua família surgem conflitos entre você e seus pais ou entre você e seus avós? De que tipo? Em que situações? Como são resolvidos? Ou não são resolvidos?
23. Você acha mais fácil se relacionar com pessoas mais velhas dentro da família ou nas atividades de lazer, como as do SESC? Onde podem surgir mais conflitos? Por quê?

Parte B – Questões dirigidas aos idosos.

1. Quando jovem, criança e adolescente, como foi seu relacionamento com pessoas mais velhas? Avós, pais e outros adultos.
2. Depois de adulto, você tem convivido ou conviveu com pessoas mais jovens? Quais? Há quanto tempo ou durante quanto tempo?
3. Como foi ou como tem sido esse relacionamento com cada uma dessas pessoas mais jovens?
4. Como são as pessoas mais novas que você conhece? Por favor, descreva-as.
5. O que é ser jovem?
6. E o que é ser adulto (ou o que é ser velho)?
7. Quais as principais diferenças entre jovens e pessoas mais velhas?
8. Em sua opinião, de modo geral como se relacionam jovens e pessoas mais velhas em nossa sociedade?
9. A seu ver, existe em nossa sociedade um conflito de gerações? Se houver, porque e como isso acontece?
10. Quem geralmente é o responsável ou o maior responsável por um conflito de gerações? As pessoas mais novas ou as mais velhas?

11. Você pode dar algum exemplo de conflito de gerações?
12. Você se lembra de ter se envolvido em algum conflito com alguém mais novo? Quem? Por quê?
13. Onde esses conflitos de gerações tendem a ocorrer mais freqüentemente?
14. A seu ver, esses conflitos podem surgir na família, na escola, no trabalho ou em outras situações sociais? Quais? Por que?
15. O que é um conflito, em sua opinião?
16. O que pode e/ou o que deve ser feito para se resolver conflitos de gerações? Que atitudes, que medidas devem ser tomadas? E quem deve tomá-las?
17. Que situações podem aproximar as gerações? Ou seja, quais atividades podem favorecer essa aproximação?
18. Você acha que atividades culturais e de lazer podem ajudar pessoas jovens e mais velhas a se aproximarem? Como? Por que?
19. Você participa ou participou de atividades de lazer em grupos que tivessem pessoas mais novas? Como você se relaciona ou se relacionou com elas?

- 20.** Nessas atividades, houve alguma situação de conflito entre pessoas de diferentes idades? Como foi? O que ocasionou esse conflito?
- 21.** Se houve, como foi solucionado? Ou ainda não foi solucionado? Nesse caso, por que não foi resolvido?
- 22.** Em sua família, surgem conflitos entre você e seus filhos ou entre você e seus netos? De que tipo? Em que situações? Como são resolvidos? Ou não são resolvidos?
- 23.** Você acha mais fácil se relacionar com pessoas mais jovens dentro da família ou nas atividades de lazer, como as do SESC? Onde podem surgir mais conflitos? Por quê?

Parte C – Questões dirigidas aos educadores envolvidos no planejamento e acompanhamento das atividades intergeracionais

1. Relate-nos as principais atividades intergeracionais no SESC que você teve a oportunidade de programar e acompanhar.
2. Como e por que ela foi programada? Com surgiu a idéia?
3. Como as pessoas foram convidadas para dela participarem? Em que medida o caráter intergeracional da atividade foi a elas explicitado?
4. Como reagiram ao convite?
5. Ao se darem conta de que iriam fazer parte (ou já estavam fazendo parte) de um grupo intergeracional, como se comportaram? Com naturalidade ou houve algum estranhamento? Nesse caso, de que tipo? Houve alguma hesitação ou mesmo recusa em participar?
6. Daquilo que você pôde observar sobre o relacionamento entre os mais velhos e os mais novos o que mais lhe chamou a atenção? Por quê?
7. Surgiram dificuldades de relacionamento entre as gerações? De que tipo?

8. Surgiram conflitos? Como se manifestaram? Quais foram os desdobramentos? Como reagiram as pessoas diretamente envolvidas? E as outras? Como reagiu o profissional contratado (ou o técnico do SESC)? O conflito foi solucionado?
9. Em sua opinião, que providências devem ser adotadas em relação a conflitos dentro de grupos intergeracionais nucleados para atividades de lazer?
10. De modo geral, como devemos encarar os conflitos interpessoais? Como devem ser conduzidos?
11. E quando eles se dão entre pessoas idosas e pessoas jovens? Quem tem mais prioridade em ter seus interesses atendidos? Em razão da idade devemos priorizar os interesses dos idosos? Por quê?
12. Você já se esteve envolvido em um conflito de gerações? Como ocorreu? Como você reagiu? O conflito foi solucionado? Como?

ANEXO II
SÍNTESE DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

I – Como se dão as dificuldades de relacionamento e os conflitos intergeracionais, isto é, em que situações e circunstâncias são mais prováveis a sua ocorrência.

1 – Motivos Gerais de Conflitos (responsabilidade mútua)	Entrevistados
Diferentes idéias, valores morais, expectativas, preferências, interesses, por ex, sobre profissão e estudos, entre pais e filhos e entre alunos e professores	Renata, 40 anos Sonia, 66 anos Aline, 75 anos
Diferenças de vivenciar e administrar o tempo	Renata, 40 a.
Os “privilégios” ou direitos em excesso que a sociedade concede ao idoso podem gerar conflitos	Sonia, 66 a.
A falta de familiaridade do jovem com os adultos inibe a aproximação, p. ex na relação professor/aluno	Karina, 14 a.
A influência negativa da TV provoca conflito entre pais e filhos	Aline, 75 a.
O horário em que o jovem chega em casa	Aline, 75 a.
O desempenho escolar insatisfatório do filho	Aline, 75 a.
As condições de vida, a situação financeira do povo	Aline, 75 a.
A privação de liberdade: crianças fechadas em casa não brincam na rua por causa da violência urbana	Maria, 68 a.
Excesso de leis específicas como Estatuto do idoso e da Criança, embora já haja a Constituição	Maria, 68 a.
O distanciamento, a falta de convivência	Maria, 68 a.
O momento histórico de distanciamento geracional	Flávio, 42 a.
Conflito familiar como origem de conflitos em outros espaços sociais	Maria, 68 a.
Conflito político-ideológico com o pai	Vera, 38 a.
Preconceito à competência intelectual da outra geração	Rodrigo, 12 a.
Diferenças de opinião entre técnicos do SESC e dos idosos freqüentadores da instituição	Ronaldo, 47 a.
Um mal entendido: idosos acham que estão sendo discriminados pelos adolescentes no grupo de teatro	Amanda, 45 a.

A mãe não avisou a filha que dera um remédio ao neto e surge um conflito entre elas	Amanda, 45 a.
Divergências entre mãe e avó na educação do neto	Amanda, 45 a.

2 – Conflitos que partem de condições próprias das crianças e dos jovens ou são criadas por eles	Entrevistados
Contestação do valor da virgindade	Renata, 40 a.
Uso ou defesa do uso de drogas	Renata, 40 a.
Liberdade de viajar	Renata, 40 a.
Falta de informação e de experiência sobre os velhos	Sonia, 66 a.
Falta de paciência com os velhos, p. ex a fila de banco	Sonia, 66 a.
Imagem negativa do adulto (os adolescentes os acham chatos)	Karina, 14 a.
A relutância ou até a recusa de se tornar independente	Karina, 14 a.
Frustrações por não terem acesso a bens de consumo (p. ex brinquedos) podem gerar conflitos com os pais.	Aline, 75 a. Jussara, 75 a.
O desrespeito dos motoristas de ônibus aos idosos	Aline, 75 a.
O afastamento entre as gerações provocado pela TV e videogame assistidos pela crianças	Tadeu, 12 a.
As crianças perdem a paciência com os adultos (!)	Bruna, 10 a.
Bagunça das crianças na escola	Tadeu, 12 a, Paula, 12 a.
A desobediência da criança (não querer tomar banho)	Tadeu, 12 a.
Atitude segregacionista do adolescente em relação ao adulto (estranhar a “invasão” do espaço, a rua)	Flávio, 42 a.
A necessidade de afirmação do jovem	Flávio, 42 a.
A repulsa ao aspecto físico dos velhos	Renata, 40 a.
A bagunça das crianças em casa (mais especificamente na cozinha e no quarto da mãe, mas outras também)	Ricardo, 10 a. Paula, 12 a.
Não fazer a lição de casa	Paula, 12 a.
Ficar o tempo todo vendo TV	Paula, 12 a.
Namoro (a menina que namora um rapaz bem mais velho)	Paula, 12 a.

A “ditadura”, o oportunismo e a exploração que fazem as crianças menores com as crianças maiores	Marina, 11 a.
Falta de respeito com os velhos	Lineu, 85 a. Jussara, 75 a.
Falta de religião	Jussara, 75 a.
Na família é que se dão mais intensamente os conflitos, fora da família não ocorrem tanto.	Amanda, 45 a.

3 – Conflitos que partem de condições próprias dos mais velhos, ou são criados por eles	Entrevistados
Desatenção dos idosos com a limpeza no SESC e em decorrência o conflito com os funcionários (que são jovens)	Renata, 40 a.
Divergências no SESC entre idosos e professores	Renata, 40 a.
Preconceito dos mais velhos que consideram os jovens irresponsáveis, p. ex. no volante ou pelo consumo de bebidas ou drogas ou, ainda, porque são “desligados”	Sonia, 66 a. Luciana, 16 a.
Falta de assunto, desatualização dos velhos	Sonia, 66 a.
Falta de paciência com criança	Sonia, 66 a.
Pais que não preparam nem estimulam os filhos para trabalho	Sonia, 66 a.
Experiências negativas com filhos e netos provocam desconfiança em relação a outros filhos e netos, p.ex gravidez indesejada e inesperada.	Karina, 14 a.
A falta de atenção e de tempo dos pais, o distancimento físico e a sobrecarga de trabalho.	Aline, 75 a.
Proibições e restrições de diversão às crianças impostas pelos adultos (pais, avós e outros)	Tadeu, 12 a.
A falta de oportunidade de brincar dos adultos faz com que imponham restrições às crianças (!)	Bruna, 10 a.
Os adultos ficam preocupados que as crianças não valorizem o trabalho, apenas as brincadeiras	Tadeu, 12 a.
Excesso de lição passada pelos professores	Bruna, 10 a. Tadeu, 12 a.
Descumprimento de uma promessa por parte de um professor	Bruna, 10 a.
A falta de tempo dos pais para seus filhos	Bruna, 10 a.

Idosos reclamando do barulho das crianças e da presença de adolescentes nos bailes do SESC.	Flávio, 42 a.
Preconceito: profissionais do SESC preocupados com a segurança quando o show é para jovens. Os mais velhos acham o adolescente problemático.	Flávio, 42 a.
O caso de um aluno agredido fisicamente por um professor	Luciana, 16 a.
Resistência dos idosos que participavam de um coral unigeracional que foi transformado em intergeracional.	Mônica, 35 a.
A mãe mexe nas coisas dos filhos e estes, além de não as acharem, se sentem indignados com a intromissão	Ricardo, 10 a.
Crianças se queixam do autoritarismo de adolescentes sobre elas.	Marina, 11 a. Karina, 14 a.
Os instrutores do Curumim impõem regras e as crianças não gostam	Ricardo, 10 a.
Idosos que não têm paciência em jogar com crianças, preferem jogos competitivos e jogam entre eles	Ronaldo, 47 a.
Falta de autoridade dos pais	Jussara, 75 a.
Consumismo das crianças que se frustram quando os pais não lhes atendem em seus desejos de compras	Jussara, 75 a.
Falta de dinheiro dos pais para atenderem às necessidades ou desejo de consumo dos filhos	Jussara, 75 a.
Há avós que são maltratadas por seus netos e, por isso, não querem se envolver com outras crianças.	Jussara, 75 a.
Julgamento precipitado do adulto e críticas sem razão aos adolescentes	Karina, 14 a.
Idosos “birrentos” voltam à infância e, por isso, disputam e conflitam com os jovens	Karina, 14 a.
Queixa da filha: pai preguiçoso que não ajuda nas tarefas domésticas	Karina, 14 a.
Não existe “velho chato”, ele sempre foi assim. É um problema de formação da personalidade.	Vera, 38 a.

A lentidão de alguns idosos nos exercícios do grupo de teatro provocam descontentamento dos adolescentes	Amanda, 45 a.
O ciúmes da mãe em relação ao genro em decorrência do casamento da filha com ele.	Amanda, 45 a.
A necessidade de controle e falta de confiança nos filhos	Amanda, 45 a.
A necessidade dos mais velhos em impor as tradições	Amanda, 45 a.
Um pai que espanca a filha e acha que está certo	"X"
Um tio que abusa sexualmente da sobrinha de 6 anos	"X".

II – Modos ou estratégias para se evitar, superar ou, ao menos, minimizar os efeitos negativos de conflito de gerações.

Uma “mentirinha” que deu certo para que os idosos mantivessem limpos os espaços de SESC e, assim, evitassem conflito com as crianças e funcionários	Renata, 40 a.
Resolver os problemas através do diálogo, conversando como o pai de Rodrigo. “Sentar e conversar”	Sonia, 66 a. Rodrigo, 12 Aline, 75 a. Flávio, 42 a. Maria, 68 a.
“Deixar prá lá”, não estimular o conflito, “sair fora”	Karina, 14 a.
Revedo atitudes, reconhecendo erros, sempre aprendendo, não há idade para aprender.	Aline, 75 a.
Adultos e crianças brincando em parques temáticos. Destaque para a importância do brincar	Maria, 68 a.
Negociação entre crianças e adultos para o cumprimento das tarefas domésticas e a permissão para brincar	Bruna, 10 a. Tadeu, 12 a.
Condições materiais como casa, livros e tempo para estudar	Tadeu, 12 a.
Liberdade (há muito trabalho infantil que impede a criança de estudar, fato que gera conflito)	Tadeu, 12 a.
O adulto deve entender os desejos da criança	Tadeu, 12
Quando surge o conflito deve-se refletir sobre ele para combater os preconceitos de geração. O conflito é uma oportunidade de aprendizagem.	Vera, 38 a.

Evitar o conflito obedecendo, não contestando a ordem dos pais, para depois... fazer o que se quer (!)	Jussara, 75 a.
A participação da mãe, o envolvimento com os relacionamentos da filha evitam conflitos, pois permitem uma “liberdade vigiada”	Jussara, 75 a.
A importância da disciplina que os adultos impõem às crianças, como a do professor do programa “Gerações” e o ensino do respeito ao outro.	Jussara, 75 a.
A habilidade da professora de teatro para superar conflitos	Amanda, 45 a.

III – Estratégias para aproximar as gerações e desenvolver processos de cooperação entre elas.

Encontros intergeracionais como os que estão sendo promovidos no SESC	Renata, 40 a.
Atividades intergeracionais que ofereçam um leque de opções para atrair pessoas com diversas preferências	Renata, 40 a.
Através de atividades culturais e de lazer como as do SESC	Sonia, 66 a, Aline, 75 Ronaldo, 47 Lineu, 85
Aulas de canto como as do SESC Pompéia	Karina, 14 a.
Para os idosos o contato com as crianças do “Gerações” é muito bom	Rodrigo, 12 a.
Os presentes que os idosos levam às crianças do “Gerações” ajudam a aproximar	Rodrigo, 12 a.
No início os idosos faziam a atividade pela atividade, mas depois a motivação maior era o contato com as crianças, daí a importância do lazer.	Ronaldo, 47 a.
As crianças não se frustram com atividades lentas junto aos idosos porque antes elas têm mais agito em outras atividades só para elas.	Ronaldo, 47 a.
A importância do bom exemplo do adulto em relação à criança, porque não adianta só mandar	Maria, 68 a.
Desenvolver a amizade entre criança e adulto	Maria, 68 a.

Nas atividades de lazer as pessoas estão mais felizes, então é mais difícil surgir conflitos.	Maria, 68 a.
As crianças gostam de conversar com os avós para saberem o que eles fazem, ouvir histórias da família e espantar a tristeza.	Bruna, 10 a.
Os adultos devem brincar mais com as crianças porque é uma oportunidade de aprendizado e porque os adultos sabem organizar as brincadeiras.	Bruna, 10 a. Tadeu, 12 a.
O adulto deve compreender a criança e a criança deve ser obediente. Mas, é preciso evitar o castigo corporal. Deve haver uma negociação.	Tadeu, 12 a. Bruna, 10 a.
Uma experiência que uniu adolescentes e idosos: a memória da cidade de São Paulo	Vera, 38 a.
Uma forte identificação pessoal da profa. com adolescentes para explicar a ausência ou os poucos conflitos com eles	Vera, 38 a.
Os adolescentes do “Alta Voltagem” estão habituados a refletir e a dialogar, assim como o pessoal do Curumim, por isso não entram tanto em conflito.	Vera, 38 a.
Aproximação pelo esporte	Jussara, 75 a.
Ficar mais tempo com os filhos	Jussara, 75 a.
Mais contato corporal	Jussara, 75 a.
Mais disciplina	Jussara, 75 a.
Fazer carinho e ensinar a criança a fazer carinho.	Jussara, 75 a.
Programar atividades com mães para que aprendam a lidar com crianças através do programa SESC Gerações	Jussara, 75 a.
Os adultos devem brincar mais com as crianças	Ricardo, 10 a.
Compartilhar com os adolescentes os problemas familiares e atribuir-lhes responsabilidades e tarefas para sua resolução	Amanda, 45 a.
A educação social como estratégia para se conseguir mais respeito dos jovens pelos idosos nos espaços públicos	Amanda, 45 a.
Propor atividades que promovam a integração	Amanda, 45 a.
O bom exemplo: adolescentes se aproximam de idosos ao testemunharem a boa relação destes com crianças	Amanda, 45 a.

Para que se relacionem bem com jovens, os idosos devem ter resolvido satisfatoriamente suas fases anteriores como infância e adolescência	Amanda, 45 a.
---	---------------

IV – Como é vista pelos sujeitos a responsabilidade das gerações no conflito entre elas, isto é, qual a responsabilidade dos mais jovens e qual a responsabilidade dos mais velhos segundo os sujeitos da pesquisa.

A responsabilidade é de ambas as gerações	Entrevistas
A responsabilidade é dos dois lados	Renata, 40 a.
As duas gerações são responsáveis pelo conflito	Tadeu, 12 a.
Ambas as gerações	Bruna, 10 a.

A responsabilidade é dos mais velhos	
A responsabilidade é dos pais porque não se atualizaram	Sonia, 66 a.
A responsabilidade é dos pais porque não ficam mais tempo com os filhos	Sonia, 66 a.
A responsabilidade é dos pais por não fazerem os filhos trabalhar e se ocuparem adequadamente	Sonia, 66 a.
Os mais velhos são mais responsáveis pelos conflitos em decorrência de seus preconceitos	Vera, 38 a.
Os pais são responsáveis pelos conflitos porque não convivem com os filhos, deixam-nos com terceiros	Jussara, 75 a.

A responsabilidade é dos mais jovens	
É dos mais novos porque eles fazem coisas erradas	Karina, 14 a.

V – Representações, imagens, sentidos, significados que o sujeito tem ou faz das demais gerações, tanto em relação às mais jovens, quanto em relação às mais velhas. Incluem-se aqui as opiniões sobre o relacionamento intergeracional em nossa sociedade, de modo geral.

Os estereótipos, como o de Terceira Idade, criam dificuldade para os idosos identificarem o que querem para si mesmos, torna-os mais fechados a mudanças	Renata, 40 a.
Ser jovem está na cabeça da pessoa, se a pessoa pensar que está velha, então fica mesmo. Ser jovem é participar, é contribuir, ajudar, ensinar com o que sabe	Sonia, 66 a.
Ser velho é se isolar, o idosos deve participar	Sonia, 66 a
O adulto pensa no futuro e nas conseqüências, é responsável, sabe o que bom para ele, é independente, tem poder para fazer o que quer	Karina, 14 a.
A criança não pensa nas conseqüências de seus atos	Karina, 14 a.
Os adolescentes oscilam, às vezes, pensam nas conseqüências, às vezes, não.	Karina, 14 a.
Os idosos voltam a ser criança e, por isso, criam conflito com adolescentes. Cabe, então aos jovens, não alimentar uma discussão	Karina, 14 a.
Ser velho é só uma questão cronológica	Rodrigo, 12 a.
Ser jovem é estar conectado com o mundo, como Rodrigo está conectado com seu avô.	Rodrigo, 12 a.
Ser adulto é ter muita responsabilidade, é subir na vida	Paula, 12 a. Luciana, 16 a.
A pessoa bem mais velha pode ser outro tipo de criança, porque pode ser bastante brincalhona, como os avós e os idosos que Paula conheceu no SESC.	Paula, 12 a.
As crianças de hoje são hábeis e muito inteligentes, mexem no computador com facilidade, são admiráveis	Aline, 75 a.
Ser jovem é ser feliz, ter vida, ter muito amor, aproveitar as coisas da vida, usufruir a vida de tudo o que nela é bom	Aline, 75 a.

Ser idoso é ter entendimento, saber esperar, ter paciência	Aline, 75 a.
Os adultos são rigorosos	Marina, 11 a.
Os adultos são experientes e por isso são merecedores de colaboração e respeito	Ricardo, 10 a.
Sem os adultos a vida não teria regras	Marina, 11 a.
Os adultos devem respeitar as crianças	Ricardo, 10 a.
É muito mais freqüente a criança respeitar o adulto do que o contrário.	Ricardo, 10 a.
Os adultos são sozinhos, solitários, como é sua avó. Eles não deveriam ser tão sérios. Deveriam ser mais alegres, brincar mais com as crianças	Marina, 11 a.
As crianças alegam os adultos	Marina, 11 a.
As crianças de hoje só jogam vídeo game ou vêem TV, antigamente elas inventavam as brincadeiras	Ricardo, 10 a.
Os pais trabalham muito e não ficam com as crianças	Marina, 11 a.
Os avós brincam mais com as crianças porque já estão aposentados.	Marina, 11 a.
Os avós são os que mais adulam as crianças, por isso é que elas ficam chatas.	Ricardo, 10 a.
Os adolescentes não respeitam as crianças, são uns chatos. Acham que são os reis.	Ricardo, 10 a.
O jovem é mais curioso, tem mais interesse em aprender. Assim também deve ser o idoso.	Maria, 68 a.
Criança tem que brincar e não trabalhar como aconteceu com sua avó.	Bruna, 10 a.
Não é só estudar, criança tem que brincar.	Tadeu, 12 a.
Ser adulto é educar os filhos, trabalhar, arrumar a casa, sustentar a família... e pagar dívidas (!)	Tadeu, 12 a.
Não tem velho chato. Existe a pessoa que foi a criança chata, o adolescente chato, o adulto chato, que virou um velho chato. Ele sempre foi chato!	Vera, 38 a.
Geralmente, o adolescente aceita conversar, é raro que ele prefira resolver pela força.	Vera, 38 a.

Ser velho é como ser os velhos aqui do SESC que dançam e se divertem como eu gostaria de fazer se fosse idosa	Luciana, 16 a.
Ser jovem é se preparar para o futuro com emprego, responsabilidade, ter sua casa, ter o seu marido ou sua esposa, ter seus filhos	Luciana, 16 a.
Os idosos são mais resistentes à aproximação	Amanda, 45 a.

V – Visões sobre o conflito de gerações e sobre as dificuldades de relacionamento intergeracionais, de um modo geral.

O conflito é mais de idéias, pois cada geração tem uma expectativa	Renata, 40 a.
O conflito pode ser desencadeado também por diferenças fisiológicas: mais velhos suportam menos altos volumes de som como os jovens suportam	Renata, 40 a.
Conflitos pelas diferenças de ritmo, velocidade e administração do tempo: jovens estão habituados a fazer muitas coisas simultaneamente e em um ritmo mais veloz	Renata, 40 a.
Diferenças de valores morais	Renata, 40 a.
Cada geração só convive com ela mesma e essa separação pode gerar conflitos	Flávio, 42 a.
Há preconceito em relação aos jovens	Flávio, 42 a.
Conflito não é só diferença de opinião, é briga mesmo, é falta de respeito	Maria, 68 a.
Não basta tolerar o outro, é preciso aceitá-lo. A tolerância não elimina o conflito	Maria, 68 a.
Antigamente a escola era muito repressora, os professores violentos. Hoje está melhor	Maria, 68 a.
A criança gosta muito mais do idoso do que o idoso de criança	Maria, 68 a.
As crianças do Curumim e os adolescentes do <i>Alta Voltagem</i> estão habituados a dialogar, por isso resolvem assim os conflitos e não pela força.	Vera, 38 a.

VI – Histórias pessoais ou observadas em outrem de cooperação intergeracional, revelando lances de solidariedade, empatia, simpatia entre as gerações, em espaços variados como família, SESC e outros

Uma tia que teve um papel de avó e que teve um papel de confidente e cúmplice da entrevistada, com muito afeto e amizade.	Renata, 40 a.
A adolescente fala da profunda amizade que tem com seus avós e da importância dos mesmos em sua vida.	Karina, 14 a.
A idosa fala de seu convívio e de sua amizade com adolescentes do SESC	Aline, 75 a.
É de um depoimento que deu a alunos de gerontologia: <i>um encontro de gerações</i> (conforme sua expressão)	Aline, 75 a.
A cooperação intergeracional através do trabalho conjunto da família. A admiração pela dedicação e pela capacidade de trabalho dos avós e dos pais.	Flávio, 42 a.
Como o contato e relacionamento com as crianças do SESC Gerações a fez esquecer-se de seus problemas de saúde e de como se dá bem com essas crianças	Jussara, 75 a.
As lembranças no cultivo da terra junto ao avô	Amanda, 45 a.
As lembranças dos cuidados prestados à avó doente	Amanda, 45 a.

ANEXO III

A SOLIDARIEDADE ENTRE GERAÇÕES

Letícia de Souza Tozzi

Solidariedade, atitude e sentimento moral e social unem as pessoas na defesa de interesses comuns da família ou da comunidade em geral. Assumindo responsabilidades de auxílio mútuo, cada indivíduo, criança, jovem, adulto ou idoso, passa a sentir o dever moral e social de apoiar, amparar e proteger o outro.

A solidariedade se adquire através da educação, da vivência e dos exemplos. Para que haja solidariedade entre as gerações é necessário proporcionar meios que levem as pessoas a se tornarem solidárias como, por exemplo: encontros informais, festivos, culturais ou de lazer entre as gerações para que haja troca de conhecimentos e experiências positivas, benéficas e úteis porque existem conhecimentos e experiências prejudiciais e inúteis.

Nas sociedades atuais, notamos formação de grupos com separação por faixas etárias. Conforme o caso, essas divisões até são necessárias, mas, podendo evitá-las será melhor, precisamos dar oportunidades a todos de se encontrarem, se conhecerem e se ajustarem da melhor forma possível visando sempre o bem estar comum. É desse *tête a tête* que nasce a amizade, o respeito e a solidariedade.

Sempre se espera que os jovens sejam solidários aos mais velhos, mas, poucos esperam que essa solidariedade seja recíproca. Então, estes idosos se tornam velhos em suas maneiras de pensar e agir, acreditando nada mais ter a fazer a não ser, quando muito, realizar algum trabalho manual (quando a vista ajuda!), assistir televisão ou ajudar a criar os netos, se esquecendo completamente de que são detentores do único poder que o jovem jamais terá: o poder da sabedoria. Ah! Mas os jovens não querem ouvir conselhos! - dirão alguns. – Ora! Ora! E onde está a intuição e a sabedoria adquiridas ao longo da existência se não se aprendeu ao menos como aconselhar ou falar com as crianças e jovens, sem ser petulante ou arrogante achando-se conhecedor de tudo ou dono da verdade?

O idoso não tem o direito e nem deve se ausentar do mundo, assim como, quem nasce com um dom artístico não tem o direito de negar aos outros o prazer de sua arte. A arte do idoso é a sua experiência e sabedoria. Essa sabedoria e os conhecimentos adquiridos são passados de geração para geração através da convivência social. Portanto, a velhice jamais terá significado de fim, porque, as pessoas se perpetuam e se projetam através de seus descendentes.

A grande mãe Natureza, em sua sapiência, inventou o envelhecimento como forma de forçar os seres humanos a valorizarem mais o seu intelecto do que a sua estrutura física. Quando jovens, acreditamos que tudo pode ser resolvido "no braço" ou na força ou com a beleza do corpo. Conforme envelhecemos, já não mais podendo contar com todo o nosso vigor físico, passamos a adquirir mais compreensão e sabedoria.

A solidariedade entre as gerações não vai morrer nunca. Fraternidade e solidariedade caminharão juntas porque sempre haverá pais ou educadores que orientarão seus filhos ou alunos e estes, os de "bom coração", serão atenciosos e solidários com seus pais, avós e outros. Haverá idosos que sorrirão para os jovens, sorrisos esses que serão incentivos para que eles, os jovens, se tornem "bons" em tudo o que fizerem ou realizarem. E, na estrada da vida, enquanto a moçada está indo, os idosos (3ª ou 4ª idade) estão voltando e, nesse vai e vem, há sempre uma parada, um lugar alegre e florido, mesmo sendo imaginário, comum a todas as idades, onde as pessoas param para descansar e meditar ou mesmo para brincar ou sorrir.

Solidariedade entre gerações parece um sonho mas não é. Os mais incrédulos, instáveis e hesitantes perguntarão: Como? Pela educação e organização da família e da sociedade, por exemplo.

Com apoio e amparo municipal, estadual e federal haveria formação de grupos sociais reunidos em associações ou centros de convivência com sedes e locais próprios (como os do SESC) que teriam como objetivo desenvolver o espírito de solidariedade, integração e bem querer. Com essa aproximação, jovens adultos e idosos se conheceriam melhor, os preconceitos e estigmas, tão comuns hoje em dia, desapareceriam dando lugar para que essas gerações sejam amigas, cordiais e solidárias. Entre elas, não haveria "idades", todos seriam seres humanos com direitos e deveres.

Nossa sociedade está muito estratificada: crianças de um lado, com campanhas, estatutos e tudo, idem com os adolescentes, os adultos sufocados pelas dificuldades da vida e os idosos, com raras exceções,

"jogados às traças", como diz a gíria popular. Esses idosos estão se isolando ou sendo isolados e, cada vez mais, se distanciando das crianças e jovens e, isso não é bom, nem salutar.

Não é com essa separação que haverá o desenvolvimento da solidariedade tão indispensável à vida de uma sociedade, pois ela engloba: amor ao próximo, auxílio mútuo, bem estar e felicidade.

Piracicaba, 23/08/1994.